

MILITIA

N.º 67 - ANO XI — JANEIRO / FEVEREIRO - 1957



SUMÁRIO

NOSSA CAPA	90
EDITORIAL	5
DIVERSOS	
A Psicotécnica na Fôrça Pública — Cap. Sérgio V. Monteiro	6
O Menino Perverso — Tenente Dorival Rossi	11
Missão Francesa de Instrução Militar — Major Olímpio de Oliveira Pimentel	12
Quem Brinca com Fogo... — Cap. Plínio D. Monteiro	18
O Que Se Faz Com Os Alcoólatras na Fôrça Pública — Monte Serrat Filho	20
Educação e Adestramento de Cães Pastores — Cap. Cálpio de Campos Montes	22
A Vida Nos Mares — Professor Pedro H. Saldanha	25
Como Deve Ser Um Romance Para Mim — 1.º Ten. João Viana Jr. ..	34
Questões de Ensino — Prof. Hans Peter Heilmann	36
Se eu Fôra Presidente — Prof. Paulo Henrique	38
Problemas da Língua — Prof. José de Almeida	40
Milícia Paulista (Poema) — Cavalheiro Freire	42
Recrdações do Ano Santos Dumont	45
Nossos Heróis do Interior — Ten. Luís C. de Pontes Fabri	43
Reminiscência — Tenente Halen Chati	50
Questões Jurídicas — Monte Serrat Filho e Hildebrando Chagas	86
NOTICIÁRIO	
Posse Solene da Diretoria do Clube dos Oficiais	51
Posse do Novo Comandante Geral	56
Solenidades do 125.º Aniversário de Fundação de S. Paulo	62
Vigésimo Segundo Aniversário da A. O. R. R. F. P.	65
A. O. R. R. F. P. — Confraternização	68
Homenagem a Luís Marino	85
Festa de Natal no Tribunal Militar	90
NOTÍCIAS DAS CO-IRMAS	
Alagoas	70
Amazonas	71
Bahia	72
Ceará	74
Distrito Federal	76
Espírito Santo e Mato Grosso	77
Minas Gerais e Pará	78
Maranhão e Rio de Janeiro	79
Rio Grande do Sul	80
EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS	
Torneio de Tiro ao Alvo	82
Bola ao Cesto	83

**FALE
DIRETAMENTE
...**



... NO BOCAL DO APARELHO



E não fale excessivamente alto. Qualquer incorreção no falar ao telefone prejudica e torna desagradável a audição. No telefone, é a sua voz que o representa.

**CONSELHO
DA**

COMPANHIA TELEFÔNICA BRASILEIRA

Banco do Estado de S. Paulo S. A.

CAPITAL REALIZADO: Cr\$ 500.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — CÂMBIO
— COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS — TÍTULOS —
COFRES DE ALUGUEL — DEPÓSITOS NOTURNOS

73 AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO E
7 EM OUTROS ESTADOS

AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES —
RAPIDEZ — EFICIÊNCIA

AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO

Adamantina	Gália	Piraçununga
Aeroporto de Congonhas (Capital)	Guaratinguetá	Pompéia
Andradina	Ibitinga	Presidente Prudente
Amparo	Itapetininga	Presidente Venceslau
Araçatuba	Itapeva	Quatá
Araraquara	Itu	Rancharia
Araras	Ituverava	Registro
Atibaia	Jaboticabal	Ribeirão Preto
Avaré	Jau	Rio Claro
Barretos	Jundiá	Santa Cruz do Rio Pardo
Batatais	Lençóis Paulista	Santo Anastácio
Bauru	Limeira	Santos
Bebedouro	Lins	S. Bernardo do Campo
Birigui	Lucélia	São Carlos
Botucatu	Marília	São João da Boa Vista
Bragança Paulista	Mirassol	São Joaquim da Barra
Brás (Capital)	Mogi-Mirim	São José do Rio Pardo
Caçapava	Novo Horizonte	São José do Rio Preto
Campinas	Olímpia	São Simão
Campos do Jordão	Ourinhos	Sorocaba
Casa Branca	Palmital	Taubaté
Catanduva	Penápolis	Tanabí
Dracena	Pinhal	Tietê
Franca	Piracicaba	Tupã
	Pirajuf	

AGÊNCIAS EM OUTROS ESTADOS

Anápolis — Goiás	Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul
Goiânia — Goiás	Rio de Janeiro — Distrito Federal
Campo Grande — Mato Grosso	Uberlândia — Minas Gerais
Natal — Rio Grande do Norte	

M A T R I Z :

PRAÇA ANTÔNIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderço telegráfico: BANESPA

MILITIA inicia o seu décimo ano de existência absolutamente conscia de ter cumprido o seu dever. Nada há a acusá-la de ter claudicado, mesmo nos instantes mais difíceis por que já atravessou. Absolutamente nada existe a dizer tenha desvirtuado a missão nobilitante para a qual foi criada. Serena, tem superado incompreensões de tóda ordem, amainado paixões inconseqüentes, evitado atritos desarrazoados. Ativa, porém, jamais se intimidou e se viu afastada da rota que se traçou em defesa do que tem considerado justo. E' que há fundamentado as suas lutas naqueles princípios éticos que devem presidir às divergências inteligentes.

Não é difícil determinar a procedência das assertivas feitas. Aí estão, impassíveis e irretorquíveis, as suas páginas. E' certo que não têm a veleidade de serem eruditas; não é menos verdade, porém, que consubstanciam tôdas aquelas características do bom combate, da refrega leal, da discussão elevada, já que os motivos têm sido altos.

MILITIA tem procurado, realmente, trilhar o melhor caminho. Não se tem deixado dominar pela irreflexão quando em jôgo está o trato dos mais complexos e variegados problemas. Antes, tem-lhe sido causa de preocupações a análise dos fatos que, por tudo, dizem respeito às Polícias Militares de todo o Brasil.

Não temos dúvida, pois, em reafirmar ter **MILITIA** cumprido, com elevação, os seus deveres. Procurando bem interpretar o sentir de tóda a família policial-militar do País, atendeu às exigências da classe que lhe cumpre defender. De outra forma, orientando honestamente a opinião de ponderável parcela da nossa gente, se impôs como elemento positivo do jornalismo sadio de nossa terra.

MILITIA não abandonará a estrada boa que vem palmilhando. E, para tanto, tão só necessita do incentivo dos seus amigos, razão de ser, aliás, da pertinácia com que vem anulando tantos empecilhos.

A PSICOTÉCNICA NA FÔRÇA PÚBLICA

Cap. Sérgio Vilela Monteiro

II PLANO DE AÇÃO

O nosso plano de ação compreendeu, inicialmente, a solução dos recrutas,

Um candidato ao pôsto de soldado (policial), pode ser analisado sob os seguintes aspectos:

- 1 — Aptidões Físicas
- 2 — Aptidões intelectuais
- 3 — Personalidade (traços)
- 4 — Qualidades Sociais
- 5 — Qualidades Morais
- 6 — Aptidões Específicas

No presente quadro vamos analisar o que poderíamos sintetizar como sendo a personalidade ideal do soldado poli-

cial. "A personalidade é o conjunto integrado dos traços físicos, fisiológicos e psíquicos, cujo núcleo integrador chamamos *eu*". (Rudolfer, N.S.)

Um outro conceito que convém introduzir é o da aptidão. "Aptidão é o que diferencia, do ponto de vista do rendimento, o psiquismo dos individuos".

A psicotécnica tentará descobrir as aptidões e, tanto quanto possível, compará-las à média do grupo.

Vejamos agora o porque dessas aptidões tôdas e como poderiam ser pesquisadas.

1 — APTIDÕES FÍSICAS

Aptidões Físicas
(Entrevista e exame médico)

- | | | | |
|---|----------|---|--------------------------------|
| } | Robustez | { | Boa saúde geral |
| | | | Bom aspecto físico |
| } | | { | Finura de expressões e modos |
| | | | Boa capacidade para caminhar |
| | | | Boa acuidade visual e auditiva |
| | | | Boa capacidade verbal |

A robustez poderia sintetizar tôdas as aptidões físicas, mas preferimos separá-la para designar apenas uma boa saúde geral, um bom aspecto físico e certa finura de expressões e modos. Não resta dúvida que será um julgamento subjetivo, mas devemos nos lembrar que se trata de seleção e... "nem todos os

caminhos são para todos os caminhos". (Goethe)

A seguir, anotamos a Boa capacidade para caminhar. E' realmente importante; não só caminhar, como o ficar longo tempo de pé. Se um de nós tivesse um defeito, pé chato, por exemplo, não serviria como policial-militar.

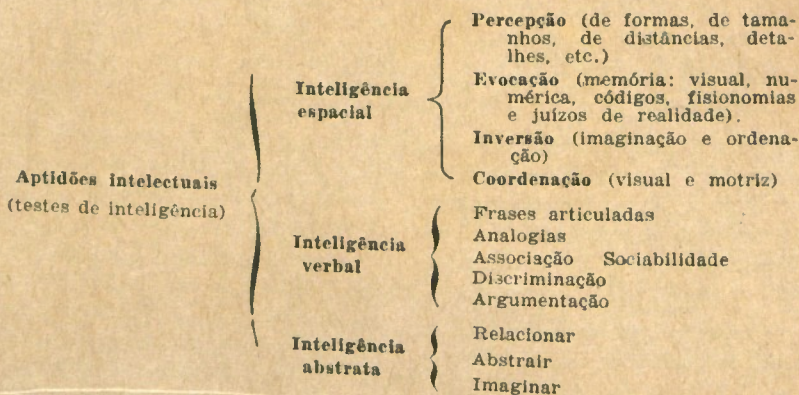
O policial deve ter boa acuidade visual e auditiva. As mais variadas atividades policiais exigem-no. Todos sabemos disso.

Finalmente, temos a capacidade verbal. É um dado de suma importância, desde que correlato com a inteligência verbal. Sim, porque um indivíduo a fa-

lar demasiado de nada adianta. Por sua vez a recíproca é verdadeira. De nada adianta uma boa inteligência verbal em um gago.

Essas aptidões, podem ser verificadas por meio de uma boa entrevista, um completo exame médico e, às vezes, por meio de testes.

2 — APTIDÕES INTELECTUAIS



Diferentes autores resumem a inteligência como sendo "a capacidade de resolver problemas novos".

"A *inteligência espacial* envolve o conjunto de aptidões da vontade, do intelecto, sensorias e motrizes". Ela aparece integrada pelas quatro aptidões seguintes: (Mira y Lopes)

- 1) Percepção
- 2) Evocação
- 3) Inversão
- 4) Coordenação

O indivíduo deve *perceber* bem as formas e os tamanhos dos objetos; calcular as distâncias e não deixar escapar os detalhes.

A *evocação* diz mais respeito à memória. O policial deve guardar bem as fisionomias, os números, e os códigos com os quais trabalha.

A *inversão* se refere, não só à capacidade de mudança e combinação, como também, e especialmente, à imaginação e ordenação.

A *coordenação visual motriz* é a aptidão que tem o indivíduo de ver e agir em seguida.

A *inteligência verbal* envolve o ajustamento interpessoal, a boa expressão das situações e os pensamentos.

Dentro da inteligência verbal, selecionamos, para o caso dos policiais, as aptidões supra mencionadas. Ele precisa lidar bem com *frases articuladas* e ser capaz de estabelecer comparação, isto é, *analogias*.

Deve ser capaz de fazer associações e precisa ainda discriminar bem e saber

argumentar. Esses dados todos nos indicam o grau de *sociabilidade* do indivíduo, desde que ligados a outros.

A *inteligência abstrata* é a capacidade de criar e compreender *relações*, de abstrair e de *imaginar*.

Há uma correlação boa entre os três tipos de inteligência citados, bem como entre os outros dados do esquema.

Essas aptidões intelectuais podem ser pesquisadas com o auxílio dos chamados testes de inteligência, dos quais apresentaremos alguns exemplares.

3 — PERSONALIDADE — Traços

Personalidade — Traços (Testes de personalidade)

Bom controle emocional
Pequena agressividade (bem dirigida)
Extroversão moderada
Boas relações eu-mundo, mundo-eu
Equilíbrio do tônus, inibição, excitação,
ansiedade, e abulia.
Ausência de traços anormais

Dissemos traços porque, justamente, a personalidade é um todo complexo, impossível de se desvendar na plenitude. Os testes, ditos de personalidade, só nos revelam alguns traços, isto é, alguns aspectos.

O nosso policial deverá reunir, no mínimo, as qualidades mencionadas.

Precisa ter bom *controle emocional* para não romper certas normas sociais, descontrolar-se e ofender.

A *agressividade* deve ser pequena ou então, se existir, ser bem dirigida. Não se entende por agressividade o fato do indivíduo querer sempre agredir alguém por qualquer motivo. Isso já seria um caso patológico. O indivíduo precisa mesmo de certa dose de agressividade para enfrentar os problemas, mas ela há de ser bem dirigida. Deve ser usada com otimismo e perseverança, no bom sentido.

A *extroversão moderada* é necessária. O policial deve estabelecer contato mas não de tal forma que se torne viscoso, inoportuno ou insistente. A *extroversão exagerada* pode levar o policial a falar demasiado e, insistir sobre fatos inúteis, é perder tempo. É evidente que o introvertido, o calado, aquele que fica

mudo, fechado, é contra-indicado. O ideal seria o ambigüal, isto é, o que sabe valer-se das oportunidades para dizer o necessário.

As relações ditas *eu-mundo* e *mundo-eu* referem-se mais à situação social do indivíduo. É o ajustamento do indivíduo face aos problemas da vida. O ajustamento eu-mundo do indivíduo revela o seu modo de enfrentar os problemas, sua confiança e entusiasmo frente às situações. As relações mundo-eu revelam a forma com que o indivíduo recebe o que lhe chega pela sociedade. Primeiro tínhamos o indivíduo avançando para o mundo; agora temo-lo a receber o mundo.

Evidentemente um indivíduo desconfiado que julga estar sendo indesejável, que os outros o perseguem, querem prejudicá-lo, fazê-lo infeliz, etc. não será o nosso homem. Também tímido, o que tem receio de se sair mal, que as coisas são difíceis, não será um bom policial.

O *tônus vital* deve ser equilibrado. Para o indivíduo deprimido, ao apático, tudo vai mal. Faltam-lhe forças para vencer. Igualmente o *inibido*, o que se desconcerta, o excessivamente tímido não pode vencer. Será melhor deixá-lo em

4 — QUALIDADES SOCIAIS

Qualidades Sociais (Entrevista e Observação) { Cortesia
Sociabilidade
Apresentação

A cortesia, a sociabilidade e a boa apresentação não constituem aptidões na acepção do termo, mas constituem qualidades adquiridas à medida que o individuo se integra na sociedade.

Uma boa entrevista, mas sobretudo a observação cuidadosa irá revelar ao cmdo. esse aspecto do seu subalterno. Os srs. oficiais reconhecerão as importâncias desses dados e, melhor que ninguém saberão avaliá-los.

5 — QUALIDADES MORAIS

Qualidades Morais (Entrevistas e Observação) { Entusiasmo
Otimismo
Perseverança
Honestidade
Sinceridade

As qualidades morais são igualmente dados subjetivos para determinação dos quais, a psicologia não possui testes bem aferidos. Não nos é possível avaliar com exatidão o grau de entusiasmo, de otimismo, de perseverança, de honestidade, ou de sinceridade. Entretanto são dados preciosos que só as entrevistas e a observação constantes podem revelar, mas sempre, aspectos parciais.

6 — APTIDÕES ESPECÍFICAS

Aptidões específicas (Observação e questionários) { Perspicácia
Espírito de corpo
Disciplina
Cultura especializada
Conhecimento da Corporação

Os individuos portadores das aptidões e qualidades mencionadas, nos esquemas anteriores, estarão em condições de se aperfeiçoar e o farão durante o

estágio na Escola de Recrutadas. Ai, desenvolverão a perspicácia, o espírito de corpo e o sentimento de disciplina. No curso irão adquirir cultura especializada,

conhecimento dos deveres, as alegrias, e os "ossos do ofício".

A psicologia poderá acompanhá-los de perto organizando provas e questionários, mas será o próprio comandante, a produção, o "espírito de cooperação", que irão nos revelar o que temos na realidade.

2 — OS TESTES — (Apresentação)

Nesta fase da palestra foram apresentados alguns testes de inteligência e um teste de personalidade, dentre os inúmeros existentes. Escolhemo-los porque são simples, práticos, econômicos e, sobretudo porque sua validade já foi comprovada para nosso meio.

3 — DEMONSTRAÇÃO

Durante a esplanção do assunto foram feitas algumas demonstrações de

aplicação de testes a fim de que se pudesse dar uma idéia mais objetiva dos mesmos.

III — CONCLUSÃO

Só nos resta concluir, como já o fizemos certa vez, afirmando que a Psicotécnica não é infalível. Existe, sim, uma maior ou menor probabilidade de acerto. Os testes não são infalíveis porque muitos fatores podem influir nos resultados.

"Devemos ter os olhos cheios de idealismos mas os pés presos às realidades. Devemos saber que o caminho em que traçamos o rumo certo só será vencido passo a passo. Devemos conhecer o desejável mas praticar o realizável.

Devemos, enfim, realizar com proveito e eficiência para que o desejável se converta em realidade". (Salvador de Madariaga).

Consumir Produtos Nacionais

- ★ E' um dever de patriotismo:
- ★ E' ajudar a libertação econômica do Brasil.
- ★ E' contribuir para o desenvolvimento da nossa produção.

O MENINO PERVERSO

Ten. Dorival Rossi

Era uma vez um menino muito mau, que apesar dos conselhos de seus pais, da orientação constante dos amigos e dos acertados conselhos dos mais velhos, jamais buscou o caminho da religião, jamais se inteirou dos princípios ditados pelo Mestre. Quando, nos domingos, todos os seus companheiros de infância iam à igreja orar e pedir para que fossem felizes no aconchêgo de seus familiares, êle, munido de estilingue, se embrenhava pela mata adentro em busca de pássaros inocentes que, nos arvoredos, alegremente criavam seus filhinhos. Seu maior prazer era matar os pássaros que se encontravam nos ninhos chocando seus ovos ou aquecendo com amor e ternura os queridos filhotes. E, quando o menino peralta e malvado, conseguia matar nos ninhos os pássaros adultos e nesses ninhos encontrava filhotes, aí então êle se manifestava mais cruel ainda, pois com tôda a perversidade concebível num ser humano, com uma agulha furava os olhos dos pequenos pássaros.

Apesar de não se alimentar bem em sua casa, conseguia compensar essa deficiência com frutos do mato e frutas dos pomares alheios nos quais sorrateiramente penetrava.

Quando alguém o convidava para ser bom, dedicado, amigo de todos e de si mesmo, êle, irônicamente, dizia ser ainda muito cedo para pensar em bobagens, e que preferia ir ao mato se divertir com os inocentes passarinhos.

E assim se passaram alguns anos sem que aquêle menino fizesse uma única boa ação, enquanto dava os maiores desgostos à sua pobre mãe que não mais o podia dominar.

Um dia o castigo chegou. Quando, de uma forma matreira, subia em um tóco para agarrar uns filhotes de tico-tico, eis que se lhe depara à frente, pronta para saltar, uma enorme serpente; e, sem que desse tempo ao moleque perverso de se defender ou mesmo fugir, a grande cobra de um bote pica-lhe o pescoço. Dado o veneno fortíssimo e a região atingida, o menino cambaleia alguns passos, nada mais enxerga e cai sôbre a ramagem para falecer sofrendo dores alucinantes.

Os pássaros que presenciaram a terrível morte do menino, apesar de sentirem dali por diante a segurança de seus filhos, com um cântico triste e sonoro recolheram-se aos seus ninhos.

Se êsse menino, a exemplo dos outros meninos bons não fôsse perverso e tivesse ouvido os conselhos dos pais e de seus amiguinhos, não teria perdido a vida de u'a maneira tão atroz, e no futuro viria a ser um homem de bem, útil aos seus e à sociedade.

MISSÃO FRANCESA DE INSTRUÇÃO MILITAR

Major Olimpio de O. Pimentel

SAUDOSA reminiscência traz o título que encima este desprezioso trabalho. Traduz, para os veteranos da Força Pública, retrospectivo passeio aos idos de 1906, quando se instalou aqui a memorável MISSÃO INSTRUTORA. O sugestivo título não me pertence. Copiei-o do esboço histórico compilado em 1931 pelos jornalistas Euclides de Andrade (Epandro) e 1.º tenente Hely Fernandes da Câmara, por ocasião do centenário da gloriosa Milícia. Do tema simpático e de espírito gaulês, também só me cabe um terço, pois brotou ele de um bate-papo ocasional, no Serviço de Fundos, sob a presidência do cel. Higino Borges dos Santos e secretariado pelo cap. Joaquim de Paula Soares, em cujo cavaco relembramos os tempos áureos, pujantes e prestigiosos da venerável Corporação. Deliberei a partir desse encontro, que foi um regalo, transplantar para o papel a textura das "souvenances" por nós avocadas. O assunto requer tempo e espaço. Tempo eu o tenho e até posso espichá-lo a vontade; o espaço é, porém, reduzido ou limitado. Não poderei, entretanto, sintetizá-lo de modo a evitar prolixidade. Terá o prezado leitor, com a devida vênia, que suportar minha caceteação. É difícil, senão impossível, relatar numa única crônica, a história edificante da oportuna Missão. Foi em 1906 que o eminente es-

tadista dr. Jorge Tibiriçá, presidente do Estado, visando à eficiência da Força Pública, teve que enfrentar insidiosas críticas da imprensa que, se manifestando infensa e negativista às missões instrutoras estrangeiras, chegou a declarar-se numa de suas invectivas, sobre a deliberação do Governo, nestes termos:

"A primeira impressão que se tem ao ver um tão empenhado luxo de arregimentação, é a de que São Paulo se arma para alguma guerra. Não sabemos como os legisladores da Constituição Federal comprehenderam a policia, quando a deram aos Estados, guardando para a União o exercito e a defeza nacional. Ninguem ousará, porém, dizer que seja para os misteres usuaes de guardar ruas e metter relapsos no xadrez, que os nossos policiaes carecem de instrucção de officiaes vindos da escola de Saint-Cyr ou Saumur".

Eis o diapasão dos periódicos da época, para gáudio do leitor sempre sôfrego pelas publicações humorísticas:

*"Que regalo! Que delicia!
Vae ser cousa de escachar
vêr entrar nossa policia
nessa instrucção de além-mar!
Mas, que arrelia! Que alarme!
Nas fileiras, que rebate:*

— Armes sur l'épaule... droite!
 — Reposez... reposez... z'armes!
 — Faites assez d'attention:
 Bayonnettes... Bayonnettes... z'on
 — Position... tireur debout!
 — Position... tireur genoux!
 — Tireur... couché!
 — Très bien! Chargez!
 — En joue, messieurs!
 — Tonnerres! Feu.
 Ah! que cousa de encantar
 vêr depois disto a policia
 dessas vozes sem pescar
 patavina! Que arrelia!
 E a brava officialidade,
 mais tarde, repetindo essa instru-
 ção,



O General Nerel, quando cel. chefe da
2.^a Missão Militar Francesa
(1913-1914)

gritará p'ro batalhão:
 — Avant quatre de massade"!

Já outro jornal assim dizia:

LA BIEN VENUE

"Os officiaes francezes
 tiveram feliz viagem,
 que vae dar á reportagem
 um prato p'ra muitos mezes.

Agora o vocabulário
 no quartel, é desta vez,
 á custa do dicionário,
 feito sómente em francez.

Falar o francez é chic
 n'um quartel como o d'aquí,
 pois o soldado com tic
 deve dizer:- bien merci.

E' lingua mui delicada
 e muito melhor que a ingleza,
 e p'ras damas não há nada
 como essa lingua franceza".

No anedotário a verve da imprensa
era de fertilidade inaudita:

Ontem, no Quartel:

— Sargento Guilhermel

— Prompto, capitão.

— Porque castigou o soldado 38?

— Porque o apanhei falando de

V.S. diante da companhia.

— Falando de mim! Fez muito bem.

E que dizia esse patife?

— Dizia que o capitão fala o fran-
cez como uma vacca hespanhola".

* * *

Um official francez instruindo um
soldado de policia:

— A la gauche!

O soldado estupefacto:

— Que gancho, seu tenente?

— E bien, à la droite!

— Aladroadado, não, senhor, seu tenente, si V.S. pêga nos insurtá eu arrequeiro bacha. Veja lá como fala, "monsii"...

Contudo o presidente Tibiriçá não modificou o plano que logo se converteu em realidade. No dia 27 de março, o comandante geral da Fôrça Pública, coronel Argemiro da Costa Sampaio, recebeu do dr. Washington Luis Pereira de Souza, Secretário da Justiça e da Segurança Pública, o seguinte officio, dando-lhe conhecimento do contrato da Missão: "Comunico-vos que, segundo o contrato celebrado entre o ministro da guerra da República Franceza e o ministro plenipotenciário do Brasil, em Paris, para a vinda dos officiaes do exército daquela nação, que têm de servir como instructores da Fôrça Pública do Estado, a missão contractada compõe-se do chefe sr. Balagny, comandante de batalhão, n.º 103, regimento de infantaria, e do sr. Negrel e sr. de La Brousse, este sargento do mesmo regimento, e aquele tenente do 24.º de infantaria, tendo o chefe da missão as vantagens e as honras do posto de coronel comandante geral e os outros dois membros, o primeiro a graduação de tenente-coronel comandante de batalhão e o segundo a de alferes, usando todos o fardamento do exército francez, com as insignias da Fôrça Pública de São Paulo. Outrossim, vos comunico que, nos têrmos do referido contrato, o sr. Balagny e o sr. Negrel têm direito, cada um, a uma ordenança para o seu serviço pessoal e a um cavalo, cujas despesas correm por conta do Estado".

Para instruir a cavalaria poucos meses depois chegou a São Paulo o cap. de Dragões, Statmuller Frederic. Ini-

ciou o cel. Paul Balagany com seus intrépidos auxiliares, verdadeiro trabalho de catequese, malgrado os ventos soprassem contra. Dois foram seus maiores opositores: a imprensa mordaz, satirica, implacável, e certos elementos inconformados da própria Milícia, que pela incompreensão espalharam o derrotismo e o descrédito, acirrando os ânimos a tal ponto, que resultou na tragédia monstruosa de 11 de junho de 1906, em que perderam a vida o tenente-coronel da Missão Francesa, Raoul Negrel e o alferes da Fôrça Pública Manoel Moraes Magalhães, varados pela bala homicida do sargento José de Melo, quando êste fazia exercicio de carregar. Num gesto insano, carregou o fuzil, apontou-o e abateu o malgrado official, indo o fatal projétil imolar o alferes Magalhães, que se achava no gabinete de trabalho. Em contraposição a êsses dois empecilhos estava o braço forte do Governô. Os drs. Jorge Tibiriçá e Washington Luis foram inflexiveis. Contou também a incipiente Missão com a valiosa ajuda de officiaes cultos e estudiosos, que lhe prestaram inestimáveis serviços. A bem da verdade e da justiça passo a citá-los, reverenciando com saudade a memória dos que já alçaram vôo para o incognoscível e, com admiração e respeito, aquêles que, ainda como eu, respiram êsse ar contaminado de óleo cru que predomina em nossa Metrópole, envenenando corpo e alma de seus habitantes. São eles: Cel. **Pedro** Dias de Campos. Idealizador da Escola de Educação Física, a qual foi fundada em 1902 sob sua inspiração; ali se cultivava ginástica e esgrima, gozando esta da preferência de seu criador, diretor e mestre insigne. Em 1906, com o advento da Missão Francesa, ajudou o tap. Delphin Balencie na elaboração do Regulamento de Esgrima. Junto à Mis-

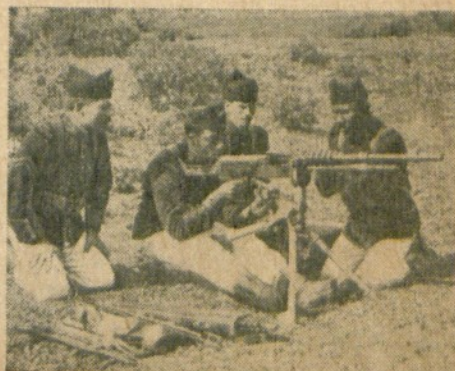


Primeira visita ao Quartel da Luz pelo dr. Eloi Chaves, quando assumiu a Secretaria da Justiça e Segurança Pública. Ladeam-no os srs. cel. Batista da Luz, comandante geral da Força Pública (direita) e Antônio François Nerel, chefe da Missão Francesa (1914)

são foi tradutor, instrutor e preceptor de vários tentames postos em prática. Quanto à disciplina seu potencial foi insuperável; tenente-coronel Pedro Arbués Xavier, culto, inteligente e disciplinado, salientou sua colaboração como tradutor e instrutor de raro mérito. Caiu, heróicamente lutando pela LEGALIDADE em outubro de 1930, no litoral do Estado, ao proferir: "Um soldado paulista morre mas não se entrega"; cel. José Sandoval de Figueiredo, tradutor, mestre insigne e de caráter modelar. Criou, organizou e dirigiu o Curso Especial Militar, cadinho onde se fundiram as primeiras turmas de oficiais de nível superior; tenente-coronel Francisco Júlio Cesar Alfieri. Inteligente, culto e desprendido, teve ação direta junto à Missão, evidenciando alto índice profissional; tenente-coronel José Dias dos Santos, oficial de escol, instrutor de nomeada, colaborou diretamente com a Missão. Criterioso, inteligente, dedicado, difundia ensinamentos à tropa com invulgar habilidade. Tenentes-coronéis João Ferreira Leal e Manuel Nunes Cabral; majores Pedro Duzzet e José Espindola de Magalhães; 2.o

tenente Alfredo Ribeiro de Castro e outros que, por involuntária omissão não constem nessa crônica, foram, como os primeiros, consolidadores da gloriosa Missão Francesa que, sem contestação, logrou ser um dos fatores do progresso ascensional e vertiginoso do Estado Bandeirante. Com o trabalho intensivo de instrução, tivemos em breve resultados surpreendentes. A infantaria disciplinada, coesa e garbosa, logo se impôs ao consenso do público e da própria imprensa, quer nas magnificas paradas militares realizadas no Prado da Mooca, ao som da marcha "Défiler", quer no policiamento impecável feito na cidade pela então Guarda Cívica. Está, pois,

Exercício com a metralhadora pesada Hoctikss (1913)

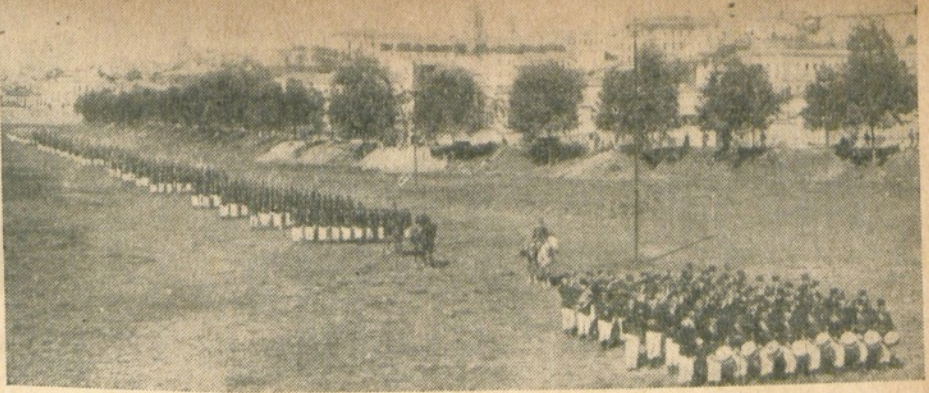


com a boa causa uma arma poderosa - a imprensa; tudo mais se foi normalizando e não demorou estava tãda a Fôrça Pública, integrada num regime de ordem, de disciplina e de trabalho. O que dizer do Regimento de Cavalaria? O alto teor de instrução recebida dos oficiais franceses, deu-lhe prestígio invulgar. Em todos os cometimentos o seu grau de eficiência foi sempre patenteado; nos concursos hípícos portou-se invariavelmente sobranceiro, apresentando competidores do cunho moral de Oscar Luís Consistré, que tantas glórias conquistou para o seu Regimento. Não esqueçamos esse fato curioso. O cap. de Dragões Statmuller Frederic, veio para São Paulo logo no limiar da Missão Francesa e não mais quis voltar à França. Como segunda Pátria adotou o Brasil, e até hoje permanece entre nós, visita cotidianamente o Regimento de Cavalaria, monta e faz equitação. A primeira Missão Francesa, chefiada pelo cel. Paul Balagny durou oito anos, de 1906 a 1913. Foi esta que fêz a derrubada, a queimada, a monda e a sementeira. A segunda, mais numerosa, fêz a colheita do fruto já sazonado (Não vai nisso nenhum demérito, uma vez que inenarráveis são os benefícios trazidos pela sua continuação). Chefiada pelo general Antoine Nérel aqui esteve em dois períodos: de 1913 a 1914 e de 1919 a 1924, sendo constituída pelos seguintes

oficiais: general Antoine Nérel, chefe; tenentes-coronéis Rodolphe Prost, De Prémorrel e Auguste Gatelet (Caçadores a Cavallo); Alfonse Faneau, Charles Etienne Souty, Louis Jusselain e capitães Louis René Demergian, Adrien Delboss, Camillo Gueritat (infantaria) e Delphin Balencie (Mestre de Educação Física). No advento da Missão Francesa foi estabelecido o sistema de revistas semanais nas malas das praças de pré, quando se arrecadava tudo o que era proibido pelo regulamento: navalhas, facas, revólveres e até canivetes de lâminas aguçadas. Tal prática foi providencial, porquanto era raríssimo acontecer crime perpetrado por elementos da Fôrça. Aos componentes da Milícia era vedado frequentar bares e botequins, mesmo estando de folga e para saciar a sede, o que evitava o espetáculo deprimente de levas de soldados e até... se aglomerarem em certos antros onde impera o vício que estigmatiza e corrompe a espécie humana. Praças de pré, quando fardadas, não podiam transitar pelas ruas Cruz Branca, Conselheiro Nébias, Chavantes e outras "zonas", onde se instalavam mulheres da vida airada. Tal medida, contanto parecesse despótica, muito concorreu para impedir distúrbios e arruaças, uma vez que, na Fôrça, não se tolerava elementos capazes de denegrir a sua reputação. Poderia, ainda, enumerar coisas e coisas introduzi-

Exercício de conjunto (baioneta) pelo 1.º B.I. na Praça do Carmo, no ano de 1913.





A Fôrça Pública num dos seus tradicionais desfiles sabatinos, realizados na Várzea do Carmo, em 1913.

das pelos nobres oficiais gaulêses, que além de sobrecarregados com exercícios diários no campo, palestras em salas de aula e instrução de policiamento, cuidavam da apresentação individual dos componentes da Milícia, ensinando-lhes boas maneiras perante a sociedade civil. E' porém, tempo de parar. Não me é possível, como frisei de início, resumir numa só crônica, a história memorável da Missão Francesa. Meio século! Cinquenta anos!... O' Missão Francesa de

Instrução Militar, êste frívolo trabalho escrito em teu louvor, no transcurso do cinquentenário da tua vida, foi inspirado no colóquio havido entre três veteranos, três oficiais da "velha-guarda", que viram de perto a tua obra fenomenal! gigantesca! prodigiosa!!! A Higino e Soares, o meu abraço fraterno, a ti, o culto da minha veneração e das minhas homenagens.

Salve Missão Francesa! Mil vezes salve!...



CURSO GRATUITO DE TAQUIGRAFIA

A Escola Modelo de Taquigrafia, dirigida pelo prof. Sérgio Thomaz, abriu matriculas ao novo curso de taquigrafia por correspondência que terá a duração de cinco meses, após o que serão conferidos diplomas aos alunos aprovados em exame final. Para maiores informações escrever à Escola Modelo de Taquigrafia, rua Barão de Itapetininga, 275, 9º andar, sala 91, Caixa Postal, 8600, fone 36-7659, São Paulo.

No começo foi como na saudosa lição da cartilha:—"Paulo corre atrás da bola. A bola é de Paulo. Peri corre atrás da bola. Paulo é um menino. Peri é um cão". (Os cachorros das cartilhas, sempre, são, pomposamente, chamados de cães.)

Paulo não corria somente atrás da bola. Também, jogava gude, caçava passarinhos, brigava com outros meninos, praticava as diabruras que todos os garotos fazem (e algumas meninas excepcionalmente) e, sobretudo, fazia fogueiras. Seu pai sempre recomendava:-

gada pelos pais, e a outra metade pelos filhos". De fato, para as crianças, os pais são aqueles indivíduos que estragam todos os nossos brinquedos, e não nos permitem realizar as mais divertidas concepções do mundo. Quando um fiapo de idéia nos aconselha a subir a um telhado, quando, só para assustar os colegas, pretendemos carregar no bolso (já atulhado de papel, barbante, tóco de vela, fósforos, navalha quebrada, parafusos, canivete, tampinhas de cerveja, elástico, chumbinho, pedras de

— Já aprontou suas lições?

— Vamos parar com êsse negócio de tomar sorvete, a tôda hora.

— Outra vez, dinheiro!?

E', eles foram feitos, unicamente, para contrariar e perseguir os filhos; não se pode explicar de outro jeito. Eles podem se molhar na chuva, pôr fogo em trastes, arrancar pregos de parede, mas, "viram um trem", quando os filhos fazem essas coisas, a título de cooperação, exclusivamente. Quem o pode entender?

Há certas ocasiões (por que não dizê-lo) que a gente chega a odiá-los. Não negue. Um ódio infantil, fugaz, sem conseqüências, um relâmpago de ódio, digamos, mas sempre um "ódiozinho".

.....
A infância de Paulo foi assim:- êle "reinando", o pai "dando-lhe a baixa", "reprendendo-o sem constatar dos assentamentos".

Quem brinca com fogo... ...acaba se queimando

Cap. Plínio D. Monteiro

— Com fogo não se brinca, Paulo! Quem brinca com fogo, acaba... se queimando. De outra vez, eu te desanco.

Paulo, porém, gostava do fogo!

Os anos se passaram, como sempre passam desde os princípios dos tempos, e Paulo cresceu e criou barba.

.....
Como disse alguém:- "Metade de nossa vida é estra-

variados formatos, etc.) uma garrucha ou um punhal perdido naquela gaveta da mesa capenga; ou queimar um colchão velho, lá no quintal (sim, amigo, existem casas com quintal, e até quintais com árvores) tôda vez "os velhos" adivinham as nossas "boas" intenções e cortam-nas as azinhas. Só sabem, mesmo, é gritar:-

— Não faça isso; vá tomar conta do seu irmãozinho.

CAPITULO II

A REALIDADE

Depois, pela existência afora, os brinquedos se transformam em profissões, e os Paulinhos, Antoninhos, Rubensinhos e Joãozinho encrompridam as calças e passam a brincar com a vida. Então as brincadeiras tomam o nome de trabalho, e têm decorrências nem sempre agradáveis.

Paulo "baixou neste centro", isto é, veio parar na Fôrça Pública de S. Paulo. E aí continuou a brincar com fogo, agora muitas vê-

zes, com real perigo para a sua integridade física. E, como êle, inúmeros indivíduos crescem e passam a ter por função ser "herói das chamas".

Muitos anos depois, numa madrugada, um desses fogos que dão uma ligeira visão das Geenas, alastrou-se, sinistramente, pelo cáis novo do Saboo, lambendo com gula as instalações do oleoduto da C.D.S.. Entre a Alemea e a Ilha de Barnabé (dois imensos depósitos de inflamáveis) augurentamente, baloiçava o "Universe Leader", bojudado, satisfeito com suas 85 mil toneladas de petróleo bruto a lhe insuflar o orgulho de maior navio petroleiro do mundo.

Os canos condutores explodiram várias vezes, jorrando o óleo em combustão das suas entranhas de ferro, criando em tôrno paavorosa fornalha de Moloch.

Os bombeiros, sob as ordens do cap. Paulo Marques Pereira, enfrentaram o fogo e a fumaça, arriscando suas vidas, desprezando a bravura e estoicismo, evitando a propagação do inferno de chamas líquidas, que se atingisse o petroleiro produziria imprevisível catástrofe, destruindo talvez grande parte do pôrto de Santos, e roubando inúmeras vidas.

Em Boletim, elogiou-os com acêrto o Cmdo. Geral, para que todos nós tomás-

semos conhecimento dessa ação de bravos.

EPILOGO

Aí está a receita para ser herói, e a Força Pública orgulhar de nós. Não há necessidade de morrer ou ficar aleijado. Basta, tão sômente, ter coragem de arriscar a vida em benefício de outrem ou da coletividade. Só ISSO. Cumprindo o lema acima, vocês poderão verificar, pessoalmente, como é FACILÍMO ser herói. E' só coragem, desprendimento e "outras coisitas mas".

Quem brinca com fogo... é bombeiro e às vezes "herói das chamas" ou defunto.



continuação da pág. 24

Regime alimentar de um filhote nos primeiros meses após o desmame:

7 1/2 da manhã. Um prato fundo de leite com aveia ou pão, um ovo cru e uma colherinha de "Fosfato de Cálcio" ou "Calcioenol Irrradiado".


11 1/2 ou 12 horas — Um prato cheio de caldo de carne, com pão embebido no mesmo. Ajuntar um punhado de carne crua ou cozida (coração, ou outros miúdos) e legumes passados no liquidificador (cenoura, beterraba).

16 horas — Um prato fundo de leite com pão e cálcio.

20 horas — A mesma refeição das 12 horas.

Ao completar um mês de vida, dar duas cápsulas de "Vermiol Rios"; aos dois meses, 3 cápsulas. Quando completar seis meses, ministrar 5 cápsulas de "Vermoids Infantil".

Vacinas — Aos três meses vacinar contra cinomose, e aos seis meses contra raiva.

 Regulamento Disciplinar em vigor na milícia bandeirante, embora fôsse aprovado em fins de 1943, quando, de há muito, já não se considerava o alcoolismo como resultante da má formação de caráter

d) — pelo cometimento constante de transgressões, se tornem nocivos à disciplina e ao serviço.

Ora, a exclusão ou a reforma administrativa dos alcoólatras pode ser medida fácil e cômoda, mas não

grupo dos distúrbios chamados "males psicossomáticos".

Não desejamos nos alongar em considerações que comprovem cientificamente a causa do vício de beber. Há os que afirmam que a sua razão de ser reside na necessidade sentida pelo viciado de um apóio, de algum meio de mitigar sua tensão nervosa. Os psiquiatras modernos asseguram que as causas provocadoras das libações alcoólicas, como meio de consôlo ilusório, são as frustrações e os desejos não satisfeitos.

O QUE SE FAZ COM OS ALCOÓLATRAS NA FÔRÇA PÚBLICA

Monte Serrat Fo.

do bebedor, encarou-o sob esse aspecto obsoleto. Assim é que, nos artigos 51, 52, determina a exclusão, mediante Conselho de Disciplina, dos aspirantes, alunos-oficiais, subtenentes, sargentos e demais praças e assemelhados, os quais:

a) — permanecerem por espaço maior de três anos no mau comportamento;

b) — forem condenados por crime militar ou comum, excluídos os culposos, logo que passe em julgado a sentença;

c) — tiverem três punições por embriaguês;

é a solução justa e humana que venha ao encontro dos interesses do individuo, da sua família, da Corporação e, em última análise, da própria sociedade. Excluir os alcoólatras pelo fato de serem alcoólatras, importaria em excluir-se também os doentes mentais de tôda natureza, bem como os portadores de doenças contagiosas. Sim, porque o alcoolista é, antes de tudo, um doente que necessita de tratamento sob o triplice aspecto: higiênico, dietético e psicoterápico. O alcoolismo não é mais considerado como defeito moral e sim, como doença que integra o crescente

O certo é que já não há quem se atreva a apontar o alcoólatra como um deficiente moral sujeito apenas à punição.

Cabem aqui alguns dados reveladores da obra inestimável que um grupo de idealistas, pertencentes à Associação Anti-Alcoólica de São Paulo leva a efeito há mais de seis anos. Lutando com dificuldades de tôda sorte, principalmente financeiras, conseguiu a benemerente Associação: reabilitar mais de quatro mil doentes alcoólatras, de diversos lugares do Estado e mesmo de outros Estados da Federação, sempre gratuitamente; realizar Semanas Anti-Alcoólicas; afixar centenas de milhares de cartazes ilustrados, de com-

bate ao álcool, etc. Querem ir além êstes admiráveis cavaleiros do amor ao próximo. Iniciaram as obras do Hospital Colônia para Alcoólatras de São Paulo, o primeiro da América do Sul, numa gleba de 20.000 metros quadrados, junto à estrada de Cotia, com a capacidade para 200 leitos.

Eis aí o que faz a iniciativa privada no combate ao mal que devasta lares e corações; a desintoxicação alcoólica, a recuperação do homem para as esposas e filhos, suas maiores vítimas, e para a sociedade.

Por que, pois, excluir ou reformar o alcoolista sem antes tentar a sua cura? Urge retirar-se a letra "c" do artigo 51 do R.D. e colocar-se em seu lugar dispositivo que determine o internamento compulsório,

em enfermaria especializada do nosso Hospital Militar, de todo aquele que seja encontrado pela segunda vez, embriagado. Mais danosa à saúde do homem é a intoxicação crônica, proveniente da ingestão diária e constante de pequenas doses de álcool. Ela é a responsável pela existência, entre nós, do policial tipo "Zé caninha" que, embora se apresente aparentemente "firme", disciplinado e prestativo, traz na face os estigmas de bebedor contumaz que o impede de impor-se ao respeito público e que o coloca na situação de individuo permanentemente no terreno limítrofe entre a responsabilidade e a irresponsabilidade. Por essas razões deveria ser facultado aos médicos regimentais pedir o internamento de todo policial que apresentasse sintomas de embriaguês crônica. Os casos mais simples poderiam

ser tratados nas próprias enfermarias regimentais, ficando êsses doentes sob a fiscalização do médico e do serviço de dia.

Vale a pena tomar-se alguma medida nesse sentido, quando mesmo o Governo do Estado se empenha na solução do problema. Por isso autorizou médico do serviço público estadual a ir aos Estados Unidos para especializar-se na Universidade de Yale, no tratamento do alcoolismo.

Recuperemos, pois, os nossos soldados, prêsas do álcool, recolocando-os na situação de bons chefes de família e de eficientes e respeitadas policiais, conferindo-lhes a assistência médica devida e apropriada, ao invés de afastá-los simplesmente da corporação a que serviram em outros tempos, por vêzes com o risco da própria vida.



ESTIMULE O APETITE

Si seu filho está sem apetite, prepare-lhe pratos com "MAIZENA". Ele apreciará as extraordinárias sopas e cremes de legumes, bem como as deliciosas sobremesas preparadas com o, insubstituível

AMIDO DE MILHO **MAIZENA** MARCA REGISTRADA



TRIANGULO



EDUCAÇÃO E ADESTRAMENTO DE CÃES PASTORES

Cap. Cílio de Campos Montes

Educação e adestramento são cousas distintas. Educação diz respeito a tudo que um cão deve saber e fazer na vida diária, tanto em casa como fora. Andar ao lado do dono prêso à guia, atender a chamado, sentar-se ao receber ordem, satisfazer às suas necessidades fisiológicas em lugar próprio, não apanhar nada que não lhe seja dado, etc. Adestramento diz respeito ao trabalho que o cão tem de executar como profissão. Vigiar a casa, procurar uma pista, imobilizar uma pessoa, conduzir um objeto, etc.

Como escolher um cão? Qual a melhor raça?

Depende do fim a que se destina. Para cão de luxo num pequeno apartamento, não iremos ter um Dinamarquês. Como cão de guarda não iremos usar um Pequinês.

Entre a enorme variedade de raças existentes podemos escolher o cão apropriado para cada caso. Existem, entretanto, certos detalhes que se observados nos livram de muitas amolações.

O cão sem "pedigree" genealógico, é uma incógnita que poderá nos causar muitos aborrecimentos e trabalhos. Sem "pedigree" poderemos comprar gato por lebre. Um lindo filhote de Dobermann, ao crescer, poderá se transformar num misto de várias raças. Não poderemos, também, sem "pedigree", contar com o acasalamento com um animal de raça e, portanto, com uma ninhada de fácil venda.

Não devemos, de outra forma, adquirir um cão de longos pêlos, dos que necessitam de muito asseio e cuidados, se não tivermos tempo para tratá-lo, ou não tivermos quem o faça.

Também não devemos adquirir um cão de grande talhe, si não dispusermos de espaço suficiente, pois êle necessita disso, para mover-se, exercitar-se, correr.

Se quisermos adquirir um cão, consultemos um entendido, que estará em condições de fazer uma indicação segura.

EDUCAÇÃO DO FILHOTE

Na educação do filhote — sua preparação para a vida diária — é necessário seguir certas regras e certos cuidados são indispensáveis, a fim de não ficarmos com um cão insubordinado e cheio de vícios.

Um velho ditado diz:- "A natureza cria o filhote, o dono faz o cão". Desde o primeiro dia devemos pautar nossa conduta para com o cão por regras apropriadas quanto à alimentação, quanto ao modo de viver, e até mesmo quanto às carícias a prodigalizar ao filhote, para sé educá-lo convenientemente para nosso companheiro ideal.

COMIDA E BEBIDA — Devem ser dadas sempre num lugar fixo e num recipiente também único, um para comida e outro para água, é lógico, e isso em hora certa de modo a regular sua digestão. Fora das horas das refeições não devemos dar nada ao cão para comer, principalmente quando estivermos à mesa. A água deve ser dada depois das refeições, e não antes nem durante estas. Depois do anoitecer (19 horas) não devemos dar mais água ou comida ao filhote para evitar que suje o lugar onde dorme.

E' conveniente que o próprio dono dê alimentação a seu cão, para que este saiba a quem pertence.

O cão deve ter um só lugar para dormir e para ficar, como deve ter um só dono e um só lugar para comer. E' necessário, pois, desde o primeiro dia decidir onde ficará sua cama.

LIMPESA — Se permitirmos que o filhote se acostume a satisfazer suas necessidades fisiológicas pela casa toda, logo teremos todos contra ele, além disso não ser nada higiênico. Para acostumar o filhote a não proceder dessa maneira, é necessário regularidade no horário da alimentação e água, e também em levá-lo para onde seja próprio para isso. Logo de manhã é necessário tirá-lo de casa, e só se deve regressar depois de verificar que o bichinho se aliviou. Praticamente o animal deve ser levado para o local apropriado logo após as refeições e, no intervalo destas, cada duas horas. Levará, talvez, uma semana para que ele se acostume a esse regime; depois bastará conduzi-lo para fora cada três horas. Dos cinco meses em diante será menos exigente a esse respeito. Se, no entanto, o filhote sujar um lugar que não deva, leve-o até esse lugar e, batendo no chão com um jornal enrolado, diga enêrgicamente "NÃO". Não bater no animal para não torná-lo tímido ou covarde. O trabalho que se tem durante uma semana é fartamente recompensador.

ATENDER A CHAMADO — Para se obter obediência é necessário usar desde o início um comando único, por exemplo, o nome do cão e a palavra "aqui". Não adianta empregar muitas palavras. A melhor oportunidade de educá-lo para atender a chamado é empregar o comando "fulano aqui", nas ocasiões de dar as refeições ou sair a passear. Depois que o cãozinho atende ao chamado, deve ser acariciado. Se porém ele não obedecer, não lhe corra atrás que ele tomará isso como brinquedo; afaste-se na direção oposta que ele logo o procurará. Pode-se também acostumar o filhote a atender a um assobio.

ROUBAR COMIDA — Um vício bastante feio e inconveniente. Para evitá-lo, não lhe dar guloseimas fora de hora de refeições e fora de seu prato. Os filhotes têm necessidade de muita nutrição para o seu rápido desenvolvimento, por isso tem desejo de comer a toda hora, cometendo então furtos de alimentos, desde pequenas migalhas no chão, até mesmo de carne da cozinha. Ao percebermos que o furto já foi praticado, levar o animal para o local do delito e batendo ali com um jornal enrolado, dizer com energia "NÃO" ou "MAU". Convém tentar o filhote com uma guloseima ou pedaço de carne, dizendo as mesmas palavras. Se tentar apanhá-la, afastá-lo, e quando ele compreender que não deve apanhar o petisco, levá-lo para o lugar de suas refeições, e no seu prato, oferecer-lhe o bocado. O cãozinho a princípio extranhará, mas depois compreenderá que não deve apanhar comida por iniciativa própria.

DESTRUIR OBJETOS — O filhote gosta de brincar, principalmente de correr e morder. Para evitar que destrua objetos ou morda móveis, dá-se-lhe um osso grande, sem carne, para morder, deixando-o ocupado. Pode-se também dar-lhe uma bola de borracha dura. Não se deve, porém, dar ossos de aves (pequenos) que são muitos perigosos para ele, e nem bola de madeira, o que lhe despertará o gosto de morder móveis. O cãozinho tem especial predileção em morder objetos de seu dono, roupas, meias, chinelas, sapatos etc., que portanto devem ficar fora de seu alcance. O filhote surpreendido a morder um objeto proibido deve ser repreendido com um "NÃO" ou "MAU".

LADRAR E CHORAR — Se o filhote ladra como a nos convidar para brincar com ele, deve ser repreendido com um "quieto". Se ladra por haver sido colocado no seu lugar de ficar, não se lhe dê importância, para que conheça que não lhe vai isso adiantar nada. Se late por haver percebido algum ruído, procure-se acalmá-lo sem repreender, para não prejudicar esse instinto natural e precioso. Com algum tempo o filhote aprenderá a distinguir os ruídos comuns dos suspeitos.

continua na página 19

A VIDA NOS MARES

Prof. Pedro H. Saldanha

(Colégio Estadual - Capivari)

Em virtude de suas condições ecológicas, o ambiente marinho exhibe acentuada vitalidade; nêle palpita a vida com fervor extraordinário, superando mesmo o que se observa no meio terrestre. Se analisarmos isso, levando-se em conta seu potencial biótico, notamos que o mar nos oferece grande variedade e quantidade de organismos, comprovados pelo simples arraste de uma rede próximo à costa, e que mais se evidencia, submetendo-se ao campo de um microscópio.

Foi provavelmente, há milhões de anos na água quente e salobra, nos mares recém-formados, que a vida, representada por uma forma acentuadamente simples, talvez por uma alga primitiva, teria se originado.

Naturalmente o primeiro organismo definido a colonizar o nosso globo deveria ser um vegetal, ou melhor, deveria apresentar cromoplastos através dos quais efetuaría a síntese dos compostos orgânicos necessários a seu metabolismo, em presença da luz (fotossíntese).

Colonizadas as águas salgadas, posteriormente as terras passaram a ser habitadas por adaptação dos organismos marinhos a este **habitat**. Foram os vegetais que primeiramente se adaptaram à vida terrestre e aí dominaram. Muito posteriormente, os animais deram início à colonização do ambiente terrestre, e atualmente podemos dizer que a fauna predomina no mar, a flora na terra.

A exemplo do que ocorre na terra, também no mar são os vegetais e animais responsáveis pela elaboração de substâncias complexas, que resultam em modificações de natureza geológica, físico-químicas e bióticas desse **habitat**.

A flora e a fauna existentes no ambiente terrestre, são quase que totalmente representadas nos mares, formando um dos três grandes biociclos do globo o **biociclo marinho**. Entretanto, os vegetais não apresentam representantes de todos os seus ramos em águas marinhas. De todos os grupos vegetais são os talófitos, isto é, vegetais inferiores, com exceção dos fungos, e principalmente das algas, que predominam na água do mar.

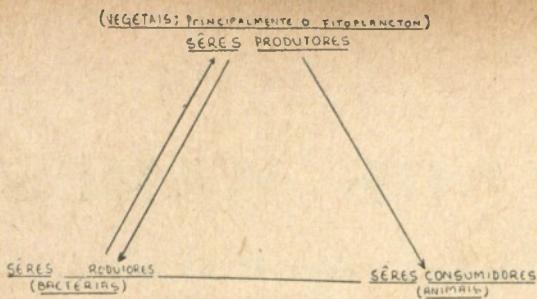


Fig. 1. Interdependência vital no biociclo marinho, decorrente da cadeia de nutrição que se estabelece nesse ambiente (veja o texto).

Os arquegoniades, isto é, os musgos e samambaias que representam entre os vegetais uma fase de transição na sua passagem para colonização do meio terrestre, não possuem nenhum representante marinho, embora necessitem da umidade para completar seu ciclo evolutivo.

Os espermatófitos, isto é, os vegetais superiores, verdadeiramente não têm representantes no ambiente marinho, a não ser formas reversas que passaram secundariamente da terra para a água.

No mar encontramos somente 2 famílias de vegetais superiores. Comparando-se a vegetação marinha com a terrestre, verifica-se uma multiplicidade e diversidade de formas neste último ambiente, contrastando com a escassez de variedades no **habitat** marinho. Essa relativa pobreza de vegetais no mar contrasta com a enorme pluralidade de formas da fauna que aí predomina.

Todavia persiste entre os vegetais e animais marinhos uma interdependência vital sem a qual ambos os grupos não poderiam sobreviver; esse fenômeno se fundamenta na produtividade vegetal sem o que não se manteria o equilíbrio biótico. Esse equilíbrio se processa através de uma **cadeia alimentar** ou **ciclo de nutrição**. Assim, no mar há 3 tipos de seres: **produtores** - representados pelos vegetais; **consumidores** - representados pelos animais tanto herbívoros como carnívoros e detritívoros, e **redutores** — representados pelas bactérias. Os produtores formam a matéria orgânica que é consumida pelos animais; seus resíduos, a matéria orgânica não assinalada, e excreções, são então reduzidos e transformadas em substâncias simples ou minerais pelas bactérias, e serão novamente utilizadas para síntese da matéria orgânica pelos vegetais, através do processo fotossintético. (veja fig. 1)

A grande maioria dos vegetais marinhos é constituída pelos vegetais inferiores ou mais exatamente algas, principalmente clorofíceas e diatomáceas. Para estes seres é de

capital importância, em virtude da fotossíntese que têm de desenvolver para manter sua própria vida e produção no mar, à presença da luz. Conseqüentemente, a fixação ao substrato ocorre para garantir um «ótimum» de luz para ocorrência dos processos fotossintéticos. Verifica-se, então, que na zona das marés ou zona litoral é onde há suficiente penetração de luz (zona eufótica), e onde vive a quase totalidade da flora marinha fixa, pois somente uma pequena parte do solo marítimo apresenta condições adequadas à fixação da flora. Dêste modo, a produção de vegetais marinhos fixos só permite subsistência a uma pequena parte da fauna, sendo então compensada pelos vegetais microscópicos livres, isto é, o **fitoplâncton**, representado por algas que flutuam ao sabor dos movimentos marítimos.

Abaixo dessa zona de produtividade vegetal situam-se 2 estratos de luminosidade, ainda: as zonas disfótica e afótica. Na camada disfótica, ocorrem outros vegetais que utilizam comprimentos de onda luminosa de penetração relativamente mais profunda, como algas pardas e vermelhas (feofíceas e rodofíceas) cujos cromoplastos, com pigmentos vários (verdes, vermelhos, azuis, etc.) se adaptaram àqueles tipos de radiações complementares. A produção vegetal na zona afótica é nula.

Todos os ramos animal apresentam representantes no mar onde predominam e exibem grande polimorfismo ao lado de abundante ocorrência, constituindo um complexo sistema biótico. As formas dos animais marinhos são as mais variadas em virtude das grandes adaptações que estes seres efetuam para sobreviver às enormes pressões da massa líquida, a diminuição da intensidade da luz, as variações de temperatura, a locomoção na massa líquida e a relativa homogeneidade do meio ambiente. Assim, verificam-se seres com formas mais aberrantes, notadamente entre aqueles que vivem em regiões muito profundas, onde reina intensa pressão e os raios solares não logram atingir.

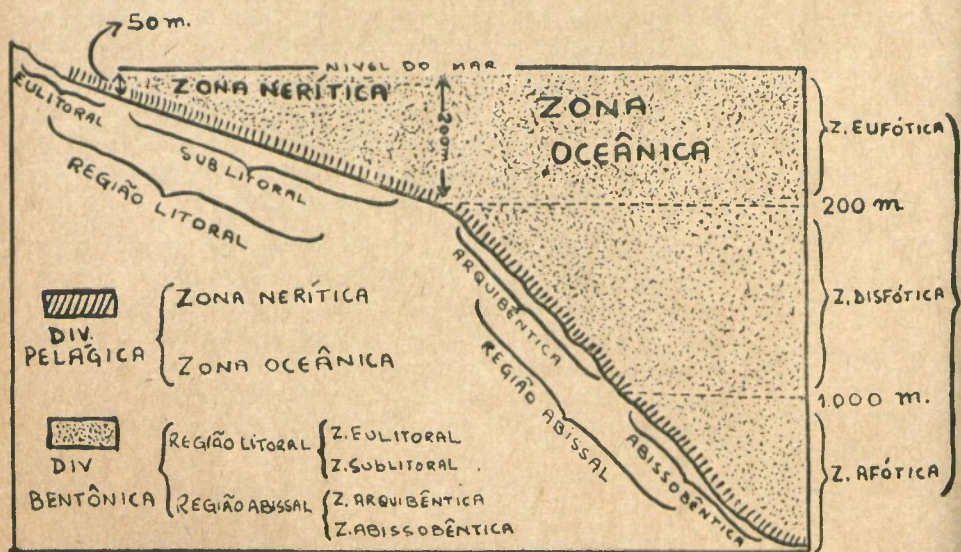
De modo geral os animais que vivem no fundo do mar, apresentam um achatamento dorso-ventral sendo que o dorso exhibe pigmentação mais acentuada em relação à parte ventral; os que colonizam a massa líquida apresentam a forma cilíndrica ou torpedo, o que permite dispensar um mínimo de energia para sua locomoção. Para êste fim, apresentam órgãos e estruturas especiais como apêndices em leque ou nadadeiras.

Aquêles que habitam as regiões mais profundas ou abissais não apresentam órgãos fotoreceptores, pois a luz não atinge até onde vivem; conduzem, não raro, adaptações especiais com formas e configurações bizarras como apêndices sensorias e órgãos portadores de luz fosforescentes quanto subsiste a visão nestes organismos, que permitem contacto com o meio ambiente.

As seguintes estimativas dão uma idéia da riqueza de organismos e sua diversidade orgânica, principalmente de sem se mencionar as 12 mil espécies de aves que têm seu animais que ocorrem nesse biociclo. Aí encontram-se nada menos de 90 mil espécies de invertebrados e 14 mil de algas, regime alimentar, dependendo de animais do mar. O fitoplâncton, base da pirâmide orgânica do talassociclo, é abundantemente representado pelos dinoflagelados, crisofíceas e diatomáceas, organismos microscópicos que ocorrem em quantidades verdadeiramente astronômicas.

As condições do habitat aquático sofrem grande influência das atividades bióticas, porque as características físico-químicas da água do mar e a composição e frequência dos sais e elementos dissolvidos, se ressentem com as trocas metabólicas dos seres que vivem neste meio, havendo pois uma interação destas características com as atividades da flora e da fauna marinhas. As mudanças das primeiras ocasionam modificações adaptativas nos últimos, às novas condições. Naturalmente essas modificações anatomo-fisiológicas são limitadas pela capacidade genética de se adaptarem ampla (euribiontes) ou reduzidamente (estenobiontes) às multiformes variações do ambiente, isto é, dependem da adaptação específica às diversas condições ecológicas.

Fig. 2. As diversas zonas do espaço marinho, consideradas verticalmente (divisão pelágica) e horizontalmente (divisão bentônica).



No ambiente aquático, em virtude da não ocorrência de acentuadas variações do meio, não necessitam os seres que aí vivem de se adaptarem a grandes oscilações, como gradiente de temperatura, e perda d'água por evaporação. Em consequência da grande transparência da água pode a vida vegetal e principalmente animal, estabelecer-se em profundidades relativamente amplas e favorecer o aparecimento de órgãos fotorreceptores e de orientação (linha lateral, por ex.) mais ou menos desenvolvidos.

Outro fator que tem grande importância no biociclo marinho é o pH, ou as mudanças do meio de ácidos a alcalino e vice-versa. Há mesmo certas comunidades de plantas e animais para cada variação restrita de pH, constituindo, por conseguinte, um fator de isolamento ecológico. Tem sensível influência nas modificações desta natureza, por retirar o CO₂ da água para os fenômenos da fotossíntese, os vegetais, comprometendo assim o pH do ambiente aquático. Do mesmo modo, um pequeno aumento na alcalinidade é compensado pela dissolução de CO₂ das camadas gasosa em contato com a superfície da água, que equilibra aquela variação. O meio alcalino condiciona a existência de organismos que exibem formações esqueléticas calcáreas, como por exemplo conchas e carapaças elaboradas às expensas de sulfatos e carbonatos de cálcio, não raro com sílica, que ocorrem em ambiente alcalino.

A maior densidade do habitat aquático, e mais acentuadamente do meio marinho, permite o aparecimento de organismos com pesadas formações esqueléticas, o que não dificulta sua manutenção à superfície d'água; essas estruturas não poderiam ocorrer no meio terrestre.

O substrato aquático é mais adequado à vida das células, por apresentar os elementos necessários para equilíbrio vital do protoplasma, em dissolução no próprio meio. Tanto isto é real que os organismos adaptados à vida terrestre adquiriram «um meio interno líquido circulante», que seria o vestígio do ambiente aquático e o preço da conquista adaptativa da terra, desde que a água é condição básica e indispensável à existência do protoplasma.

A concentração salina do meio tem grande influência sobre a pressão osmótica das células dos organismos inferiores que efetuam a assimilação das substâncias químicas, através das paredes das próprias células (seres pecliosmóticos), mantendo quase uma isotonia com o ambiente. Nos organismos mais adiantados a pressão osmótica pode ser

relativamente elevada em suas células ou de modo inverso, onde a concentração pode ser sensivelmente diferente daquela do meio (sêres homeosmóticos), podendo equilibrarem-se êsses organismos a grandes variações de concentrações no ambiente, mantendo seu meio interno relativamente constante. Isto se efetua através de um mecanismo de regulação osmótica, internamente pelos órgãos de excreção. O fenômeno se verifica entre peixes marinhos que desovam nos estuários ou nos próprios rios (peixes anádromos), ou entre aquêles que descem os rios para desovar nos mares (peixes catádromos).

A luz e a pressão são outros fatores de grande influência sobre a vida no mar, oscilando ambas com a profundidade. A maior ou menor intensidade desses 2 fatores determina a existência desta ou daquela comunidade vegetal e animal. Em relação à luz, é na zona iluminada ou eufótica onde a flora mais se evidencia, em virtude de aí ocorrer a luminosidade necessária à fotossíntese; por conseguinte, é onde a produção vegetal mais se faz sentir para manutenção da fauna. Todavia, além desses seres característicos da zona de intensa luminosidade, existem aquêles que podem viver na zona pouco iluminada e outros que vivem até mesmo na camada sem qualquer iluminação. Estes que habitam essa última zona exibem grande variabilidade de adaptações convergentes às condições reinantes.

O aumento da pressão com a profundidade limita a vida, nas regiões abissais só existem seres que suportam enormes pressões decorrentes da profundidade, como por exemplo certas baleias que suportam até 80 atmosferas, podendo atingir a 800 m de profundidade. Esses mamais suportam amplo gradiente de pressão, relativamente em pequeno intervalo de tempo, em virtude da diminuição da frequência do seu ritmo respiratório (sêres euríbaros). Entretanto, há seres que só podem viver ou restritamente sob altas pressões como certos peixes abissais, lulas e pantópodos; ou só podem suportar pequenas pressões, como a fauna litorânea, limitando suas áreas de distribuição (sêres estenóbaros).

Os movimentos da massa líquida, isto é, a cinemática das águas oceânicas, contituem fator de grande importância na sobrevivência e distribuição dos organismos marinhos, porque promovem, pela circulação da água, a dissolução de gases tais como O₂ e CO₂ indispensáveis à vida desses seres; dispersam, também, os resíduos inaproveitáveis e produtos de excreção desses organismos. A circulação promove,

ainda, a difusão do material de nutrição representado por detritos, plancton, elementos químicos, etc., essenciais à manutenção da vida dos animais e vegetais. Promovem, também, a própria dispersão dos seres, expandindo sua distribuição geográfica, bem como a difusão de esporos, ovos, gametos, larvas, etc., permitindo assim maior probabilidade de sobrevivência da espécie e sua variação geográfica. Contudo, a circulação das águas pode ocasionar a morte dos seres que, conduzidos por correntes marítimas, passam por águas frias quando atingem latitudes altas, fato muito comum na corrente do «Gulf Stream».

A flora e fauna marinhas, conforme habitem estas ou aquelas regiões do espaço oceânico, recebem classificação especial que reúne grupos sem qualquer afinidade taxionômica, filogenética ou biológica; entretanto, essa classificação fundamentada na distribuição pelas diversas zonas oceânicas, tem importância biogeografia, ecologia e geologia dos mares. (Fig. 2)

Os organismos marinhos são grupados em 2 categorias: os que vivem sobre o fundo do mar, locomovendo-se, arrastando-se ou nadando ineficientemente, repousando frequentemente no solo submarino **sêres bentônicos ou bentos**. São representados por esponjas, carangueijos, estrelas do mar, pólipos, vermes de vida livre, algas filamentosas, etc. Os **bentos**, quando se situam sobre a plataforma continental, isto é, até cerca de 20cm, são ditos **bentos litorâneos**, enquanto aqueles que permanecem em profundidades maiores são os **bentos abissais**.

A outra categoria reúne indivíduos que vivem na massa ou superfície líquida **organismos pelágicos**. Dêsses indivíduos, os que apresentam resistência aos movimentos das águas, deslocando-se mesmo contra as marés ou correntes marítimas, isto é, os que têm relativa autodeterminação em suas direções, representados por baleias, tartarugas e principalmente peixes, recebem o nome de **necton**; entretanto, aqueles que não possuem locomoção bastante eficiente, permanecendo ao sabor dos movimentos marítimos, e geralmente correndo nas camadas mais superficiais, vão constituir o **plancton**.

O **plancton** é representado por vegetais ou fitoplancton e animais ou zooplancton. Os seres mais comuns são as medusas, radiolárias, larvas de estrelas do mar, pequenos crustáceos, salpas, pterópodos e, principalmente, algas micros-

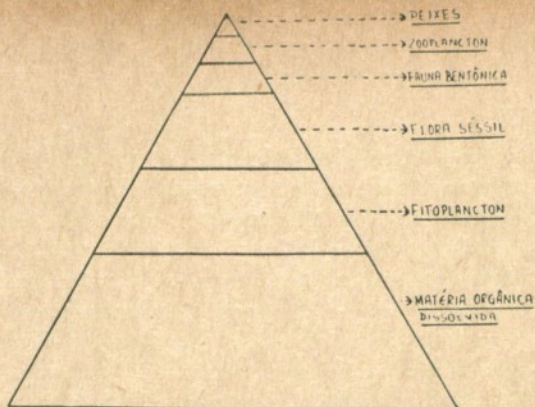


Fig. 3. Pirâmide vital (biomassa) representando as quantidades relativas de seres vivos e das substâncias produzidas por eles, no mar. Observar que os seres representados no ápice dependem daqueles representados na base da pirâmide.

cópicas. Podemos distinguir um plancton que ocorre ao longo da costa o **plancton nerítico**, e um plancton ocorrendo em alto mar o **plancton oceânico**, bem como um plancton de profundidade, conforme ocorra acima ou abaixo de 500 m da superfície do mar.

Existem muitas vezes, no plancton, representantes de populações bênticas e nectônicas que aí ocorrem transitóriamente em algumas fases do ciclo evolutivo, como larvas e ovos de peixes, estrélas do mar, etc., e ainda outros seres adultos, constituindo o chamado **plancton temporário, de transição ou meroplancton**. Entretanto, é o **plancton permanente ou holoplancton**, o principal responsável pela produção no mar. Representado principalmente pelo fitoplancton, elemento básico no metabolismo das comunidades marinhas, de sua riqueza que depende a abundância de outros seres como peixes que deles se alimentam. Sua riqueza é mais acentuada nos mares frios. No mar Báltico, por exemplo, foi verificado que em cada mm³ de amostras de águas registram-se 13 milhões de dinoflagelados, organismos unicelulares microscópicos; a composição do plancton, porém, varia muito, tanto qualitativa como quantitativamente segundo a latitude e longitude. Os organismos que ocorrem com maior frequência são águas unicelulares, protozoários e pequenos crustáceos. (Fig.3).

Não obstante apresentar os seres plânctônicos grande heterogeneidade, possuem uma série de características comuns que correspondem a adaptações convergentes às mesmas condições ambientais; assim podemos verificar a flutuação em consequência da supressão ou redução, ao mínimo, de seus elementos pesados. Dêste modo, certos moluscos reduzem suas conchas calcáreas. Muitos animais litorâneos têm planctônicas, e quando estas se desenvolvem aumentam de densidade,

adquirindo carapaças minerais, caindo por conseguinte, ao substrato. Isto ocorre as estrélas do mar e entre grande parte dos moluscos bentônicos.

Outra adaptação é verificada nos tecidos dos animais pelágicos, que se apresentam muito ricos em água, chegando nas medusas a constituir 90% de sua composição total; conseqüentemente êstes se apresentam transparentes, como também os ptenóforos ctenóforos.

A inclusão, nos tecidos dos organismos planctônicos, de certas substâncias mais leves ou menos densas que a água, tais como gotas de óleos e bolhas de gás, contribuem para flutuação de muitos ovos, pólipos e ostras que apresentam expansões gelatinosas cheias de inclusões gasosas.

Em muitos séres estas adaptações não se fazem necessárias, pois apresentam densidade quase igual a do meio que vivem, mantendo-se na superfície sem dificuldade. Isto se verifica entre algas, protozoários e pequenos crustáceos.

A locomoção dos organismos planctônicos é sempre inexpressiva, razão por que flutuam sob forte influência dos movimentos marinhos. Outras adaptações estão relacionadas aos órgãos sensoriais. Assim, ocorre desenvolvimento de apêndices e órgãos táteis, tentáculos e órgãos de equilíbrio. Certos organismos apresentam propriedades fotógenas, isto é, emitem luz como alguns diniflagelados (Noctiluca).

Devemos ainda assinalar que os indivíduos planctônicos, apresentam acentuada capacidade de proliferação, assegurando, desta maneira, a manutenção de animais de maior porte, pela sua grande produtividade.

É necessário evidenciar a significação econômica dos estudos oceanográficos e hidrobiológicos, através de sondagens batiais e do conhecimento do plancton, desde que a região da plataforma continental representa um grande manancial econômico que só pode ser explorado de maneira positiva, pelo conhecimento científico da fauna e flora que aí ocorrem. O conhecimento da distribuição geográfica, da época e modo de reprodução e desova, a manutenção de certas normas de exploração por parte do homem, evitando extermínio de espécies de alto valor econômico, que contribuem grandemente como matéria prima para indústria e na dieta de muitos povos.



Como deve ser um romance para mim

João Viana Jr.
1.º Tenente

É inegável a influência que a leitura exerce na formação cultural de todos os povos.

Decorre daí a necessidade de mantermos contacto diuturno com os livros, a fim de aprimorarmos nossa cultura.

Nesse particular, a leitura de um bom romance ocupa lugar de destaque, sendo, ainda, uma das coisas maravilhosas que o mundo nos oferece.

Há que escolher, porém, a qualidade do romance.

Para nós, faz-se necessário seja instrutivo, leve, suave, possibilitando-nos o transporte do pensamento para as regiões etéreas do sentimento puro.

A sinceridade do autor, na movimentação dos personagens pelas fôlhas do romance, deve ser tal que de sua obra emane qualquer coisa como a música, que embala e empolga, aplacando cóleras e amenizando dôres.

Assim, pois, deve êle criar, para seus personagens, um ambiente onde as mais elevadas qualidades do homem sejam cultivadas conscientemente, onde se sinta o amor ao próximo, onde transpareça o góso em plenitude, das grandes e pequenas coisas que a vida efêmera pode proporcionar, onde, enfim, sejam despertadas emoções inefáveis.

Em cada capítulo, o mecanismo dos diálogos, cuja função deve fantasiar o vasto material que jaz no subconsciente, deve afastar-nos desta luta cruel e eterna da sociedade atual, deve ser um refúgio de paz e de beleza.

As atitudes e os sentimentos despertados pelo romance não devem ser suscetíveis de deflagrar emoções com maior ou menor violência.

Ideal para nós é, pois, o romance no qual as emoções que sentimos distendam os nervos suavemente ou nos poupem a uma ansiedade inútil, e onde as lutas, às claras, são travadas no campo da inteligência.

Assim deve ser o romance para mim, porque gosto de afastar-me desta fogueira nervosa da sociedade atual, onde campeia a corrupção, a perversidade, o egoísmo, a falsidade, a desconfiança que, em grau cada vez mais crescente, desvirtuam o nosso clima, engendram defeitos à nossa raça e caluniam a sociedade; porque gosto de buscar em meus romances tudo aquilo que não encontro neste mundo, tudo aquilo que os homens na era moderna, no afã do progresso individual desmedido, deixaram em quadra de ostracismo. Aprecio viver com os personagens de meu romance a vida que seria ideal, se houvesse mais dignidade, caráter, sinceridade, confiança, compreensão, por parte dos homens.

Não desejo, e longe de mim, pensar, em vida saturada de felicida-

de, sem indagação, pesquisas, sem progresso, enfim.

Tudo isso deve fazer parte da vida que desejo encontrar em meus romances, mesmo porque a inatividade é a decadência, é a regressão, é o nada.

O progresso, pela razão unicamente, não significa aventura, injustiça, ociosidade, luxúria excessiva, esquecimento dos preceitos de vida em sociedade, para que a nossa passagem pela terra seja menos penosa.

Aproximemo-nos, cada vez mais, dos bons livros, porque, como muito propriamente disse o Padre Antônio Vieira, «o livro é um mundo que fala, um surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive».



continuação da página 37

Há que considerar, finalmente, o lado afetivo e emocional da questão. Sob este ponto de vista, o mais conveniente, sem dúvida, seria a abolição completa do exame oral. Por mais ponderados e justiceiros que sejamos, nunca poderemos fazer justiça completa numa prova em que entra a simpatia ou antipatia, ainda que inconscientemente. Mesmo o professor que não foi assediado pelos pais (também isto, infelizmente, costuma acontecer) não deixará de ter pena de algum aluno; então, um aluno quieto, educado, mas insuficientemente preparado, receberá uma promoção a que não fêz jus, o que trará graves conseqüências na sua vida escolar futura; é que, sem querermos aplicar favoritismos, lançamos mão do "indubio pro reu", que no ensino nem sempre é recomendável.

A abolição total ou parcial dos exames será certamente um importante passo no aperfeiçoamento de nosso ensino.

QUESTÕES DE ENSINO

ESPECIAL PARA MILITIA

Prof. Hans Peter Heilmann

(Do Colégio Estadual de Capivari)

* * *

OS EXAMES ORAIS

Ano após ano vemos repetir-se o mesmo erro, que de há muito deveria ter sido sanado. Todo fim de ano, de um a quinze de dezembro, os professores se esfalfam, examinando alunos que de qualquer forma já estariam promovidos, ou promovendo outros que não mereciam a aprovação, muitas vezes sem outra causa senão o excesso de fadiga, pois examinar 40 alunos numa manhã não é brincadeira. O exame oral, da forma pela qual vem sendo feito, é unanimemente condenado por todos. Não procede a alegação de que certos alunos têm mais facilidade de expressão oral do que de redação escrita. Tais estudantes, durante o ano, têm ampla oportunidade de dar mostras do seu esforço. Bastaria atribuir maior valor às arguições mensais para fazer justiça a esses alunos. A verdade pura e simples é que o exame oral é uma válvula pela qual alunos vadios, desatenciosos, ou mesmo de baixa capacidade intelectual, são aprovados em massa. Isto, além de ser imoral, constitui uma injustiça para com aqueles outros, cuja aprovação foi conseguida honestamente, nas provas escritas. Ao falar em imoralidade, longe estou de querer lançar uma pecha nalgum colega. A imoralidade está no sistema em si, não naqueles que o seguem. Ainda que o professor tenha a máxima isenção de ânimo, o máximo espírito de justiça, e fôsse imune à fadiga, o que é que podemos saber acêrca do preparo do aluno dentro do prazo "mínimo de cinco minutos e máximo de dez" que a lei preconiza, com a agra-

vante do fator sorte? Eu mesmo me penitencio de ter sido injusto, aprovando alunos que de forma nenhuma poderiam passar de ano, mas que, estritamente dentro das normas vigentes, fizeram jus à promoção. Em suma, contra o sistema vigente há duas objeções: a absurda perda de tempo, e a absoluta ineficiência. Que se pode dispensar a prova oral, vê-se pelo nosso *Ensino Normal*, que desconhece tal forma de exame. Embora eivado de notórias deficiências, nesse particular o regime estadual é superior ao federal.

Em vez de abolir inteiramente a prova final oral, poder-se-iam introduzir duas modificações que atenuariam grandemente os dois inconvenientes apontados.

Em primeiro lugar, poderíamos dispensar do exame oral aquêles alunos cuja média durante o ano, incluindo notas mensais e exames escritos, atingissem um certo valor, 7 por exemplo. Serviria isto de prêmio e de poderoso estímulo; ademais, evita-se a perda de tempo, deixando de examinar alunos para os quais o exame oral de qualquer modo não passa de formalidade.

Quanto aos demais, os que precisam de nota, seriam examinados com o necessário vagar, sem ponto sorteado; e para evitar que certos malandrinhos, que "precisam de um ou dois" ou têm média fechada, apareçam na prova final para zombar do professor (é triste escrever uma coisa dessa mas o fato tem ocorrido) há uma inovação prática, que já constou há tempos de nossa legislação: uma nota zero no exame final anula tôdas as anteriores, reprovando automaticamente o aluno. Estas recomendações, fazemo-las sob um ponto de vista prático, procurando eliminar trabalho inútil e dar mais validade moral ao processo de provas; dentro dêste critério, uma aprovação conseguida no exame oral é tão merecida quanto qualquer outra.

continua na página 35

Deixaria para o sucessor os problemas educacionais sanitários e assistenciais Cuidaria só dos problemas econômicos. Eles são a chave de todos os outros; as raízes da equação. Para construir a escola e pagar o mestre, assim como para erguer o hospital e pagar o médico, ou ainda, para edificar o asilo e dotá-lo para a sua função, há uma condição preliminar: recursos econômicos. Partindo desse ponto iniciaria, pois, se fôra Presidente ou congressista, neste país, que nada tem de falso ou miserável, e, apenas de inexplorado racionalmente, pelo esquema abaixo:

1 — Estímulo às pesquisas científicas por todos os meios de alcance do Estado, inclusive com a criação de novos órgãos, como o I.P.T. e o Instituto de Eletrotécnica, nas principais Escolas de Engenharia; com Institutos de Pesquisas Agronômicas, Biológicas

2 — Estímulo ao estudo da Engenharia com a criação de escolas, pelo Governo Federal, nas cidades de população superior a 100 mil habitantes, ainda não possuidoras desse gênero de ensino.

3 — Prospecção geológica de todo o território nacional, contratando para isso equipes de técnicos estrangeiros, como no caso da missão japonesa que aqui esteve, infelizmente por tão pouco tempo, em 1934, com tão auspiciosos resultados quando, por certo, seriam encontradas novas jazidas de carvão, minérios radioativos, de petróleo, de metais pesados e nobres.

4 — Produção de energia a baixo custo, com o estudo e exploração sistemáticos a cargo do Estado, de nossas possibilidades em carvão, petróleo, eletricidade de hidro e termo gerada, energia nuclear, etc.

e geológico, que poderiam ser feitos em três anos.

6 — Reaparelhamento dos portos existentes, estabelecimentos de outros, ampliação e melhoria de frota mercante; criação de novos estaleiros e de novas escolas de marinha mercante; em suma, formação da mentalidade naval.

7 — Ampliação da indústria básica, com a criação das indústrias de cobre, alumínio, álcalis, cimento, anilina, celulose, fertilizantes, borracha sintética, etc. para as quais dispomos de todos os elementos.

8 — Instalação da indústria complexa — de automóveis, locomotivas, navios, aviões de transportes, etc. — fundamental à nossa liberdade econômica.

9 — Racionalização da agricultura: mecanização, luta contra a erosão, florestamento, uso generalizado de adubos e inseticidas.

10 — Solução dos problemas geopolíticos mais urgentes: mudança da Capital Federal, para valorização da hinterlândia; criação de Territórios Federais ao longo das fronteiras ermas, para vitalização dessas áreas; aquisição da Guiana Francesa, para maior defensabilidade do estuário amazônico (plano Lysias Rodrigues).

11 — Relações econômicas, diplomáticas e culturais com todos os povos da Terra, sem distinção de filosofias, crenças religiosas, fórmulas econômicas ou sistemas políticos.

12 — Combate à mentalidade tendente a cercar a liberdade de culte, de pen-

SE EU FÔRA PRESIDENTE

Paulo Henrique

cas e Oceanográficas nas diferentes regiões geoeconômicas do Brasil; com três núcleos de Pesquisas Atômicas, devidamente dotados, um no Rio, outro em São Paulo e o terceiro em Belo Horizonte.

5 — Redução do tempo de ensino: o primário nunca em mais de 4 anos: 1.º ciclo secundário em 4 anos; 2.º ciclo secundário em 2 anos apenas, e redução de tempo de certos cursos superiores, como de químico



Depois dos folgedos, alimentos sadios!

Sopas, cremes, carnes, vegetais e deliciosas sobremesas resultam um maior valor nutritivo quando preparados com "MAIZENA", o alimento preferido pelo seu sabor e digestibilidade.

AMIDO DE MILHO **MAIZENA** MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

samento ou manifestação, e, bem assim, à mentalidade de belicista ou racista, mesmo que velada, tudo isto, aliás, estribado na Constituição Federal cuja deformação, pelo policiamento político, é, entretanto frequente.

13 — Imigração. Mormente de europeus portadores de experiência em culturas e atividades de zonas tropicais. É o caso dos holandeses da Indonésia, os quais, com a independência dessa Nação sentem-se num novo ambiente, não raro agressivo, e desejam emigrar para países de ecologia semelhante. São exímios plantadores de berracha, cana, arroz e juta, e bons mineradores que vieram na Amazônia meio análogo ao da Insulíndia. É, também, o caso de centenas de milhares de franceses da África do Norte, desejosos de escapar ao terrorismo árabe e berbere, e que para cá poderiam trazer seus bens em máquinas agrícolas e sua prática em transformar terrenos semi-áridos, idênticos aos do Nordeste brasileiro em magníficas plantações. No caso particular desses franceses há a considerar, além de seus pequenos capitais, da competência em irrigação e do elevado grau de cultura, o excepcional índice de assimilação dos seus

compatriotas às nossas causas e à nossa civilização. Com efeito, nenhuma colônia, porcentualmente, nem mesmo a portuguesa, mostrou maior tendência ao abraço brasileiro. Evidência a afirmação, a meia dúzia de franceses aqui radicados e que nos deixaram, sendo tão poucos, a luminosa floração de heróis e de intelectuais que adornam a nossa história. Com efeito, o general Mallet e o Capitão Boucault, da campanha paraguaia; os generais Savaget e Girard, da campanha de Canudos; os engenheiros Gorceix e Paulo Fontin; o inventor Santos Dumont; Debret, os Taunay, franceses os seus descendentes sentiram e amaram profundamente a terra e o povo do Brasil e com estes se identificaram numa brilhante seara de ideais.

14 — Para a mais perfeita e rápida execução de um programa assim extenso, intenso e fundamental, seria ideal a criação de companhias formadas, principalmente, com fundos estatais, ao molde da Petrobrás e da Eletrobrás. Assim teríamos uma "Atomo-brás" para melhor aproveitamento das nossas reservas atômicas; uma "Tur-brás" para o desenvolvimento racional do turismo; "Navebrás" poderosa empresa de navegação que reu-

nisse a Loyd, a Costeira, e outras companhias nacionais de comércio marítimo, e que implantasse, entre nós, a indústria de construções navais; "Carbo-brás" para a indústria carbonífera; "Imigrobrás" para a imigração e colonização; "Geobrás", para prospeções geológicas; "Quimio-brás", para o desenvolvimento das grandes indústrias eletrolíticas, álcalis, zinco, cobre, alumínio etc. Isto porque sendo insuficientes os capitais particulares e estando eles orientados, mais, no sentido de um lucro alto e rápido, competiria ao Estado, ainda uma vez, a sua função supletiva que devemos quase tudo o que o Brasil possui de estrutura: ferrovias, rodovias e indústrias básicas.

Aí, um esboço, de poucos traços, para apressar a transformação do Brasil em Nação rica, livre e culta. Tal processo de transformação, iniciado com a Revolução de 1930, jamais poderá ser sofrado sem traumas para carne e para alma nacionais: acelerá-lo, visando à nossa industrialização progressiva e à ascensão política, econômica e cultural de amplas áreas sociais menos favorecidas pela fortuna, será, por certo, o mais belo sonho e o mais fértil empenho da nossa geração.

Problemas da Língua

Prof. José de Almeida

COLOCAÇÃO DO SUJEITO NAS ORAÇÕES APASSIVADAS POR SE

Estatuem festejados gramáticos e vernaculistas o preceito de que, nas proposições apassivadas pela particula SE, o sujeito succede, imperiosamente, ao predicado, bem como o elemento apassivante: VENDEM-SE LIVROS, e não: LIVROS SE VENDEM. O Prof. Silveira Bueno, concluindo sua ensinança pertinente à posição do sujeito, nesta conjuntura, adverte: "Quem dissesse: FLÓRES SE VENDEM — LIVROS SE COMPRAM, estaria empregando palavras portuguesas, mas, não estaria falando português." (1). Carlos Góis, preceituando a mesma sintaxe, assim exemplifica: "Alugam-se casas (Casas são alugadas) — Vendem-se lotes em prestações (Lotes são vendidos) — Trocaram-se os papéis (Os papéis foram trocados)". (2). Outros lingüísticos também prescrevem a posposição do nominativo ao verbo, nas orações apassivadas mediante o pronome SE. Consoante a prática dos excelsos modelos da vernaculidade, entretanto, ora se pospõe, ora se antepõe o sujeito, nestas circunstâncias, atendendo-se, antes, à elegância e harmonia da frase. As citas seguintes constituem um desmentido formal desse cânon, firmado pela pluralidade dos gramáticos, que determina a subsequência do sujeito ao predicado, no caso em apreço: "... tôdas as orações do verbo INCIDERE se regem com as preposições IN, SUPER, ou AD. Rui (3). — "Segundo os cânones dos gramáticos o sujeito aqui se pospõe." S. de Figueiredo (4). — "A concordância efetua-se não com o termo claro, mas com o pronome NO'S, que se subentende." Sá Nunes (5). — "O bons livros vendem-se caro." Ernesto C. Ribeiro. (6)

A localização pospositiva do sujeito, em tais construções, é mais usual, mas, não se impõe, fatalmente; as incontestadas auto-ridades vernáculas usam, igualmente, recorrer à sintaxe impugnada.

máxime quando a requer a ênfase ou harmonia do fraseado. Designando o sujeito ente animado, observa-se, com menos freqüência, a sua colocação no rosto da sentença; todavia, ainda neste caso, não se podem capitular de errôneos dizeres dêste molde: "Nestes lances é que os homens se estudam". Camilo (7)

- (1) *Português Pelo Rádio*, 1938, p. 170.
- (2) *Sintaxe de Construção*, 3.a ed., p. 30.
- (3) *Réplica*, n.o 155, p. 123.
- (4) *Vícios de Linguagem*, 1929, p. 390.
- (5) *Aprendi a Língua Nacional*, 1940, II, p. 139
- (6) *Serões Gramaticais*, 3.a ed., p. 366.
- (7) *Os Mártires*, 3.a ed., p. 165.

continuação da página 47

vos. Hoje, quando o gênio repousa na eternidade, os aviões por êle idealizados cruzam os espaços em tôdas as direções, dia e noite, com sol, chuva ou nevoeiro, ampliando os horizontes, encurtando as distâncias de tal maneira, que o globo terrestre torna-se, dia a dia menor, uma vez que a velocidade alcançada por êles aumenta diârricamente, o que torna a evolução do avião uma preocupação constante de tôdas as nações do mundo. Este fantástico progresso aeronáutico, sem limites, desafiando tôdas as previsões possíveis, após apenas 50 anos, chegou ao que se vê atualmente, quando já se pensa na possibilidade do ser humano desgarrar-se da atmosfera que nos envolve, e galgar o cosmos em busca do infinito. Por conseguinte, neste momento em que a própria natureza chora, banhando esta terra dos audazes bandeirantes com as suas chuvas celestiais, nós aqui reunidos nesta sede da Sucursal do Clube dos Suboficiais e Sargentos da Aeronáutica, prestando essa singela homenagem ao pioneiro da aviação, vamos deixar fixado nesta parede o seu retrato para que todos, ao avistá-lo, lembrem-se que êle deu asas ao homem e glória ao Brasil".

Ao término do discurso do sgt. Juandyrr Corrêa da Silva, o sr. major brigadeiro Neto dos Reis foi convidado a descerrar o quadro de Santos Dumont, proferindo em seguida, de improviso, uma breve saudação ao Pai da Aviação, convidando "Monsieur" André Gasteau a mostrar aos presentes algumas reliquias que êle conserva do saudoso Santos Dumont. Assim, os presentes tiveram a oportunidade de ver com seus próprios olhos o célebre lenço com o qual Santos Dumont cruzou os céus de Paris, e fotografias autênticas da época. Como André Gasteau não aprendeu com Santos Dumont o português, dirigiu aos presen-

tes uma saudação em seu idioma pátrio. Prossequindo as festividades, foi distribuída aos presentes uma lembrança, constituída de uma flâmula comemorativa ao "Ano Santos Dumont", que foi autografada por "Monsieur" André Gasteau e pelo sr. Comandante da Quarta Zona Aérea. Após um coquetel que foi servido a todos os presentes, seguiu-se um animado baile que se prolongou até às 4 horas. Apesar do tempo reinante ter sido péssimo, em virtude da chuva torrencial que caía, tôdas as dependências da sede estiveram lotadas e as autoridades presentes permaneceram quase até o fim do baile.

MILÍCIA PAULISTA

(NO 125.º ANIVERSÁRIO DA FÔRÇA PÚBLICA)

Cavalheiro Freire

*Desperta a Paulicéa aos silvos das sereias,
como outrora um castelo ao toque das ameias.
O sol tem brilho, assim, de prata das chilenas,
fazendo reluzir os fios das antenas.*

*Está de parabéns a TROPA BANDEIRANTE,
a cuja sombra cresce a cidade gigante.*

*Nos rufos febrís dos nervosos tambores,
nos lestos arrancos de audazes motores,
no duro rodar das viaturas pesadas,
no som dos clarins para as cargas forçadas;
nos passos indóceis dos vivos corcéis,
nas lanças que avançam buscando lauréis,
nas surdas e roucas sereias possantes
dos carros buscando os incêndios gigantes;
parece-me ouvir um fragor fetichista
de hosana fremente à MILÍCIA PAULISTA!*

*No tempo em que se vive, a humana inteligência
chegou quase à falência*

no modo de pensar!

*Na terra prevalece, infelizmente, o olhar
da sórdida cobiça*

que proscreeve a razão e o pensamento atíça

para as lutas do mal e as guerras de conquista.

Em tôda a parte impera o fim materialista

do feroz argentário,
e surge, a cada passo, oculto entre o tropel
da vida transformada em TÔRRE DE BABEL,
da inocência o corsário!
Quanta lama se arrasta em meio da torrente
dessa vida fugaz,
que brilha como honesta e engana a muita gente,
hipócrita e falaz!

E nesta corredeira, exótica, sutil,
neste fero caudal de lama e de asfixias,
tem uma dupla missão a secular MILÍCIA:
primeira, nacional — defender o Brasil
(é reserva, por lei, das hostes de Caxias);
segunda, regional — ser tropa de polícia!

E à imagem do caniço, esbelto, à tona d'água,
que verga, mas não quebra aos látegos do vento;
teimoso, mas sem ódio, estóico, mas sem mágoa;
a MILÍCIA PAULISTA é sempre um documento
que vara as gerações, intrépida, valente,
como outrora, em Belém, os Magos lá do Oriente,
que tinham pela frente o ígnoto do deserto,
mas de outro lado a ESTRÉLA a dar-lhe rumo certo!

FÔRÇA de nosso povo, ÍRIS dos nossos olhos,
teu nome viverá nos íntimos refolhos
de qualquer geração!
És o símbolo vivo, a fibra, o coração
das antigas BANDEIRAS,
dos verdes cafèzais,
das longas chaminés, das modernas lareiras,
dos guindastes rangendo, em serviço, no cais!

*TROPA de minha terra, augusta soberana,
vida de nossa vida, eterna veterana
das glórias do passado;
que a tua tradição, teu heróico punhado
de soberbos titãs — conserve teu presente,
defenda teu futuro,
eu te rogo e conjuro,
porque a FÔRÇA é S. PAULO e S. PAULO não mente!*

.....
*Ao terminar meu canto, beijo-te num verso,
Fôrça Pública audaz — MEDALHA SEM REVERSO!*

São Paulo, 15 de dezembro de 1956

Consumir Produtos Nacionais

- ★ E' um dever de patriotismo.
- ★ E' ajudar a libertação
econômica do Brasil.
- ★ E' contribuir para o
desenvolvimento da
nossa produção.

Recordações do

Ano Santos Dumont

Em virtude de 1956 ter sido designado "Ano Santos Dumont", conforme Decreto n.º 39.484, de 28-6-56, a sucursal do Clube dos Suboficiais e Sargentos da Aeronáutica em São Paulo, compartilhando das comemorações referentes ao grandioso feito de Alberto Santos Dumont, realizou em sua sede social, na noite de 23 de outubro, uma festa em homenagem ao cinquentenário do voo "o mais pesado que o ar". Contando com a presença dos srs. representante do Governador do Estado de São Paulo; major-brigadeiro do ar, Neto dos Reis comandante da 4.ª Zona Aérea, e excelentíssima senhora, coronel Anísio Botelho, chefe do Estado

Maior da Quarta Zona Aérea; sr. Wladimir de Toledo Piza, Prefeito Municipal; a exma. esposa do deputado Ulisses Guimarães, que o representou em virtude de sua impossibilidade de comparecer; "Monsieur" André Gasteau, o inseparável mecânico de Santos Dumont, que veio da França especialmente para abrilhantar com a sua presença as solenidades realizadas em homenagem ao épico feito de Santos Dumont, e várias outras autoridades civis e militares. Ao iniciar a cerimônia cívica, o sgt. Celso Cruz, Presidente da Sucursal do Clube, após saudar as autoridades presentes, passou a palavra ao Diretor Social, sargento Jurandyr Corrêa da Silva, que proferiu o seguinte discurso.

"Neste momento em que toda a nação, de Norte a Sul e de Leste a Oeste, vibra ao comemorar os grandes feitos aviatórios do Pai da Aviação, Alberto Santos Dumont, mister se faz retroceder pelo século na história da humanidade e estacionar em Paris, onde na tarde do dia 23 de outubro do ano de 1906, um gênio abalou a Cidade-Luz, doando ao mundo estupefato uma das mais arrojadas máquinas que o ente humano passaria a utilizar, o avião. Esse memorável dia ficou sendo a data máxima da história universal do voo mecânico, quando o ilustre inventor, com o seu famoso 14 Bis, equipado com um motor de 50 cavalos de força, pesando 160 quilos, medindo 10 metros de comprimento e 12 de envergadura, voou 60 metros a cerca de 2 metros de altura, causando espanto geral a todos os que presenciaram tão grande façanha. Após esse instante épico, sem precedentes na história do mundo, o homem passou a dominar o espaço e a máquina voadora, podendo abandonar os arcaicos balões livres que eram cativos dos ventos. O espaço perdeu então sua hegemonia sobre o homem, e sob a luz fulgurante do astro-rei, o ser humano passou a locomover-se e a sorrir de seus antepassados que vinham desde as eras remotas, antes de a história ser escrita, a sonhar com o domínio dos ares. Pois eles queriam elevar-se ao solo que os prendia como escravos e ficavam absortos a observarem com grande curiosidade o voo suave dos pássaros que

os fascinava, porque sonhavam em serem um dia senhores absolutos das distâncias e penetrarem na imensidão azul que os rodeava. Graças a êsse sonho milenar, que foi a conquista dos ares, a fértil imaginação grega nos legou em sua fantástica mitologia os clássicos Ícaro e Dédalo. Porém, continuando nessa caminhada através da história, chegamos a tempos mais recentes, já na Renascença, essa grande fase histórica que preencheu os séculos XV e XVI, onde o grande gênio italiano Leonardo da Vinci concebeu na sua imaginação máquinas voadoras puxadas no espaço por hélices. Tudo porém não passou de teoria e desenho. Somente em 1709 viria a ser realizado o grande sonho de o homem elevar-se aos ares, quando o brasileiro, Frei Bartolomeu de Gusmão, conseguiu galgar os ares por tantos almejado com a sua célebre "Passarola" que lhe valeu o cognome de "padre voador". Mas os tempos foram passando, e a evolução histórica foi gradativamente ampliando os conhecimentos humanos, o que possibilitou ao grande gênio patricio que foi Santos Dumont, com seu inquebrantável ideal, vencer tôdas as tremendas dificuldades e doar ao mundo incrédulo o segredo e a arte de voar livremente pelo espaço em tôdas as direções desejadas. Esse notável gênio nasceu no distrito de João Aires, Estação de Rocha Dias, Fazenda de Canbangu, no dia 20 de julho de 1873. Logo aos primeiros anos de sua existência revelou uma índole meditativa, preferindo sempre trocar os costumeiros brinquedos infantis, pela leitura que o estasiava, lendo tudo que lhe caísse às mãos. Porém, sua predileção recaía sempre sobre as novelas cheias de aventuras e proesas fantásticas, sendo de sua predileção o incomparável romancista Júlio Verne. Ele mesmo assinalou: "De 1888 mais ou menos a 1891, quando parti pela primeira vez para a Europa, li, com grande interesse, todos os livros desse grande vidente da locomoção aérea e submarina. Algumas vezes, no verdor dos meus anos (pois tinha êle, em 1888, apenas quinze anos de idade) — acreditei na possibilidade de realização do que contava o fértil e genial romancista". Ainda adolescente já demonstrava uma grande inclinação à mecânica, quando dirigia a locomotiva da estrada de ferro particular da grande fazenda de seu pai, que possuía aproximadamente 100 quilômetros, e sempre procurava aliar seus conhecimentos teóricos recebidos do pai que era engenheiro mecânico, à prática, o que sempre é benéfico para a evolução de quem já nasce com a marca do gênio. Conta Raul Polilo, em sua magistral biografia do notável Santos Dumont, que seu desejo em conquistar os ares era tão imenso que em uma noite de São João, ao lado de uma tradicional fogueira, quando apreciava a ascensão de um balão ficara tão absolvido pelo seu espírito imaginativo, que foi necessário aos que ali se encontravam acordá-lo, tão grande era a sua concentração nesse ideal. O ideal de galgar os ares e voar livremente como os pássaros. Já contava com 19 anos de idade, quando em companhia de seu pai cruzou o Atlântico e chegando ao Velho Mundo visitou Paris, onde teve a oportunidade de visitar uma exposição de máquinas na qual pôde apreciar um motor de funcionamento a petróleo, de um cavalo de força, o que constituía naquela época uma obra prima da mecânica. Naturalmente o adolescente ao observar tal máquina, sua mente perturbada por audaciosos projetos, ligou aquele motor à sua lucubração de fantasia. De volta ao Brasil, seu pai, espírito lúcido e compreensivo, que percebia perfeitamente as aspirações de seu dileto filho, foi a um tabelião onde mandou lavrar uma escritura na qual êle concedia todos os direitos de emancipação ao filho dizendo-lhe: "Tenho ainda alguns anos de vida; quero ver co-

mo você se conduz; vai para Paris, o lugar mais perigoso para um rapaz. Vamos ver se você se faz homem; prefiro que não se faça doutor; em Paris, com o auxílio dos nossos primos, você procurará um especialista em Física, Química, Mecânica, Eletricidade, etc. Estude essas matérias e não se esqueça de que o futuro do mundo está na mecânica. Você não precisa pensar em ganhar a vida; eu lhe deixarei o necessário para viver". Após êsse entendimento de pai e filho, Santos Dumont demandou à Cidade-Luz, onde no período de 1892 a 1897 viajou, estudou, completou sua educação, leu e como todo jovem interessou-se pelos esportes, principalmente pelo automobilismo. A 20 de setembro de 1898 começou a carreira desse grande inventor, quando elevou-se aos ares com o balão n.º 1, que recebeu o nome de Brasil, tornando-se nesse momento em diante o primeiro homem que conseguiu subir aos ares e voltar ao mesmo ponto de onde partira dando direção a um aeróstato. Conforme narração de Henrique Dumont Vilares, o público assistiu nas ruas à evolução do aparelho com intensa curiosidade, pois pela primeira vez no mundo se ouvia o roncar no céu de um motor a explosão. Assim continuou Santos Dumont a construir e a aperfeiçoar novos dirigíveis, voando, caindo, inventando, assombrando o povo das ruas, constituindo um autêntico problema sem solução para os engenheiros, físicos e matemáticos da época. Não cabe aqui uma descrição minuciosa de todos seus dirigíveis, porém, o *Demoseille* n.º 20 que foi o aparelho predileto do grande patriótico e com o qual retirou-se de sua agitada fase de inventor, deverá aqui ficar gravado, pois o próprio Santos Dumont, assim se referiu a respeito dele: "Com êle, obtive a carta de piloto de monoplanos. Fiquei, pois, possuidor de todas as cartas da Federação Aeronáutica Internacional: De piloto de balão livre, de piloto de dirigível, de piloto de biplano e de piloto de monoplano. Durante muitos anos, somente eu possuía todas estas cartas, e não sei mesmo se há já alguém que as possua." Seu incomparável ideal foi tão grande que durante todo êsse período, Santos Dumont não construiu aparelhos para vender, não tirou patentes de qualquer espécie, e ajudou a todos construírem aviões, sem cobrar coisa alguma por isso. Seu propósito foi inofensivamente o de difundir o gosto pela aviação. Como já foi dito anteriormente, com o *Demoseille* n.º 20 encerrou-se em 1910 a carreira aviatória do grande cientista aeronáutico, que se retirou da competição universal, em cujo âmbito, durante longos anos, fôra a figura máxima. Em um decênio apenas, Santos Dumont construíra, inventando e experimentando sozinho o seguinte: 1 balão esférico, 12 balões dirigíveis e 7 máquinas de vôo mais pesadas do que o ar, afora um helicóptero. Ao todo, 21 congêneres de vôo, abrangendo todas as modalidades possíveis e imaginárias. Contava então 37 anos de idade que foram vividos ao máximo de sua resistência física, e aí o "homem pássaro" fechou suas asas, cansado. Anos após, 1914, uma tremenda guerra total assola a humanidade, e o avião é então usado como arma mortífera e arrasadora, não poupando quem lhe estivesse ao alcance, o que naturalmente entristeceu o grande brasileiro. Anos decorridos após a Grande Guerra, chegam os tumultuosos dias de 1932, quando em São Paulo arrebenta o Movimento Constitucionalista, onde mais uma vez é o avião usado nesta sanha destruidora. Santos Dumont é testemunha ocular dessa luta fratricida e sua alma sensível de homem bom que sempre foi, não resiste a tamanho desgosto e, a 23 de julho do mesmo ano, deixa o mundo dos vi-

continua na página 41



Aspectos das solenidades com que foi sepultado o sargento Flávio Rodrigues da Costa

Nossos Heróis do Interior

Jen. Luis Carlos de Pontes Fabri

Na véspera do dia comemorativo da cruel execução de Tiradentes, sôbre a cidade de Tietê caía a tarde cinzenta, que se espelha nas águas do rio do mesmo nome, outrora via dos bandeirantes afastadores, para bem distante, do meridiano do Tratado das Tordezilhas.

A reminiscência do feito patriótico se misturava à tristeza do dia em que, às primeiras horas, ali fechara os olhos, para sempre, um desses modestos componentes da Força Pública, que no comando de destacamentos do interior, pelo procedimento correto no exercício da nobilitante missão policial, fazem verdadeiro batilhão ideal de admiradores e amigos.

• Tarde diferente, em que, pelas ruas da velha urbe paulista, avançava em passos lentos, medidos pelo ruído dos pedregulhos, o acompanhamento fúnebre do sargento estimado por todos. Os integrantes do séquito caminhavam cabisbaixos a meditar nos mistérios da morte e a rever o policial em atividades enternecedoras de apaziguar litigantes; de anular, com argumentos, dissídios; de levar aos lares enlutados, a palavra de consolação; de dirimir desentendimentos causados por intrigas maldosas; de recompor lares destruídos, onde imperava a incompreensão mútua de casais; de enérgica, mas polidamente, prender encolerizados. A pequena multidão acompanhava contrita aquele que em vida fora humilde servidor da ordem pública, mas que, singularmente, sabia encarnar a própria força — força de persuasão; força de amor à liberdade do semelhante; força de consideração à vida do próximo; força metamorfoseada em manutenção da paz social; força das forças superiores, porque respeita a harmonia dos lares, a fé nos altares, o trabalho que é a bênção de Deus.

E a mole humana que seguira o féretro via passar na mente esse filme espiritual, todo ele de exemplo moral e de dever cumprido, quando se assomava a escadaria da matriz, em cujas naves ecoaram, durante a recomendação do corpo, as notas abemoladas e pungentes do clarim, extravazando a melancolia profunda dos corações dos seus camaradas, amigos e devedores da gratidão. Chegados depois à necrópole, à beira do túmulo, ao detonar roufenho e tétrico dos tiros de fuzil e ao soar do clarim como um grito de angústia, jorraram as lágrimas sentidas da gente que ali chegara na procissão da saudade daquele que durante nove anos fizera de Tietê a paisagem imorredoura onde construiu, no campo da recordação, pelos gestos e atos, o monumento da solidariedade humana, que não tomba, como os arranha-céus, aos impactos das bombas de hidrogênio.

JOVEM!

Você que pretende ser oficial da Fôrça Pública, inicie desde já os seus estudos. Matricule-se no

CURSO MILITIA

patrocinado pelo Clube dos Oficiais

que nos últimos exames de admissão ao Curso Pré-Militar apresentou maior índice de aprovação.

Número de vagas limitado a 25 em cada classe, para melhor aproveitamento dos alunos.

Informações: telefone 32-2884

REMINISCÊNCIA



(ACRÓSTICO)

*Tudo em redor morrera . . . estava mudo
Enquanto, ausente, não te via, tudo!
Restava, dêsse amor, a impiedade
E a dor da mais recondita saudade.*

*Zombei até do teu amor, querida.
Iludí-me ao fugir de tua vida!
Ninguém sabe . . . segrêdo teu e meu:
Houve uma solução apenas, sem adeus.*

*A dor, querida, apunhalou-te o peito.
Houve pausa . . . silêncio de respeito
À lágrima que brota ardente, em pranto*

*Lassa angústia turbou teu doce encanto!
E em sussurros, um beijo me pediste .
Neguei o teu desejo! e, então, partiste . . .*

HALEN CHATI

1.º Ten. Médico da Força Pública

PCSSE SOLENE DA NOVA DIRETORIA DO

CLUBE DOS OFICIAIS

DA FÔRÇA PÚBLICA

As 21 horas do dia 24 de janeiro p. findo, nos salões da Sociedade Sul Riograndense, situado à Avenida Ipiranga, houve uma sessão solene para POSSE da nova Diretoria da Entidade, eleita para o biênio 1957-1958, havendo comparecido as seguintes autoridades: tenente-coronel Milton Marques de Oliveira, chefe da Casa Militar e representante do sr. Governador do Estado; 1.º tenente Wilson Rodrigues de Albuquerque, representante do sr. Secretário da Segurança Pública; coronel Geraldo Rangel de França, Inspetor Administrativo e representante do sr. coronel Comandante Geral da Fôrça; coronel João de Quadros, Presidente da Associação dos Oficiais Reformados e da Reserva da Fôrça; coronel Pedro Marques Magalhães, Presidente da Cruz Azul de São Paulo; dr. Alvaro Pires da Costa, Diretor Administrativo da Penitenciária do Estado; inspetor-chefe de agrupamento, Antônio Alonso Silvinho Suan-

nes, Presidente da Associação dos Inativos da Guarda Civil; sr. Carlos Cyrillo, vice-presidente da Federação Paulista de Tiro ao Alvo, além de inúmeros oficiais da milícia, quer da ativa, quer da reserva ou reformados.

Abrindo a sessão, o sr. tenente-coronel José Gladiador, presidente em exercício, propôs e a Assembléia Geral homologou o nome do coronel João de Quadros para presidente daquela reunião, nos termos dos estatutos. Assumindo a presidência, convidou o snr. Presidente as autoridades presentes a tomarem assento na mesa dos trabalhos, bem como tôda a Diretoria que finalizava seu mandato. Prestadas as contas pela Diretoria cujo mandato terminou, foi aprovada integralmente tôda a exposição feita. Em seguida, o snr. coronel José Gladiador passou a presidência do Clube ao Presidente eleito, coronel Rubens Teixeira Branco, empossando-se a seguir tôda a nova Diretoria, que ficou assim constituída:

Presidente	—	Cel. Rubens Teixeira Branco
1.º Vice Presidente	—	Ten. Cel. Bento Barros Ferraz
2.º Vice-Presidente	—	Major Olímpio de Oliveira Pimentel
Suplente do 2.º Vice-presidente	—	Major Méd. Dr. Orestes Barini
1.º Secretário	—	Cap. Osvaldo de Moura Lopes
2.º Secretário	—	Cap. Luís Nóbrega e Silva
Suplente do 2.º Secretário	—	1.º Ten. Aldo Campanhã
1.º Tesoureiro	—	Major Germano Ribeiro Scartezini

2.º Tesoureiro	—	Cap. Agenor Grohmann
Suplente do 2.º Tesoureiro	—	Ten. Waldemar Nogueira
1.º Gestor do Patrimônio	—	Major Antônio Gomes da Silva
2.º Gestor do Patrimônio	—	Major Ary Gomes
Suplente do 2.º Gestor	—	Major Olívio Franco Marcondes
Orador Oficial	—	Major Benito Serpa
Suplente do Orador	—	Cap. Oswaldo Feliciano dos Santos

Assumindo a presidência, o snr. coronel Rubens Teixeira Branco deu a palavra ao orador eleito, major Benito Serpa, para pronunciar a oração de praxe e expor o programa da nova Diretoria. Eis a íntegra do discurso lido na oportunidade:

"Memorável e inusitada, única talvez no seu gênero, nos anais do Clube dos Oficiais da gloriosa Milícia Paulistana, a ELEIÇÃO da Diretoria da entidade que hoje se empossa. Um afluxo surpreendente de associados compareceu ao notável prélio cívico, a quase totalidade dos oficiais, quer da ativa, quer da reserva ou reformados, imbuídos todos, do elevado sentimento de bem servir ao nosso grêmio.

Três chapas foram organizadas para esse conclave, tôdas elas constituídas por uma pleiade de brilhantes oficiais de nossa milícia, nomes dignos do oficialato, que honram e engrandecem nossa querida Fôrça Pública de São Paulo.

E dêsse grande pleito desejamos ressaltar duas iniciativas marcantes, que farão época, demonstrando o alto grau de serenidade e de civismo de que são imbuídos os oficiais da milícia.

A primeira, medida assaz louvável, digna de ser imitada, foi tomada pela Diretoria que finalizava seu mandato, ao declinar, peremptoriamente, da sua reeleição pura e simples, propondo que, democraticamente fôsse feita a escolha do novo órgão dirigente do Clu-

be, em uma prévia, onde estivessem presentes os representantes de tôdas as Unidades e Serviços da Fôrça, bem como da Associação dos Oficiais Reformados e da Reserva, representantes êsses escolhidos livremente pelos seus pares, ou consócios do Clube e não designados pelos respectivos comandos, face à hierarquia militar.

A atual DIRETORIA, cuja posse acaba de se efetuar nesta solenidade, escolhida assim, democraticamente, é o corolário feliz dêsse importante conclave, no qual os associados manifestaram livremente suas vontades, em pleito soberano, honrando a palavra empenhada aos seus representantes na prévia estabelecida.

A segunda iniciativa, também muito feliz, partiu da própria reunião prévia, para a organização de uma chapa de diretores que atendessem aos reclamos dos nossos consócios, representando o pensamento de sua maioria.

Foi então adotado um princípio novo, até então inaplicado nas eleições anteriores, o de escolher-se para a Diretoria, uma quarta parte de seus membros, dentre os oficiais inativos (da Reserva ou Reformados), mantendo-se as três quartas partes restantes para os oficiais em atividade, seguindo-se assim o exemplo do que ocorre com a Cruz Azul e Caixa Beneficente.

Êsse critério, sadio por excelência, já é de praxe nas eleições do Clube Militar do Brasil, que congrega o ofi-

cialato das Fôrças brasileiras de Terra, Mar e Ar, escolhendo-se entre as três ARMAS e os OFICIAIS INATIVOS, uma quarta parte para cada, os membros dirigentes daquela instituição.

O princípio que acabamos de citar, veio alicerçar ainda mais a UNIAO inquebrantável entre o oficialato inativo e da ativa, amalgamando de vez nossa classe dentro do CLUBE DOS OFICIAIS da Fôrça, em tórno dos princípios humanos de solidariedade e respeito, que são os apanágios da nossa classe.

Realmente, pelos seus Estatutos tem nosso CLUBE por escopo:-

a) estreitar os laços de união e solidariedade entre os oficiais da Fôrça Pública e as famílias respectivas, através de reuniões, conferências, palestras, recepções, festas e recreações;

b) promover e incrementar o intercâmbio social, cultural e esportivo com as associações congêneres e outras entidades de classe;

c) promover, na medida de suas possibilidades, o desenvolvimento cultural e físico dos filhos dos oficiais e praças da corporação, e estimular o aperfeiçoamento da cultura profissional dos oficiais;

d) manter colônias de férias, bem como outros órgãos julgados úteis aos associados, segundo normas fixadas no Regimento Interno;

e) editar a revista "MILITIA" como órgão da Associação e promover outras publicações e campanhas de divulgação, que cuidem especialmente de assuntos relativos à Corporação e ao Clube, de imediata aplicação nas relações com o público;

f) tomar iniciativas que colimem a prestação de assistência aos sócios, in-

clusive patrocinando a aquisição de casa própria;

g) manter, na forma prevista no Regimento Interno, um serviço de assistência juridico-administrativo e de orientação, destinado a atender a oficiais e praças da Fôrça Pública e seus dependentes;

h) colaborar com o comando geral, mediante a apresentação de estudos, ou sugerir medidas que visem a defender os direitos e acautelar os interesses da Fôrça Pública.

PARÁGRAFO ÚNICO:- O Clube conservar-se-á ALHEIO a atividades político-partidárias e religiosas.

Como o distinto auditório acaba de apreciar, pela leitura que fizemos, cópia fiel do artigo primeiro dos nossos Estatutos, o CLUBE DOS OFICIAIS DA FÔRÇA PÚBLICA tem a missão sublime de estreitar os laços de união e solidariedade da classe e de suas famílias, repelindo, ENÉRGICAMENTE, em seu parágrafo único, as atividades POLÍTICO-PARTIDÁRIAS, c o m o NOCIVAS a essa estreita camaradagem que deve vincular harmoniosamente todos os oficiais da milícia.

E êsse lema sagrado — UNIAO INDESTRUTIVEL do oficialato da Fôrça, a atual Diretoria compromete-se solenemente a manter, a preservar e a desenvolver dentro dos postulados da disciplina sã e pura que nos regem, e com espírito superior de bem servir à classe e à coletividade, apoiando com tôdas fôrças o PODER CIVIL legitimamente constituído, missão nobre que cumpre à nossa milícia como sagrado dever defender a todo o custo, ainda com risco de vida de seus componentes.

Prezados consócios, aceitando prazerosamente o honroso encargo com que



Coronel Rubens Teixeira Branco, Presidente reeleito do Clube dos Oficiais da Força Pública.

a atual Diretoria foi distinguida por seus pares, os prezadíssimos amigos e colegas OFICIAIS da nossa Força Pública, cumpre-nos agradecer a prova de confiança e de estímulo com que nos agraciaram na última eleição.

Nossa Diretoria já traçou um PROGRAMA DE AÇÃO, curto mas incisivo, vai procurar cumprí-lo durante seu mandato e, se não puder completá-lo, dada a escassês do tempo e de dificuldades que eventualmente possam surgir, deseja dar início a êsses trabalhos, desbravando o terreno para as futuras diretorias da entidade:

Eis, sem síntese, êsse programa:

1.o) SEDE PRÓPRIA. A construção de uma sede social que abrigue nosso Clube, é dêsses imperativos que não demanda grande esforço para justificá-lo, constituindo, de per si, verdadeiro AXIOMA. A sede social é imprescindível para o fortalecimento da

UNIÃO dos nossos consócios e suas famílias. Será um bonançoso remanso, UM LAR — o doce lar da grande família a Força Pública de São Paulo, em cujo local efetuaremos nossas festas, aproveitando seus salões para danças, reuniões e jogos. Deverá essa sede possuir apartamentos onde se alojarão os sócios e suas famílias que residem no Interior do Estado, quando em transito ou em férias nesta Capital, devendo possuir também um restaurante e um bar, para prover os associados e suas famílias.

2.o) — COLÔNIA DE FÉRIAS — A de São Vicente, como é do domínio público, não obstante seu tamanho, tornou-se exígua e esta Diretoria terá que ampliá-la ou instalar outra colônia de férias, em lugar mais retirado, tipo campestre, para um VERANEIO mais afastado do bulício citadino, portanto mais tranqüilo.



ESTIMULE O APETITE

Si seu filho está sem apetite, prepare-lhe pratos com "MAIZENA". Ele apreciará as extraordinárias sopas e cremes de legumes, bem como as deliciosas sobremesas preparadas com o insubstituível

AMIDO DE MILHO **MAIZENA** MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

3.o) — Criação de um ginásio, em futuro próximo, para atender às matriculas aos filhos de nossos associados.

4.o) — FUSÃO DE ENTIDADES

— Enfim, como medida considerada de maior alcance que qualquer outra, procurando-se, é claro, solução razoável, dentro dos princípios estatutários, estudar a possibilidade de mais estreita UNIAO entre a Associação dos Oficiais Reformados e da Reserva e o Clube dos Oficiais da Fôrça, duas entidades de classe existentes, ou seja uma FUSÃO de modo a constituir um só órgão, uma só sociedade, pois devemos ter sempre em mira de que a "UNIAO FAZ A FÔRÇA".

Os dois problemas iniciais, ou sejam SEDE PRÓPRIA E COLÔNIA DE FÉRIAS, deverão ser atacados imediatamente, para atender às necessidades reais dos associados.

Quanto aos terceiro e quarto itens — GINÁSIO E FUSÃO, — são assuntos a serem estudados com mais carinho, devagar e paulatinamente, para que no ano próximo já tenhamos uma sólida base para equacionar definitivamente esses problemas.

Finalmente, MEUS SENHORES E MINHAS SENHORAS, cumpre-nos agradecer, em nome da Diretoria do Clube dos Oficiais da Fôrça Pública do Estado, a todos os presentes que nos distinguiram comparecendo a esta seleta reunião, e aos distintos oficiais da ativa, da reserva e reformados, a honra excelsa que concederam a esta Diretoria, elevando-a à direção do nosso Clube com seus sufrágios, distinção que muito nos desvanece e queremos agora, aqui de público, patentear a todos nossa admiração, respeito e gratidão, comprometendo-nos solene e honestamente, a nos dedicar com intensidade nos propósitos que expendemos em nosso programa, certos de que dependeremos na execução desses elevados propósitos, da ajuda valiosa, da colaboração leal e sincera dos nossos companheiros de oficialato.

E, se assim o fizermos, saberemos honrar a gloriosa Fôrça Pública e engrandecer este Torrão Natal, que amamos desveladamente, esta NOBRE E QUERIDA TERRA DE PIRATININGA".

Encerrada a sessão solene de posse pelo sr. coronel Rubens Teixeira Branco, presidente recém-eleito, teve início animado baile que se prolongou até a madrugada do dia 25.

POSSE DO NOVO COMANDANTE GERAL

Realizou-se às 15 horas do dia 20 de dezembro, no salão nobre do Quartel General, presentes o sr. Carlos Eugênio Bitencourt Fonseca, secretário da Segurança Pública, e grande número de convidados e oficiais da Corporação, a solenidade de posse do novo comandante geral da Força Pública.

Inicialmente, o coronel Rubens Teixeira Branco, exonerado a pedido do alto cargo, leu o Boletim Especial de passagem de Comando. A seguir, o coronel Fausto Quirino Simões leu o seu Boletim Especial e assinou a ata de posse.

O atual comandante geral da nossa Corporação foi alistado no dia 1.º de março de 1932, com destino à Escola de Oficiais, em virtude de ter sido aprovado no exame de admissão a que se submeteu. Em julho, por força dos acontecimentos revolucionários, viu-se enquadrado no Batalhão sob o comando do ten. cel. rfm. Antônio Gonçalves Barbosa e Silva, com o qual tomou parte nas operações de guerra. Regressando a esta Capital em agosto, foi elogiado "pelo modo correto e relevantes serviços prestados no Cmdo. da Cia". Foi designado, a seguir, para constituir em Quitauína uma "Bateria de morteiros". Em outubro, findo o movimento revolucionário, voltou ao Centro de Instrução Militar onde terminou o curso de oficiais em dezembro de 1933. A 2 de janeiro de 1934 foi declarado aspirante

a oficial e, a 5, classificado no 2.º B. C.P., como agregado. Em fevereiro de 1935, transferido para o Quartel General, foi designado para, em comissão, servir junto ao governo do Território do Acre. A 9 de abril de 1936, por estudos, foi promovido ao posto de 2.º tenente e, a 16 de maio, por absoluta necessidade do serviço, classificado por efeito de promoção no Centro de Instrução Militar, onde passou a exercer as funções de auxiliar de instrutor de Infantaria. Transferido para o D.R. em 9 de junho de 1938, exerceu as funções de auxiliar de instrutor de recrutas até o dia 2 de fevereiro de 1939, quando, por necessidade do serviço, passou a exercer as mesmas funções na Cia. Escola. Em 10 de maio e 19 de agosto de 1939, e 31 de janeiro de 1940, foi nomeado para compor bancas examinadoras no C.E.C.C., C.C.S. e C.C.C., respectivamente. Em 9 e 13 de dezembro, ei-lo ainda designado para as bancas examinadoras de Noções de Ciências Físicas e Naturais e Português, assim como para a de Instrução Militar nos diversos cursos do C.I.M.

Em março de 1941 foi matriculado no Curso de Transmissões. Por concluí-lo com brilhantismo, recebeu o seguinte conceito: "Como aluno, demonstrou ser oficial trabalhador, inteligente, com grande entusiasmo pela profissão, não poupando esforços durante as jornadas para demonstrar que havia aproveitado os ensinamentos adquiridos em sala.

E' um oficial que irá prestar na especialidade ótimos serviços à Fôrça Pública” .

Promovido ao pòsto de 1.º tenente em 9 de maio, foi classificado no 8.º B.C. em julho. Designado para as funções de instrutor e professor no C.I. M., viu-se transferido para aquêlê estabelecimento de ensino a 5 de março de 1942 e designado para servir como auxiliar de instrutor de Tática de Infantaria e Armamento, Material e Tiro, no Curso de Oficiais Combatentes.

A 14 de novembro, passou também a ministrar ensinamentos de Armamento, Material e Tiro e Ordem Unida, ao 1.º e 2.º anos do Curso Pré-Militar.

Matriculado no Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais em 5 de março de 1943, foi transferido a 18. por conveniência do serviço, para o 2.º B.C.. Concluído o curso e apresentado à sua Unidade em 3 de janeiro de 1944, foi transferido para o 7.º B.C. na mesma data, onde permaneceu até o dia 26 de junho de 1945 quando, por efeito da promoção ao pòsto de capitão em 28 de maio, foi classificado no C.I.M. A 26 de setembro de 1949 passou à situação de adido junto ao 2.º B.C., onde por decreto de 30 de dezembro de 1950, f.º i promovido ao pòsto de major, por merecimento. Classificado no 8.º B.C., assumiu o subcomando a 13 de fevereiro. A 31 de janeiro de 1955 foi nomeado para exercer as funções de subchefe da Casa Militar do Sr. Governador do Estado, e a 10 de maio, por merecimento, promovido ao pòsto de Tenente-Co-



No alto e ao centro, os céis. Quirino e Rubens, respectivamente, lêem os seus Boletins Especiais. Em baixo, o novo comandante Geral ao assinar a ata de posse.

ronel. Classificado no Corpo de Bombeiros, por efeito dessa promoção, foi elogiado pelo sr. Governador nos seguintes termos: "Senhor Tenente-Coronel. Ao conceder-lhe a exoneração, a pedido, do cargo que vinha exercendo como sub-chefe da Casa Militar deste Governo, quero expressar-lhe meus agradecimentos pelos relevantes serviços prestados à frente desse cargo, cooperando dessa forma na solução de grandes problemas da minha administração. Confiando-lhe

agora novo posto, o de Comandante do Glorioso Corpo de Bombeiros da Força Pública, tenho a certeza de que nele continuará a imprimir a mesma atuação eficiente, já comprovada. Aproveito o ensejo para apresentar-lhe os protestos de minha elevada consideração".

Designado para Chefia da Casa Militar, por decreto de 21 de junho de 1956, foi finalmente promovido ao posto de Coronel, por decreto de 13-XII-1956.

Boletim Especial do cel. Rubens Teixeira Branco

Tendo solicitado transferência para a reserva, eis-me aqui deante de vós, prezados companheiros, para praticar meu último ato oficial na Corporação, ou seja a passagem de Comando, e para vos dizer adeus. Faço-o comovidamente, como se neste momento eu me despedisse, para sempre, de um ente querido. Nesses quase trinta anos de serviço, a Força Pública passou a ser também a minha família, o meu lar. Com ela estive integralmente — nas paradas festivas, nas despedidas de seus filhos que partiam para a eternidade, nas trincheiras de combate, em 1930 e 1932. E ao retirar-me do serviço ativo não me apartarei dela. Levarei comigo, bem viva, a lembrança dos momentos felizes que tive em suas fileiras, ao lado de queridos amigos, que foram quase todos com quem convivi nessa longa jornada. E nem me lembrarei de que alguns, pouquíssimos, momentaneamente afastados da verdade e do bem, serviram-se da injúria e da intriga contra minha administração. Guardarei carinhosamente a estima que recebi e votei a todos. E levo a consciência tranqüila, convencido de haver cumprido o meu dever para com a Corporação, a quem servi e amei com fidelidade.

Lamento não ter realizado tudo que desejava. Servi, porém, com todas as minhas possibilidades e com inteiro desinteresse.

No Comando Geral fiz o que permitiram as minhas forças e as circunstâncias. Ao assumi-lo, honrado que fui com a confiança que em mim depositou o Excelentíssimo Senhor Governador, Dr. Jânio Quadros, a quem tributo respeito pelo muito que vem fazendo em prol de São Paulo, tinha eu o propósito de levar a Corporação a realizar plenamente as suas finalidades, integrando-a cada vez mais na função policial-militar, dentro de um clima de sã camaradagem e alta compreensão, prestando assim os melhores serviços à coletividade. Tinha consciência das dificuldades a enfrentar. E elas superaram a expectativa. Embora contasse com ambiente interno favorável, pois não me faltaram as gerais manifestações de apreço e solidariedade, o mesmo não ocorreu externamente. Houve incompreensão e atritos. Surgiram enormes dificuldades, que não teriam

sido vencidas se o Comando não tivesse a ajuda valiosa de seus auxiliares. Por equívoco ou má fé, atribuiu-se à Corporação objetivos que absolutamente não estavam nos seus propósitos. E intentou-se uma reforma nos serviços policiais do Estado que seria desastrosa para a Milícia. Contra ela foi preciso lutar muito, pois quem está fora da Corporação não pode imaginar devidamente o alcance das medidas que a atingiriam. E muitos outros obstáculos foram vencidos, sem que deles tomasse conta a maioria da Corporação. E há uma luta de todos os dias. Para o Comando convergem numerosos problemas que surgem irremediavelmente da atividade de treze mil homens em contacto com as vicissitudes do serviço policial.

A despeito de tudo isso, a Fôrça Pública durante êste ano prestou excelentes serviços. Ela se acha hoje mais integrada do que nunca no policiamento. E dificuldades realmente sérias foram afastadas. Recentemente tivemos, promulgado pelo Chefe do Govêrno, um Decreto (o de n.º 26.969, de 10-XII-56) que constituiu marco inicial de uma nova era das funções policiais atribuídas à Corporação. Pelo diploma legal mencionado, concedeu-se à Milícia a indispensável autoridade para poder colaborar no planejamento e execução dos serviços afetos a seus elementos. Êle representa um grande passo no sentido do melhor aproveitamento dos elementos da Fôrça Pública e abre novo campo para os mais cordiais e proveitosos entendimentos entre a Policia Civil e a Militar. E' necessário, porém, não voltar atrás e dar vida às sábias disposições do festejado decreto. A Corporação será tanto mais eficiente quanto mais responsável ela sentir-se pela direção dos serviços que lhe estão afetos.

Deixo o Comando levado pelo desejo de facilitar a solução de todos os problemas da Corporação e prevenir dissensões nas suas fileiras, certo de que os oficiais, subtenentes, sargentos, cabos e soldados que sempre me apoiaram continuarão, como o fizeram até aqui, a trabalhar pela Fôrça Pública, dando inteiro apóio e colaboração ao novo Comando. O Chefe que hoje se investe nas funções de Comandante Geral, Coronel FAUSTO QUIRINO SIMÕES, sempre foi um homem de bem, probo, compreensivo e amante da Corporação. Em tôrno dêle devem se unir todos, fiéis às tradições de disciplina da Fôrça Pública. Assim procedendo estareis contribuindo para a manutenção dêsse clima de ordem e segurança necessário ao progresso de São Paulo e ao bem estar de sua laboriosa população. E ajudareis o Govêrno a levar a cabo a gigantesca obra que empreende.

No meu Boletim de Assunção de Comando escrevi o seguinte: "Oxalá, quando os tempos se forem, possa eu dizer, como São Paulo — patrono desta nossa grande cidade — "Lutei o bom combate, pertiz minha carreira, guardei a minha fé".

Hoje, no Boletim de Passagem de Comando, posso repetir, com tôda a consciência, a frase do Apóstolo, acrescentando-lhe a segunda parte: "de resto, cumpre-me esperar a coroa que me dará, naquele dia, meu justo juiz — Deus".

Meus camaradas.

Essa coroa, nas contingências da vida terrena, eu já a recebi. E' representada pela colaboração, apóio e amizade que oferecestes generosamente ao meu Comando em todos os momentos.

Tenho essa Coroa. Eu a guardarei eternamente.

Boletim Especial de Assunção de Comando do cel. Fausto Quirino Simões

"Honrado pelo ato de s. excia. o sr. governador do Estado, dr. Jânio Quadros, nomeando-me comandante geral da Fôrça Pública, é com a mais profunda emoção que assumo nesta data a direção dos destinos da nossa glorioso Corporação, reconhecido pela confiança que em mim foi depositada.

Neste momento em que a consciência do dever de ser útil ao Estado, nos leva a procurar novos rumos que permitam um melhor aproveitamento do homem no serviço do Estado, verifica-se o entrecchoque dos pontos de vista os mais diversos, ora orientando-se pela tradição, ora procurando renovar, readaptar-se às necessidades do presente.

Há, entretanto, um ideal comum: o de bem cumprir o dever para com o Estado e a Nação.

Ainda há pouco, comemorando mais um aniversário de nossa milícia passavamos em revista todo o seu passado secular cheio de glórias e de lutas nascidas da necessidade premente de garantir a ordem pública, víamo-la no longínquo 1832, pequenina, a iniciar com os seus cento e poucos homens os seus primeiros passos e, após com o evoluir dos tempos procurar acompanhar o progresso sempre crescente de S. Paulo, as contingências e as lutas internas da

Pátria comum, estruturando os seus quadros de acôrdo com as imposições do trabalho quotidiano.

Entretanto, embora tenha o Estado se desenvolvido espantosamente, a nossa milícia, devido a circunstâncias diversas, teve o seu efetivo restringido, contando ainda atualmente, com um efetivo aproximadamente igual ao de trinta anos passados, e, pela primeira vez em sua história, vê fixado seu efetivo em 4.000 homens além desse número, graças ao esforço sempre honesto do govêrno do Estado em dotar as instituições públicas de órgãos capazes de bem garantir a coletividade e a segurança imprescindível para um trabalho proficuo e dignificante".

APELO AOS SUBORDINADOS

"A par da necessidade de bem servir ao Estado — continua o cel. Quirino Simões — assistimos à evolução social, que exige sempre uma maior assistência aos menos aquinhoados de bens materiais, contingência à qual não poderia fugir a nossa Fôrça Pública.

Eis, pois, uma jornada difícil que nos é imposta e em que temos o dever de empenhar os melhores esforços a fim de, que possamos corresponder à confiança em nós depositada".

Finalizando o seu discurso, o novo comandante dirigiu-se aos oficiais e praças da Corporação pronunciando, entre outras, as seguintes palavras:

"Apelo, pois, a todos os nossos camaradas, para que em uma nítida com-

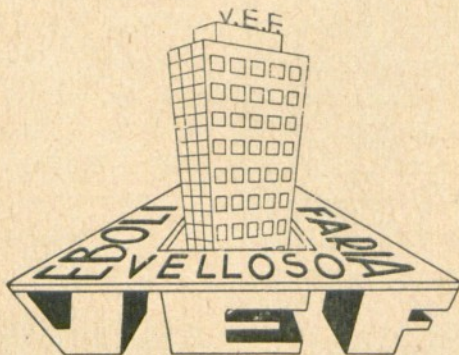
preensão de nossos deveres, tudo fizermos para conduzir a nossa tradicional Corporação aos destinos que nos traçaram os nossos maiores, para o bem de São Paulo e do Brasil".

★ ★ ★

V. E. F.

ENGENHARIA E COMÉRCIO

RUA SÃO CAETANO, 829 - FONE 9-4841 - SÃO PAULO



MATERIAIS ELÉTRICOS E HIDRÁULICOS - SANITÁRIOS COMPLETOS

SRS. OFICIAIS E PRAÇAS

- ||| Economizem na compra.
- ||| Paguem em condições especiais.
- ||| A V. E. F. oferece as melhores condições porque conhece os seus problemas - é a sua loja!

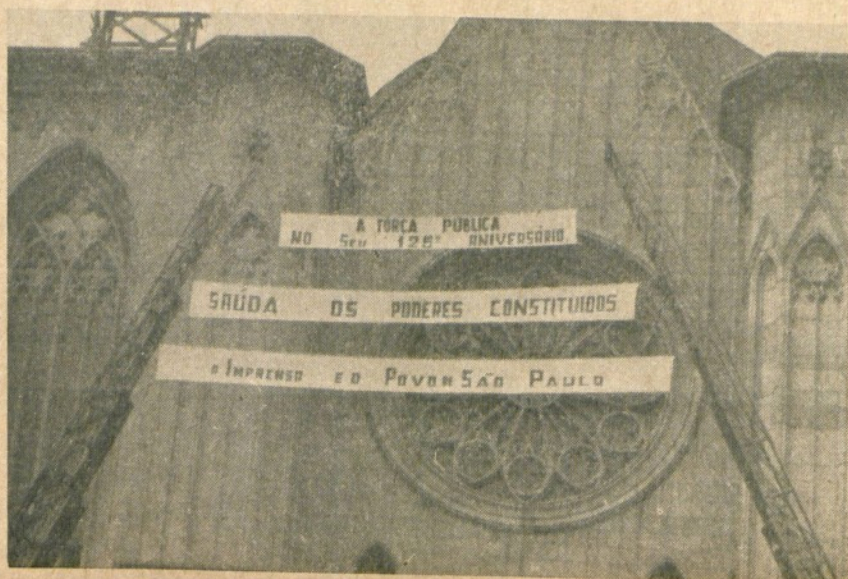
Solenidades do 125.^o Aniversário de Fundação da Fôrça Pública de S. Paulo

A fim de comemorar a passagem do 125.^o aniversário de sua fundação, a Fôrça Pública levou a efeito extenso programa de solenidades, cujo início se deu às 15 horas do dia 9 de dezembro último, no Clube Hípico de Santo Amaro, com uma prova hípica a cargo do Regimento "9 de Julho".

No dia 11, sob a orientação do major Ciriaco, realizaram-se algumas provas de tiro ao alvo no Estande da Associação Desportiva Floresta. Em prosseguimento, processou-se às 9 horas do dia 12, a solenidade de inauguração do novo edifício destinado ao Laboratório e Farmácia do Serviço de Saúde.

Na manhã do dia 13 realizaram-se cerimônias internas em várias Unidades, tais como compromisso de recrutas, juramento à bandeira, inauguração de retratos, entregas de medalhas, etc. Às 15 horas, o S.T.M. disputou uma partida de futebol com o Regimento "9 de Julho", da qual saiu vencedor. Efetivou-se também, conforme dados insertos na secção desportiva, a 5.^a Prova de Pedestrianismo denominada Fôrça Pública. Às 20 horas, no Auditório "Major Antão", o ten. Monte Serrat apresentou interessante sessão cinematográfica.

Às 11 horas do dia 14, na Catedral Metropolitana, o ten. cel. Monse-

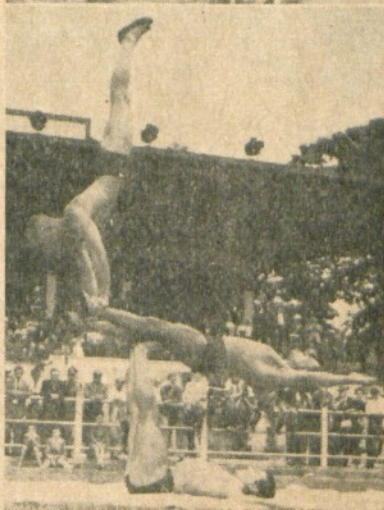
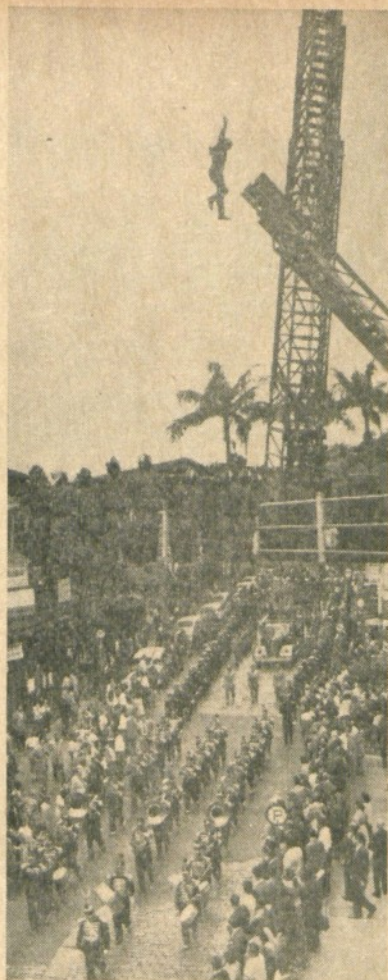


nhor Paulo Aurissol Cavalheiro Freire rezou missa solene, a que compareceu grande número de autoridades e convidados. A seguir, os presentes dirigiram-se em romaria ao túmulo do Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, localizado na Igreja da Venerável Ordem de São Francisco da Penitência da Cidade de São Paulo. Às 15 horas, no ginásio da Escola de Educação Física, realizaram-se jogos de voleibol (sargentos da Fôrça Pública e da Base Aérea), e bola ao cesto (oficiais da Fôrça Pública e da guarnição do Exército sediada nesta Capital). A nossa Corporação venceu ambas as disputas.

No dia 15 foram encerrados os cursos do Centro de Formação e Aperfeiçoamento, assim como declarados os novos aspirantes a oficial e entregues certificados e medalhas a oficiais superiores. A essas solenidades compareceram os srs. Jânio Quadros, governador do Estado; dr. Carlos Eugênio Bitencourt da Fonseca, secretário da Segurança Pública; prof. Carvalho Pinto, secretário da Fazenda; representantes dos srs. comandante do 2.º Exército e da 4.ª Zona Aérea; cel. Rubens Teixeira Branco, comandante geral da Fôrça Pública, outras autoridades e grande número de convidados.

Nas proximidades do Teatro Municipal, às 18 horas, o Corpo de Bombeiros, a Delegacia de Polícia Militar e o Btl. Policial expuseram o material especial de que dispõem. Às 18,30, o Conjunto Musical brindou o público com belo concerto, em frente àquele Teatro.

No dia 16, finalmente, no Parque da Água Branca, interessante programa foi executado. Muito aplaudidos foram os seguintes números: evoluções e acrobacias do Pel. de Motociclistas; esgri-





ma de baioneta por elementos do Centro de Formação e Aperfeiçoamento; ginástica de solo e de aparelho por elementos da Escola de Educação Física; demonstração de ataque e defesa e bailado ginástico de Joinville, ainda a cargo da E.E.F.; trabalho de Ordem Unida, sem comando, pelo C.F.A.; demonstração de ações que ao Batalhão Policial compete desenvolver; cabo aéreo, salto em

paraquedas, descida em aparelho, extinção de incêndio e trabalhos com água, todos executados por elementos do Corpo de Bombeiros.

Os clichês que estampamos dizem melhor do brilhantismo de que se revestiram as solenidades.

NOVOS ASPIRANTES A OFICIAL

Foram declarados Aspirantes a Oficial, nas solenidades realizadas no Centro de Formação e Aperfeiçoamento, os seguintes alunos:

Moysés Szajnbok - Antônio Augusto Neves - Ricardo Armando Alves - Mauro Batista de Miranda - Vilmar Theodoro (PM de Santa Catarina) - Osvaldo de Sordi - Bricio Cirino Nogueira - Airton Santos Miranda - Alcides Casado de Oliveira - José Luiz Mesquita Prado - Wassimon Santos Pereira - Pedro Francisco Gasparini - Carlos Giraldes - José Alves de Carvajho - Newton Borges Barbosa - José Helton Nogueira Diefenthaler - Luiz Carlos Peres - Carlos Aderbal Lourenz - Paulo Tenório da Rocha Marques - Pedro de Souza Filho - Silvio Passos Schreiner - Gunther Alfano Clausen - Bertolino Cardoso Lopes - Maurício Antônio Vilela Candelaria - Plínio Vaz - Reizo Nishi - Luiz Branco Dutra - Miguel João Cocicov - Ju'io Paulo Belickas - Jorge Burdulis - Carlos Fernandes - Osvaldo Cordeiro - Iracy Vieira Catalano - José Fernandes (PM de Santa Catarina) - Julijandir Correia - Nilton Matheus (PM de Santa Catarina) - Airton Siqueira - Gilberto Franco Saciloti - Celso Betoni - Arnado Gonçalves de Oliveira - Carino Correia Filho - Odil Machado Lima.

VIGÉSIMO SEGUNDO ANIVERSÁRIO DA

A. O. R. R. F. P.

MAJOR OLÍMPIO DE OLIVEIRA PIMENTEL

Revestiu-se de brilho invulgar a festa comemorativa da A.O.R.R.F.P. A 25 de janeiro transato a grata efeméride foi condignamente comemorada.

Apesar da inclemência do tempo que pareceu conspirar contra o esplendor da excelsa data que rememora a epopéia dos jesuitas chefiados por Manuel da Nóbrega, ainda assim, nada conseguiu obnubilar o brilhantismo dêsse dia de gala triplamente grandioso, que assinala a conversão do Santo Apóstolo e o feito épico de Nóbrega e, também, o dia em que foi fundada a A.O.R.R.F.P.

Precisamente às vinte horas e trinta minutos no auditório «Major Antão», do Batalhão de Guardas, composta a mesa pelo cel. Fausto Quirino Simões, comandante geral da Fôrça Pública, dr. Alberto Clementino de Azevedo, representante do Lions Clube de São Paulo, dra. Hilda Macedo, comandante da Polícia Feminina e outras altas autoridades civis e militares, o cel. João de Quadros, presidente da Associação, deu início às solenidades, declarando aberta a sessão.

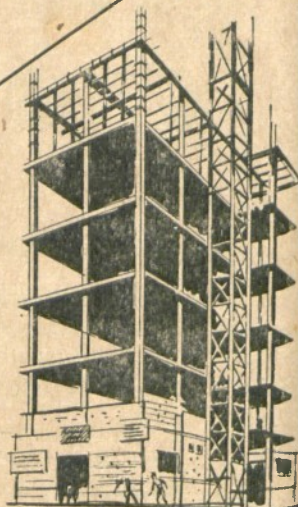
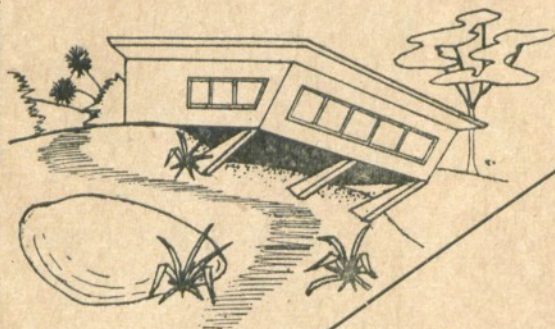
Depois de breve exórdio sêbre a magna efeméride, passou a palavra ao major Benito Serpa que, num

eloqüente discurso, apresentou a dra. Hilda Macedo, comandante da Polícia Feminina que, especialmente convidada, pronunciou encantadora alocução preferindo, antes de fazer o discurso, contar a história do primeiro contato da Polícia Feminina com a Associação. A oradora com fidalguia e lisura, atributos que lhe são peculiares, deliciou o auditório com erudita explanação sôbre a faustosa data, abrangendo a gloriosa realização de Manuel da Nóbrega e o transcurso do aniversário da Associação dos veteranos da Fôrça Pública, e como vinte e cinco de janeiro é, também, a data natalícia do sr. Governador do Estado, terminou a oradora solicitando fôsse entoado o tradicional «Parabéns a Você». Entrementes, uma sessão da Banda de Música da Fôrça Pública executou o original prelúdio que foi cantado pela seleta assistência. Estrepitosa salva de palmas coroou a magnífica oração da ilustre oradora.

Logo a seguir o cap. Ulisses Soares de Campos, secretário da entidade, procedeu à leitura do relatório anual, com especial referência à Tesouraria, depois do que o coronel presidente», in memoriam» dos consócios falecidos, solicitou um minuto de silêncio. Após essa comovedora homenagem fêz entrega do di-

ESCRITÓRIO DE CONSTRUÇÕES CIVIS

AVENIDA 9 DE JULHO, 1289 - TELEFONE 36-4910



RESPONSÁVEL TÉCNICO

GUILHERME ERNESTO ORTH

ENGENHEIRO CIVIL - CREA 7397

ploma de honra à professôra Maria Pia Finoccho, cujo ato se revestiu de grande alegria, sendo a jovem artista ovacionada freneticamente. Naquela ocasião os sócios de honra, drs. Osvaldo Silva e Júlio Mota, foram distinguidos com o troféu da Associação sob vibrantes aplausos da assistência, ficando encerrada a sessão solene.

Depois de curto intervalo foi iniciada a hora de arte organizada e dirigida pelo major Olímpio de Oliveira Pimentel, a qual agradou plenamente ao colendo auditório, arrancando aplausos até dos apáticos, esplenéticos e hipocondríacos. Como primeiro número do bem orientado programa apresentou-se Rosa Rodrigues, a fascinante intérprete de danças hespanholas, que executou «Bejo Mi Cielo Andaluz», de Carlo Castellano e Lerelê de Monreal; «Noturno de Chopin» foi o número seguinte interpretado pela jovem pia-

nista Marlene Herreiro; a seguir Maria Terêsa Alvares, simpático soprano, cantou «Mulungu», de João Sépe, e «Valsa da Museta» de Puccini, acompanhada pela pianista Lais de Carvalho Monteiro; esta talentosa virtuose interpretou «Prelúdio Elegiaco» de João Sépe, sendo vivamente aplaudida; o «Bailado das Bonecas», de Maria Pia Finocchio, executado por um conjunto de bailarinas-mirins, foi um das melhores apresentações; esteve magnífica a jovem e culta dietriz Maria Luísa Mangini, que interpretou Judas Isgorogota, Cassiano Ricardo e Guilherme de Almeida; para fechar com chave de ouro a esplêndida tertúlia litero-musical comemorativa do vigésimo segundo aniversário da Associação, os irmãos Giordano-Ernesto e Emília, com seus mágicos acordeões executaram números humorísticos sendo delirantemente ovacionados pelo culto e bizarro auditório.



GM

A GM na vida brasileira

BOM SERVIÇO EM QUALQUER PARTE DO PAÍS

Espalhados por todo o Brasil, encontram-se 331 concessionários GM, operando com 447 franquias. Estes concessionários possuem elementos treinados em São Paulo, na Escola Técnica da General Motors — homens extremamente familiarizados com os veículos, motores, peças e acessórios... todos os produtos GM. Esta rede de concessionários, pelos serviços que presta, é a garantia de uma assistência técnica perfeita, executada por pessoal experiente — em qualquer Estado, em cidades pequenas ou em grandes centros.

GENERAL MOTORS DO BRASIL S. A.
SÃO CAETANO DO SUL — SÃO PAULO

A. O. R. R. F. P.

== CONFRATERNIZAÇÃO ==

A exemplo dos anos precedentes realizou-se na sede da Associação dos Oficiais Reformados e da Reserva da Fôrça Pública, com início às 15 horas de 29 de dezembro, a tradicional reunião de sócios e convidados para a troca do fraternal abraço, portador de alvissareiras venturas na vigência de 1957. Compareceram à encantadora festa as seguintes pessoas: General Miguel Costa, ex-presidente da Associação; Dr. Júlio Mota, sócio de honra; Cel. Rubens Teixeira Branco, presidente do Clube dos Oficiais da Fôrça Pública; Cel. João de Quadros, presidente da Associação; Cel. Luís Tenório de Brito, secretário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; Coronéis Azarias Silva, José Teófilo Ramos, Felício Mendes da Costa, Homero da Silveira, Manuel Marques Machado, Luiz Gonzaga de Oliveira, Júlio Dino de Almeida, José Tôrres de Rezende, Benedito de Castro Oliveira e Manuel Augusto Baltazar; Tenentes-Coronéis Aparício de Barros Messias, José Garcia, Luís de Faria e Souza, Juvenal de Lima Franco, Manuel da Mota Melo e Benedito Marcondes da Costa, além de elevado número de associados e respectivas famílias. Esteve presente na qualidade de convidada de honra a dra. Hilda Macedo, comandante da Polícia Feminina, que se fez acompanhar da prof. Eurídice da Silva Costa, subcoman-

dante da novel Corporação. A hora aprazada o cel. João de Quadros, presidente da entidade, declarou aberta a sessão passando, em seguida, a palavra ao segundo vice-presidente Major Olímpio de Oliveira Pimentel que pronunciou a seguinte oração: «Mais uma vez temos a fortuna de, reunidos nesta estância, trocar o abraço fraterno comemorativo das festas de fim de ano, celebradas em todo o mundo cristão. Realizamos aqui, numa expressiva camaradagem, comovedora amizade, emocionante simpatia, invejável compreensão e eloqüente cordialidade, a confraternização de diretores e associados deste sodalício, que acariciados pela amável e honrosa presença de amigos diletos, especialmente convidados, aqui se congregam, para abrir crédito de confiança ao rebento que será, em breve batizado com o nome de 1957, e, que surgirá, dentro de algumas horas, com seu manto alvinitente, simbolizando a inocência, a pureza, a candura, a esperança e o amor. Quantos de vós olhareis com desprezo o avelhentado 1956, pelas decepções que sofrestes, e pelas desilusões que tivestes durante o seu império! Sim, poucos de nós tivemos a ventura de fazer a sinuosa caminhada sem obstáculos nem tropeços; sem tristezas nem amarguras; sem vicissitudes nem desenganos!... Ai está o 1957 acenando manhãs viren-

CURSO GRATUITO DE TAQUIGRAFIA

A Escola Modelo de Taquigrafia, dirigida pelo prof. Sérgio Thomaz, abriu matrículas ao novo curso de taquigrafia por correspondência que terá a duração de cinco meses, após o que serão conferidos diplomas aos alunos aprovados em exame final. Para maiores informações escrever à Escola Modelo de Taquigrafia, rua Barão de Itapetininga, 275, 9º andar, sala 91, Caixa Postal, 8600, fone 36-7659. São Paulo.

tes e alvissareiras, tardes calmosas e risonhas, noites poéticas e enluaradas!...

Com indizível prazer assinalo dentre as pessoas gradas que nos vieram brindar com sua fidalga presença a ilustrada comandante da Polícia Feminina, dra. Hilda Macedo, que se fez acompanhar da prof. Eurídice da Silva Costa, subcomandante da nobre milícia. A exemplo da tradicional concentração da família paulista, por ocasião das festas de Natal, quis a prestigiosa Polícia Feminina, bisneta desta Associação, como corolário da proposição que tive a honra de apresentar quando da homenagem que lhe foi tributada, nesta sede, em reunião de 23 de junho último, vir juntar-se à bisavozinha que a recebe com desvelo, acendrado amor e acrisolado afeto.

Quero neste momento de expansão augurar aos prezados consócios e suas exmas. famílias, e aos queridos convidados que vieram abrihantar com a graça de sua presença esta reunião fraterna, muita felicidade e, que o Ano Novo, sob o influxo sublime do Menino Jesus, o predestinado Filho de Deus - cognominado por Anibal Vaz de Melo

«Cristo, o maior dos Anarquistas» por reconhecê-lo justo e amável; puro e humilde; enérgico e carinhoso; glorificando-O como Redentor da humanidade lhes dê tudo aquilo que fôr objeto de suas aspirações». Foram as últimas palavras do orador aplaudidas com prolongada salva de palmas. Em seguida foi apresentado gracioso «show» com exibição de números de dança executados pela bailarina-mirim Cleonice Brandão e encerrado com números de declamação a cargo do major Olímpio de Oliveira Pimentel que interpretou: «Bem Supremo», de Belmiro Braga; «Beduina», de Salomão Jorge e «A Liga da Duquesa», de Júlio Dantas. Após pequeno intervalo, a dra. Hilda Macedo em eloqüente improviso ofereceu à A.O.R.R.F.P. a flâmula da Polícia Feminina, sendo êsse elegante gesto acolhido com entusiasmo e júbilo imenso pelos presentes, que ovacionaram freneticamente a Polícia Feminina, nas pessoas da dra. Hilda Macedo e prof. Eurídice da Silva Costa.

Aos sócios convidados foi servida lauta mesa de salgados, doces, chope e refrigerantes, tendo a reunião festiva se prolongado até às 19 horas, na mais cordial camaradagem.



Direção do major Francisco V. Fonseca

ALAGOAS

CANÇÃO OFICIAL DA PM

A Polícia Militar da Terra dos Marechais, já possui também a sua canção, oficializada por ato do Executivo, de 18 de junho próximo passado. Trata-se do hino-canção «Somos soldados leais», música de Antônio Gondim de Lima e letra de Pierre Luz, cuja partitura reproduzimos na página seguinte.

CONTRAI NÚPCIAS O GOVERNADOR

Um dos padrinhos, o comandante da Polícia Militar.

No dia 9 de setembro último, Maceió assistiu ao grande acontecimento social do ano, que foi o enlace matrimonial do governador Sebastião Marinho Muniz Falcão, com a srta. Alba Mendes, da sociedade alagoana e filha do dep. Humberto Mendes, vice-lider do governo na Assembléia Legislativa.

O ato religioso, realizado na matriz de Nossa Senhora das Graças, foi oficiado pelo revmo. Cônego Pedro Cavalcante de Oliveira, acolitado por diversos sacerdotes, entre os quais o l.º ten. pe. Luís Medeiros Marinho, do Serviço de Assistência Religiosa, da Polícia Militar. Foram padrinhos, por parte da noiva, o cel. Murilo Luz, comandante da PM, e sua exma. espôsa, dna. Conceição Machado Luz; e, por parte do noivo, o prof. Guedes de Miranda e srta. Alaide Casado de Lima.

O ato civil, realizado no palácio Floriano Peixoto, residência oficial do governador, foi oficiado pelo dr. Miguel Batista, juiz de direito da capital, o qual frizou, durante a cerimônia, constituir aquêlo o primeiro caso na história do nosso País, em que um governador realiza seu enlace matrimonial quando no exercício de seu mandato. Serviram de paraninfos, então, por parte do noivo, o vice-governador Sizenando Nabuco de Melo e a sra. Enrique Equelman; por parte da noiva, o dr. Sival Gaia e exma. espôsa, dna. Nazaré Gaia.

Enorme massa popular aplaudia aos noivos, em todo o percurso do cortêjo e os noivos, em sinal de agradecimento, acenavam aos populares que se comprimiam pelas calçadas da cidade e em frente ao palácio do governo.

Recepção em palácio e viagem de núpcias

Os genitores da srta. Alba Mendes, dep. Humberto Mendes e exma. espôsa, ofereceram, à sociedade alagoana e ao povo em geral, magnífica recepção no palácio Floriano Peixoto.



Dois aspectos das festividades que se constituíram no maior acontecimento social do ano, em Maceió.

No mesmo dia do enlace, o casal Muniz Falcão seguiu ao Rio de Janeiro, em avião da Cruzeiro do Sul, em viagem de núpcias, notando-se a presença, no aeropôrto dos Palmares, de inúmeras personalidades civis, militares e eclesiásticas e numerosa massa popular, não faltando, no momento do embarque, a clássica chuva de arroz.

AMAZONAS

BOMBEIROS VOLUNTARIOS

— A Sociedade dos Bombeiros Voluntários inaugurou uma campanha em prol da aquisição de mais dois carros, a fim de melhorar sua tarefa de dar combate ao fogo.

Nessa campanha, os bombeiros-voluntários em seus carros percorrem as ruas previamente escolhidas e anunciadas pela imprensa. A população recebeu com carinho a campanha e está colaborando eficazmente para o sucesso do movimento, sem dúvida simpático, dos soldados do fogo da capital amazonense.

BAHIA

VISTA DO GOVERNADOR À VILA MILITAR

Esteve em visita ao Regimento «Dois de Julho», na Vila Militar do Bonfim, no dia 17 de novembro último, o governador Antônio Balbino, que se fez acompanhar do secretário da Segurança Pública, prof. Lafaiete Coutinho.

S. Excia. foi recebido pelo cel. Graça Lessa, comandante da Corporação, fazendo-lhe apresentação de toda a oficialidade daquela guarnição, dirigindo-lhe palavras de agradecimento pela visita e peço que S. Excia. vem fazendo pela corporação que tem a honra de comandar.

Em breves palavras, o sr. governador disse do cuidado que tem tido com tudo aquilo que diz respeito à centenária milícia baiana.

Após essa apresentação, o ten. cel. Antônio Medeiros de Azevedo, Cmt. do R2-J, auxiliado pelos seus oficiais, fez uma exposição minuciosa do emprêgo dessa nova Unidade no Policiamento Ostensivo da Capital e de algumas Cidades do Interior, tendo mostrado quais as reais necessidades do Regimento, para que a sua eficiência seja completa.

Auxílio para a sede própria do Clube dos Oficiais

Aproveitando a oportunidade da visita do governador baiano à Vila Militar, o presidente do Clube dos Oficiais, cap. Genivaldo Freitas, fez a leitura e a entrega de um memoria! daquela entidade, solicitando doação de um terreno e auxílio para a construção da sua sede própria.

O governador Balbino, tomando conhecimento do apêlo que lhe foi feito, autorizou o secretário da Segurança a preparar o expediente da doação do terreno e uma mensagem à Assembléia Legislativa, solicitando aprovação de um auxílio financeiro para a construção da sede daquele Clube. Além disso, o sr. Antônio Balbino ainda abriu o livro de ouro da mesma sociedade, com uma importância em dinheiro, para o início das obras de construção da referida sede social.

NOVOS SARGENTOS

Foram promovidos, a sargento, a 24 de dezembro último, 43 çabos da Polícia Militar, após um curso intensivo, obedecendo a um programa indispensável à elevação sempre crescente do padrão cultural e profissional da milícia.

São os seguintes os componentes da nova turma de sargentos:

Manoel Braulio da Conceição, Antônio Paul, Josito Alves de Araújo, Geraldo Calazans de Freitas, Moisés Pereira de Santana, Bernardo Santiago de Jesus, Juarez Augusto de Araújo, Milton Galdino de Oliveira, João da Silva Maia, José Euzébio da Silva, José Amorim Fi-

lho, Roque de Gois Novais, Otacilio Eduardo Ferreira, Dilton Dimas de Oliveira, Domingos de Santana Silva, Eduardo Ribeiro Novais, Francisco Heráclito Ferreira, Apolônio Inácio de Oliveira, José Januário da Cruz, Francisco Gonzaga de Menezes, Oldack Matos Costa, Graciliano Oliveira, José Pedro Rocha, Amilcar Ferreira da Silva, Rui Ferreira de Oliveira, Manoel João da Silva, Vivaldo Ribeiro Melo, João Batista Alves, José Antônio Soares Ribeiro, Américo Duarte Santos, Lirivaldo Mundim de Souza, Francisco Batista dos Santos, Manoel Mesias de Almeida, Henrique Santiago, Gerônimo Cláudio dos Santos, Pedro Pereira do Nascimento, Américo da Silva Conrado, Adomir Paiva, Antônio Pereira da Silva, Galdino José Barreto Holhenfeld, João Cerqueira Teixeira, Anésino Cavalcante de Brito e Wellington Costa de Souza.

MOVIMENTAÇÃO DE OFICIAIS SUPERIORES

Por ato do governo do Estado foram feitas as seguintes movimentações: — classificado comandante do 1.º BC, o ten. cel. Francisco Pedro da Fonseca; comandante do Batalhão de Comando e Serviços, o ten. cel. José Augusto Fernandes; subcomandante do Centro de Instrução, o major Manoel Cerqueira Cabral, que assumiu, interinamente, as funções de comandante; subchefe do Gabinete do Comando Geral, o major Edson Franklin de Queiroz, que assumiu, interinamente, a chefia do Gabinete; subchefe do Departamento dos Serviços, o major Durval Tavares Carneiro; comandante do Batalhão de Polícia Metropolitana, o major Gerson Aureliano Alves.

FEIRA DE SANTANA TEM UM BATALHAO DE POLÍCIA

Com o objetivo de dar melhor assistência policial ao interior do Estado, o Governo do Estado, por proposta do Comandante Geral da P.M., determinou o deslocamento do 1.º Batalhão de Caçadores, até então aquartelado na Vila Militar do Bonfim, em Salvador, para a próspera cidade de Feira de Santana, unidade essa que está sob o comando do major Antídio de Oliveira Matos.

UMA COMPANHIA DO 3.º BC EM BONFIM

Também, o Comandante Geral vem de determinar a instalação da 3.ª Companhia do 3.º BC na cidade de Senhor do Bonfim, subunidade que está no momento comandada pelo 2.º tenente Raulino Franklin de Queiroz. Tal companhia, além dos deveres normais de controle do policiamento em grande faixa do território baiano, deverá ainda recrutar soldados para o provimento dos quadros da Polícia Militar.

POLICIAMENTO OSTENSIVO EM GRANDES CIDADES

Os "Cosme e Damião" deixam a Capital e entram pelo interior do Estado na sua missão de mantenedores da ordem pública, dentro dos novos padrões de policiamento adotados na Polícia Militar. Assim, na Capital o policiamento ostensivo ficou a cargo do Regimento "2 de Julho", com seus dois Batalhões de Polícia Metropolitana; e no interior, já estão instalados grupamentos de "Cosme e Damião" nas cidades de Ilhéus, Itabuna e Feira de Santana.

Acreditamos que à medida que a Companhia de Recrutas, o 1.º BC, o 2.º BC e o 3.º BC fôrem formando os contingentes de recrutas já em instrução intensiva, vamos ter outras grandes cidades do *hinterland* baiano providas de um policiamento mais eficaz, feito rigorosamente, como disse, nos moldes do atribuído aos "Cosme e Damião".

QUADRO DE OFICIAIS DE ADMINISTRAÇÃO

O cel. Graça Lessa vem de encaminhar ao sr. governador do Estado um projeto, pelo qual será criado na Polícia Militar um quadro auxiliar de Oficiais de Administração, para atender às necessidades dos serviços administrativos e burocráticos da corporação. O recrutamento será feito entre subtenentes e 1.ºs sargentos, que possuem pelo menos o curso de sargento de fileira e satisfaçam outros requisitos de idade, idoneidade moral, capacidade profissional, etc., conforme o texto do projeto de lei e, em consequência, depois do pronunciamento da Comissão de Promoções. Os sargentos recrutados para o QOA farão um estágio probatório da sua capacidade, por seis meses, em organizações de tropa ou serviços, findo o qual deverão merecer conceito *bom* do seu comandante, sob pena de não serem efetivados no Quadro.

REGIMENTO DISCIPLINAR DOS CURSOS

Por proposta do major Edson Franklin de Queiroz, então comandante do Centro de Instrução, foi decretado pelo Governo do Estado, com aprovação prévia do Comandante Geral da PM, o Regimento Disciplinar dos Cursos da

Polícia Militar, pelo qual, em face da situação especial dos alunos, foi, de certo modo, afastada a aplicação rigorosa do Regulamento Disciplinar comum (RDE) nas Escolas, passando a considerar-se uma dualidade de delitos que podem cometer os alunos: delitos comuns e delitos escolares (naqueles são aplicados o RDE e nesses, o Regimento Disciplinar dos Cursos). Orientou o trabalho daquele oficial o princípio de que o Regulamento Disciplinar do Exército é um regulamento aplicável a homens já profissionalmente formados, perfeitamente conhecedores dos deveres militares — e não aos que mal se iniciam na carreira militar, por isso, no aludido Regimento ficou definida a situação de "mau comportamento" do aluno, que implica em desligamento do curso: não é mais como está prescrito no RDE.

CEARÁ

POLICIAMENTO OSTENSIVO DE FORTALEZA

O cel. Manoel Expedito Sampaio, comandante da PMC, em comunicado de 28 de novembro p.p, anunciava ao público de Fortaleza que a partir de 1.º de novembro passaria a capital do Estado a experimentar, em sua zona central, a aplicação do sistema de policiamento ostensivo conhecido por «Cosme e Damião», praticado por policiais em duplas. E, prosseguindo, no comunicado:

«A principal característica do novo sistema não se concentra, porém, tão somente na apresentação das duplas de policiais, o que em si

nada teria de relevante, mas a intenção de banir para sempre da mente das populações os últimos resquícios dos tempos do «rabo de gallo» em que os policiais eram vistos como espantinho, recrutados em homens de elevada estatura para poderem demonstrar superioridade física.

Essa intenção, concretizada em realidade incontestável na «Cidade Maravilhosa» e outras Capitais brasileiras, as Polícias Militares têm demonstrado com a aplicação de uma espécie de revolução nos métodos de ensino de seu pessoal. Assim, os policiais são instruídos para servir ao público, para prestar informações, para policiar preventivamente, por meios persuasivos de conselhos e advertências, tudo com a finalidade de criar no público o hábito do «Pergunte a um policial».

Jamais empregar a violência desnecessária.

Prisão só os casos característicos de flagrante delito.

Preparada para tal fim, a Companhia de Guardas e Policiamento, que já tem prestado com eficiência algumas tarefas de policiamento solicitadas à Polícia Militar, estará, a partir de 1.º de dezembro, inteiramente à disposição da população de Fortaleza, mantendo um policiamento ininterrupto, na zona que lhe foi atribuída.

Esta zona, que está compreendida da Rua João Moreira à Duque de Caxias e da General Sampaio à Av. Alberto Nepomuceno, e seu prolongamento Sul, abrange o centro da cidade, com seu principal comércio, estabelecimentos bancários, jor-

nais, cinemas, etc. Aí os «Cosme e Damião» prestarão os seus serviços de policiamento ostensivo, sem dispensar o policiamento especializado a cargo do pessoal da Inspetoria do Trânsito, ao qual prestarão o apóio e auxílio necessários. O policiamento interno, isto é, no interior das casas de diversões, bancos, repartições públicas, mercados, etc., continuará, como até hoje, a cargo da Guarda Civil de Fortaleza, intervindo o pessoal da Polícia Militar quando necessário.

Oferecendo mais êstes esclarecimentos à população de Fortaleza, espera êste Comando poder contar com a colaboração das autoridades, do comércio e do povo, no sentido do apóio e prestígio de que o serviço de policiamento ostensivo a cargo dos «Cosme e Damião» necessita, para o perfeito desempenho de sua tarefa, solicitando, outrossim, aos órgãos de publicidade falada e escrita de nossa Capital a indispensável cobertura no sentido de que o público fique esclarecido sobre as reais finalidades do emprêgo do sistema de policiamento a cargo dos «Cosme e Damião».

Bem recebidos

Os comentários que colhemos, nos diversos círculos da capital cearense, foram unânimes em afirmar que a população da capital recebeu muito bem a inovação policial e que resultados positivos já eram observados a miúdo.

O cap. José Silvino, responsável pelo preparo e execução do plano de policiamento em aprêgo, em declarações à imprensa, afirmou que as duplas de policiais vinham

cumprindo rigorosamente as instruções ministradas pelos seus superiores hierárquicos.

Assim, os primeiros contatos que os «Cosme e Damião» tiveram com a população de Fortaleza foram coroados de pleno êxito. Resta que os fortalezcences continuem prestigiando e confiando na ação benéfica que a nova dupla de policiais oferece àqueles que dela precisarem.

DISTRITO FEDERAL

NOVOS ASPIRANTES DA PM

O sr. presidente Juscelino Kubitschek paraninfou, na manhã do dia 15 de dezembro último, em solenidade realizada na praça de esportes do Botafogo F.R., a turma de aspirantes da PM do Distrito Federal.

O chefe do Executivo, que chegou ao local da cerimônia acompanhado de diversos dos seus auxiliares de governo, presidiu, ainda, a entrega do «Espadim de Tiradentes» aos cadetes da Escola de Formação de Oficiais da PMDF, (semelhante ao já usado na Força Pública de S. Paulo, desde 1936), símbolo recentemente instituído na PM, por decreto federal.

O «Espadim de Tiradentes», assim intitulado em homenagem ao Mártir da Independência e patrono das milícias do Brasil, foi entregue aos 70 alunos dos 1.º e 2.º anos. Os três primeiros colocados o receberam das mãos do sr. presidente da República, do sr. ministro Nereu Ramos e do sr. general Nelson de Mello, e os demais de suas madrinhas.

O comandante da Polícia Militar, coronel Manoel Joaquim Guedes, ofereceu ao presidente Juscelino Kubitschek o primeiro «Espadim de Tiradentes».

DECLARAÇÃO DE ASPIRANTES

A segunda parte da solenidade constou da entrega de espadas aos 23 aspirantes a oficial da turma de 1956, que teve como patrono o presidente Juscelino Kubitschek.

Os aspirantes Carlos Magno Nazareth Cerqueira, Marcelo Reis Lange e Ayrton da Silva Rabelo, que galgaram o oficialato da Polícia Militar nas três primeiras colocações, receberam suas espadas das mãos do chefe do governo, do titular da pasta da Justiça e do chefe do Departamento de Provisãoamento Geral do Exército, general Zenobio da Costa.

DISCURSO DO SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA

Após a solenidade do compromisso militar, o presidente Juscelino Kubitschek proferiu a seguinte oração:

«Meus jovens aspirantes da Polícia Militar do Distrito Federal:

E' com a maior cordialidade e simpatia que me dirijo a vós, meus paraninfados, para agradecer-vos a distinção que me conferis. Sinto-me entre vós, um pouco em casa, e como membro da mesma família, pois os cargos que ocupei, até a presidência da República, não me fizeram esquecer jamais a minha qualidade de oficial médico da antiga Força Pública, hoje Polícia Militar do Estado de Minas Gerais.

Entre as honrarias e titulos que, bem mais do que os meus méritos, os designios de providência me conferiram, nunca deixei de apreciar devidamente a posição que occupo na milicia do meu estado natal.

Durante os anos que servi, em Minas, como um dos vossos, tive occasião de conhecer de perto as qualidades e o ânimo dessas fôrças, dêsses soldados, a quem incumbe parte tão importante na estabilidade e na manutenção da ordem pública. Privando com officiaes e praças, enfrentando até mesmo horas graves, pude apreciar as virtudes e o patriotismo que animam essas milicias, que tanto fizeram para honrar as armas brasileiras, em circunstâncias diversas, e que não só lutam para que a lei e a autoridade sejam respeitadas e obedecidas, mas se oferecem como exemplo de disciplina, como modelo de acatamento a essa ordem e a essa lei, sem as quais não há nação que possa significar e valer.

Iniciais vossa carreira numa hora em que os problemas desta cidade, com o seu crescimento, se agigantam, em que as fôrças do mal se tornam mais videntes e ousadas, em que o crime se torna mais insistente, em que as tentativas de perturbar os ritmos de nossa civilização se repetem inutilmente, no desespero que provoca — às fôrças da destruição — a certeza de que o Brasil avança para uma zona de equilibrio inatacável. Por tudo isso, tendes tarefa importante, missão séria a desempenhar.

Deveis servir à causa do bem, dentro das normas que se tornaram tradicionais nesta Polícia Militar de

que fazeis parte. Necessitais de muitas virtudes para o desempenho da carreira que escolhestes. A bravura que deveis ter, que vos é indispensável, deveis acrescentar prudência, moderação, sentimento conciliador, ânimo cauteloso. Sois vigilantes da lei, soldados da ordem, e isso é uma dignidade extraordinária que deve ser levada em conta. E que o será em toda a vossa vida profissional.

Faço votos para que todo o êxito vos seja concedido, e principalmente o maior de todos, que é o sentimento glorioso do dever cumprido».

ESPÍRITO SANTO

Regulamentada a Lei dos Inativos

Por ato do governador Francisco Lacerda Aguiar, foi sancionada a lei que regula e define a situação dos inativos da Polícia Militar do Estado.

MATO GROSSO

Associação dos reformados da PM

A Associação dos Reformados da PM de Mato Grosso, desde 6 de janeiro último, passou a ter nova direção, com a posse da Diretoria e do Conselho Fiscal, eleitos para reger os destinos da entidade em 1957.

São os seguintes os elementos eleitos: **Presidente de Honra:** cel. Daniel de Queiroz; **Diretoria:** presidente — major João Nunes da Cunha; vice-pres. — cap. Antônio Pinto do Amorim; 1.º secretário — 1.º ten. José Francisco do Amorim;

2.º secretário — sgt. Agenor Luz Cavalcanti; 1.º tesoureiro — ten. cel. José Silvério de Magalhães; 2.º tesoureiro — 1.º ten. Carlos Corrêa; procurador-relator — ca. Temístocles Aristeu de Carvalho (reeleito); vogais — ten. cel. dr. Antônio de Cerqueira Pereira Leite, major Simão Aureliano de Barros e 1.º ten. Lourival Carvalho de Araujo. **Conselho Fiscal:** ten. cel. João Guttemberg Alves Ferreira (reeleito); vogais — cap. Cid Teodoro do Espírito Santo, 1.º ten. Antônio Cipriano Pereira, subten. Benedito Fabiano de Arruda e sgt. Manoel Francisco de Oliveira.

MINAS GERAIS

Sanatório «Eugênia Vargas»

O Sanatório «Eugênia Vargas», da Polícia Militar, vem, ultimamente, constituindo motivo de especial atenção das autoridades estaduais e federais.

Reunindo um contingente de doze mil homens, a PM, desde muito tempo, sentia necessidade de realizar uma obra que pudesse atender, no mais amplo sentido e com os melhores recursos materiais, aos que dela necessitassem. Daí a construção do Sanatório «Eugênia Vargas», que reúne uma obra de vasto alcance material e profunda razão humana.

Auxílio federal

Ciente dos fatos e conhecedor dos relatórios sobre a realização do Hospital, o presidente da República acaba de emprestar a êle sua deci-

da colaboração. A propósito, o cel. Afonso Heleodoro dos Santos, chefe do Serviço de Interesses Estaduais, do Palácio do Catete, endereçou ao cel. Manuel Assunção e Souza, o seguinte radiograma:

«Por incumbência do sr. presidente da República tenho a satisfação de comunicar ao prezado comandante geral que s. excia. encaminhou expediente ao Serviço Nacional de Tuberculose para providenciar o pagamento de duzentos mil cruzeiros ao Sanatório para tuberculosos «Eugênia Vargas». Apraz-me informar ainda que o orçamento para 1957 contempla nosso Sanatório com a importância de oitocentos mil cruzeiros, através do Serviço Nacional de Tuberculose. Além desses recursos, pretende o SNT, conforme entendimentos mantidos, empregar a importância de quatro milhões de cruzeiros para o aparelhamento do Sanatório de nossa Corporação».

PARÁ

A PM NA REPRESSÃO AO CONTRABANDO

Por determinação do governo estadual, ao comando da PM e à Secretaria das Finanças, passaram as autoridades estaduais a manter rigorosa fiscalização sobre o comércio clandestino de mercadorias contrabandeadas no Pará.

Como detalhe de tais providências, informou o sr. Oscar Lauzid, titular daquela pasta, que um funcionário fazendário, acompanhado de um oficial, um sargento e duas pra-

ças da Polícia Militar percorrerão, em jipe da milícia, todo o litoral compreendido pelo trecho do Arsenal de Marinha e a Pedreirinha do Guamá. Será um serviço de 24 horas por dia, com redobrada vigilância nas horas em que a maré permita a retirada ou o embarque de mercadorias clandestinas.

DOAÇÃO DE CAVALOS A PM

Restauração do Esquadrão de Cavalaria

Continua o coronel Maravalho Belo, comandante da Polícia Militar, a receber inúmeros aplausos e solidariedade pela restauração do antigo Esquadrão de Cavalaria da Polícia Militar do Estado, tão necessário no serviço de policiamento noturno da cidade.

Já oito prefeitos enviaram animais para a organização do novo Esquadrão, que estava contando apenas com três em condições de trabalho.

Cachoeira do Arari, Curuçá, Bragança, Marabá, Marapanim, Faro, Tucuruí e Nova Timboteua, por seus prefeitos, já comunicaram ao comandante Maravalho o apoio à campanha, enviando animais, devendo outros municípios fazer o mesmo.

Também criadores e fazendeiros do Marajó, Baixo-Amazonas e outras regiões, deverão apoiar a iniciativa feliz do comandante da Polícia Militar, que visa restabelecer, com toda a sua galhardia, o tradicional Esquadrão da Cavalaria.

MARANHÃO

Código de vencimentos e vantagens da PM

Entrou em vigor na Polícia Militar, desde 1.º de janeiro último, o novo Código de Vencimentos e Vantagens da corporação, cuja lei fôra levada à sanção do chefe do Executivo estadual.

RIO DE JANEIRO

Nova direção para o Clube dos Oficiais

Teve transcurso dos mais brilhantes a solenidade de posse da nova diretoria do Clube dos Oficiais da Polícia Militar, para o biênio 1957-58, levada a efeito na noite do dia 6 de janeiro último, na sede daquela entidade, em Niterói.

O programa de festividades começou às 19 horas, quando, com a presença de autoridades civis e militares e numerosos convidados, teve lugar a solenidade, sob a presidência do cel. Secundino de Oliveira, atual comandante do Corpo de Bombeiros e antigo oficial da PM.

A seguir, o presidente empossado, cel. Jonathan Dezerto Bastos, fez um relato das atividades do Clube e de sua gestão anterior, oportunidade em que ressaltou possuir o Clube patrimônio apreziável, graças ao auxílio do governo estadual e ao trabalho dos seus companheiros de diretoria.

Em seguida foi servido um «cock» aos presentes, realizando-se,

após, a «Noite de Buate», com o grito de Carnaval do Clube.

A nova diretoria está assim constituída: presidente — cel. Jonathan Dezerto Bastos; vice-presidente — cap. Ordener Pereira Veloso; 1.º secretário — 1.º ten. Elói de Luna Freire; 2.º secretário — ten. Sílvio Boareto; 1.º tesoureiro — major Manuel Ramos Barbosa Filho; 2.º tesoureiro — ten. Manoel Ferreira da Costa. Conselheiros: tens. céis. Wilson Moreira da Costa e Milton Rodrigues de Brito e major Raimundo da Costa. Suplentes do Conselho: cap. Joaquim da Costa Santos, ten. José da Silva Campos e ten. Wilson Cabral Tranin; diretor social — ten. Carlos de Castro; diretor recreativo — ten. Antônio Medeiros Dezerto; diretor desportivo — cap. Djalma Alves Ferreira; orador oficial — ten. cel. médico Moacir Martins Bogado; síndico — major Genaro da Costa Rubim; diretor do departamento feminino — sra. Maria de Lourdes Sardenberg Bastos.

NOVOS ASPIRANTES

Com solenidade realizada no estádio «Caio Martins», em Niterói, foi procedida à declaração e entrega solene das espadas aos formandos da Escola de Oficiais da Polícia Militar do Estado do Rio, que elegeram seu patrono o chefe do governo fluminense e, paraninfo, o comandante da corporação, cel. Jerônimo Derengowski.

Os novos aspirantes

Os novos aspirantes são os seguintes: Américo Rodrigues Loureiro, Anivaldo de Souza Paiva, Arlin-

do da Silva Ribeiro, Armando Mário de Azevedo, Artur Lopes Bandeira Filho, Auremar Mercadante, Hélio Cruz Filho, Iedo Bittencourt da Silva, Jorge Barreto Pereira Pinto, Jorge de Souza Jesus, José dos Santos Filho, José Moreira, Laurílio José da Silva, Lédio Ribeiro, Moacir Araújo, Nilton Teixeira, Raimundo Antônio Muniz, Raul Moreira da Costa, Sebastião Gonçalves de Souza, Walter Gomes da Costa e Willie Cardoso da Silva.

RIO GRANDE DO SUL

Corpo de Bombeiros e Polícia montada para Farroupilha e Palmeira das Missões.

Esteve em Pôrto Alegre, em setembro último, ultimando demarches junto ao cel. Walter Peracchi Barcelos, secretário do Interior, cel. Ildefonso Pereira de Albuquerque, comandante da Brigada Militar e major Lorandi, comandante do Corpo de Bombeiros o sr. Valentim Lucchese, prefeito de Farroupilha Visava êle à instalação de uma estação de bombeiros no seu município o que realmente obteve, em fins de dezembro p. findo.

Outro assunto de grande importância para a cidade e tóda a zona da Encosta da Serra é a instalação ali, da sede da Polícia Rural Montada, para o que o prefeito Lucchese acertou com o comandante da BM as providências iniciais, de vez que a conclusão da medida está marcada para o mês de julho próximo futuro.

○ CURSO MILITIA

• E A LINGUAGEM EXPRESSIVA DOS NÚMEROS

Sob o patrocínio do Clube dos Oficiais da Fôrça Pública, o CURSO MILITIA vem, há oito anos, preparando candidatos para os exames de admissão à Escola de Oficiais, sempre conquistando expressivas porcentagens de aprovação. Ainda este ano, dos vinte e dois candidatos aos quais ministrou ensinamentos, dezoto lograram pleno êxito nas provas intelectuais, atingindo assim o elevado e significativo resultado de 82% de admissão.

Dos trinta e três alunos aprovados no corrente ano, damos a relação dos que se prepararam no CURSO MILITIA:

Rogério Adhemar Lamagni - Francisco Ferro - Carlos Fuga - Luiz

Ricardo Floriano Toledo - Oliveira Júnior - Wa'demar Indalécio Júnior - Plínio Rolim de Moura Filho - João Vargas Filho - Romualdo Fuga - Devanir Antônio Queiroz - 2.º sgt. Olegário Hamilton de Carvalho - João Vilas Boas - Paulo Casilo Rego - Ivan Vieira Catalano - Carlos de Carvalho - José Gonçalves Mendes - Reginaldo Esbardelini.

Jovem! Se você deseja ingressar na Escola de Oficiais da Fôrça Pública, não deixe para se preparar nos últimos meses: efetue desde já a sua matrícula no CURSO MILITIA. Número de vagas limitado, para assegurar mais íntimo contacto entre mestres e alunos, e maior eficiência do ensino.



(Continuação da pg. anterior)

Também Palmeira das Missões

A população de Palmeira das Missões recebeu com grande satisfação a notícia de que, em breve, a cidade servirá de sede para um destacamento do Corpo de Bombeiros e de um pelotão da Polícia Rural Montada, ambas unidades da Brigada

Militar. Tais notícias foram transmitidas à população palmeirense, pelo cel. Ildefonso Pereira de Albuquerque, comandante da BM, em visita àquela cidade, em outubro último.

Pelo governo do Município já foram doados os respectivos terrenos, para a construção dos quartéis.



Cap. A. F. Bianco Jr.

TORNEIO DE TIRO AO ALVO

Programadas pela D.G.I. na parte desportiva das solenidades do aniversário da Corporação, realizaram-se no dia 11 de dezembro último, no estande da A.D. Floresta, gentilmente cedido à Fôrça Pública, as provas de revólver para oficiais, nas categorias de "selecionados" e "novos".

Na prova de "novos" concorreram 18 oficiais representantes das diversas Unidades, e na prova de "selecionados", apresentaram-se as representações da

Fôrça, 2.a R.M., A.D. Floresta, C.R.V. e A.M.T.A. (Mogi das Cruzes).

Embora estivessem alguns fora de treinamento, facilmente se observa pelos resultados que os primeiros classificados pertencem a nomes já conhecidos do desporto do tiro.

As provas decorreram normalmente sob a direção do major Milton Ciriaco de Carvalho e do juri previamente escalado.

As classificações individuais foram as seguintes:-

Grupo formado pelos participantes do torneio



PROVA NOVOS

1.o lugar — Cap. Nelson Simões Schaeffer de Oliveira, do B.P., com 171 pontos

2.o lugar — cap. Lázaro Walter Ribeiro, do B.G., com 169 pontos

3.o lugar — cap. Élio Afonso da Cunha, do P.M.R.G., com 169 pontos

4.o lugar — 1.o ten Luiz Cyrillo Ferreira, do 6.o B.C., com 168 pontos

5.o lugar — Cap. Osvaldo Feliciano dos Santos, do Quartel General, com 164 pontos

6.o lugar — Cap. Paulo Monte Serrat Filho, do 9.o B.C., com 159 pontos.

7.o lugar — Cap. Renato Ourique de Carvalho, do S.F., com 154 pontos

8.o lugar — Cap. Alfredo de Paula Pereira das Neves, da 1.a Cia. Ind. com 154 pontos

9.o lugar — Cap. Roldão Nogueira de Lima, do Reg. "9 de Julho", com 151 pontos

10.o lugar — Cap. Sadoc Chaves Simas, do B.T.A., com 144 pontos.

PROVA SELECIONADOS

1.o lugar — Cap. Jorge Mesquita de Oliveira, da F.P. (DGI), com 281 pontos

2.o lugar — sr. José C. Amaral, da A.D.F., com 279 pontos

3.o lugar — sr. Afonso Alves Muniz, da A.M.T.A. (Mogi das Cruzes), com 269 pontos

4.o lugar — sr. Mário M. Soubhia, do C.R.T., com 264 pontos e

5.o lugar — sr. Milton Pena, do C.R.T., com 261 pontos.

VOLEIBOL E BOLA AO CESTO

Programados na parte desportiva das solenidades comemorativas de mais um aniversário da milícia bandeirante, realizaram-se no dia 14 de dezembro, no Ginásio da Escola de Educação Física, jogos de voleibol e bola ao cesto.

Para a disputa dessas modalidades foram convidadas seleções de Sargentos da Base Aérea de Cumbica, (voleibol) e de oficiais da II.a Região Militar (Guarnição da Capital) (Bola ao Cesto). Coube a vitória, nas duas modalidades, às seleções da Força Pública de São Paulo, com a seguinte contagem:-

Voleibol:- F.P.S.P. — 3 X Base Aérea de Cumbica — 0

Bola ao Cesto:- F.P.S.P. — 40 X Seleção de Oficiais de E.N. — 39.

EQUIPES PARTICIPANTES:

Seleção de Sgts. da Base Aérea de Cumbica:

Dantas, Edir, Rubens, Jesus, Cardoso, Dedoff, José e Fernandes

Seleção de Sgts. da F.P.S.P.:

Vitoriano, Cordeiro, Saturnina, Orlando, Rodrigues, Pacomio e Mathias

Seleção de Oficiais do Exército:

Major Dalmo, Asp. Roberto, Cap. Dias, Ten. Fernando, Ten. Alves, Ten. Henrique, Ten. Pinheiro, Ten. Serafim e Cap. Toledo.

Seleção de Oficiais da F.P.S.P.:

Ten. Ortega, Ten. Sylvio, Ten. Dorival, Ten. Dorian, Ten. Adolfo, Ten. Parreiras, Ten. Clodomiro, Ten. Irayba, Ten. Martinho, Ten. Fabri e Ten. Nogueira.

Compareceram aos jogos o sr. coronel Geraldo Rangel de França, cmt. geral interino da F.P.; major Demócrito Soares de Oliveira, representante do General Cmt. da 2.ª Região Militar; Coronel Diretor Geral de Instrução; Coronel Inspetor Administrativo; sr. Mércio Prudente Corrêa, presidente dos Veteranos de 1932; cmts. de Corpo e chefes de Serviço, bom número de oficiais e demais convidados.

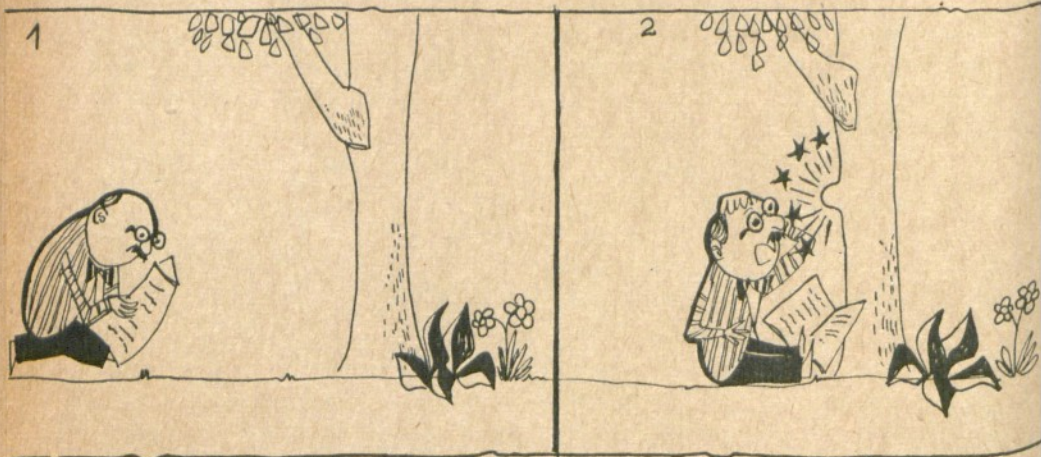
Após os jogos houve troca de flâmulas entre as Corporações disputantes, discursos de representantes e chefes de

equipes, finalizando a solenidade o sr. Coronel Cmt. Geral que agradeceu a presença de todos e enalteceu as vitórias das nossas turmas, não deixando também de frizar a combatividade das equipes adversárias, que tão bem representaram suas Corporações.

O presidente dos Veteranos de 1932, sr. Mércio Prudente Corrêa, fez entrega de uma significativa flâmula que acompanhou as cinzas do falecido general Izidoro Dias Lopes a São Paulo, no dia 9 de julho do ano transato, quando fôra trasladado para esta Capital

Desta forma, a nossa Corporação estreitou ainda mais os laços da amizade tradicional que une a Força Pública, Aeronáutica e Exército. O "importante é competir e não vencer", esteve presente, e apesar do ardor e entusiasmo com que se houveram as equipes, sobressaiu em primeira plana a lealdade dos elementos disputantes.

Após o jogo foi oferecido aos visitantes um jantar em nosso Serviço de Subsistência.



Com a epígrafe acima, desejamos fazer justiça a um batalhador incansável, zeloso de suas obrigações, dotado de alto espírito altruístico e participante prático das causas sociais. Em benefício do seu semelhante, desconhece o sacrifício e, além das suas árduas tarefas inerentes ao seu trabalho, inverte o seu repouso em redobrado esforço em prol da coletividade.

Honra ao Mérito

Romeu Luiz Marino

Cap. Bianco Jr.

Assim é, que comumente encontram-se espalhados em instituições, repartições, escolas, bares e paredes, cartazes sugestivos, letreiros e «slogans» de alerta aos motoristas, pais e menores, e ao público, visando com conselhos e advertências ao bem estar geral. Tudo isto é feito com sacrifícios pessoais, com gastos próprios e às vezes bastante onerosos. Não se limita somente à distribuição deste material de propaganda, mas submete o seu trabalho a uma ordem prática, procuran-



do conversar, aconselhar, advertir pessoalmente os que julga merecedores dessa medida. Visa pois, ao bem coletivo este digno representante da nossa Polícia Civil. Com sua atitude eleva-se no plano dos ativos empreendedores, homens que desempenham perante a Pátria mais que o seu trabalho normal; torna-se um batalhador especial, do porte dos que dão de sua vida um pouco aos que necessitam. São uns sonhadores, dizem os que não acreditam nessa luta, que é a luta da humanidade; pusilâmines, não a enfrentam. São uns visionários, declaram os que egoístas, só pensam no bem estar pessoal. Para nós, que pensamos na mesma causa, Romeu Marino é uma bandeira e uma esperança, e porque não dizer, uma estrela iluminada por Deus, que mantém neste mundo tão material, um pugilo de homens de bem.

QUESTÕES JURÍDICAS

Monte Serrat Filho

Hildebrando Chagas

S.M.G. — Uso de medalhas comemorativas por elementos da Fôrça Pública. Não deve ignorar o consulente o abuso da instituição de medalhas comemorativas de uns anos para cá. Depois, tais medalhas passaram a ser vendidas, nada dizendo do real valor pessoal dos militares que as ostentavam, desmerecendo, de certo modo, diante do povo, o alto significado das condecorações conquistadas nos campos de batalha ou por outros méritos dos agraciados. Era comum ver-se jovens oficiais com o peito coberto por três ou quatro andares de passadeiras, os quais, em razão da própria idade, não poderiam ter participado do último conflito mundial, integrando as tropas do Brasil, e nem prestado serviços civicos de tal monta que justificassem a larga faixa multicolorida à altura do coração. Tal situação era deprimente para os portadores de comendas tradicionais e, por isso, o senhor Presidente da República resolveu, em boa hora, proibir o seu uso pelos componentes das Fôrças Armadas do Brasil, com o decreto n.º 40.556 de 17 de dezembro de 1956.

E' bom acrescentar que o mencionado decreto não proíbe apenas o uso de medalhas comemorativas, mas também o de medalhas estrangeiras de institutos que as comercializaram. A êste propósito, acreditamos que o próprio consulente conheça pessoas laureadas

por "Academias" culturais e científicas, sediadas em Roma, Paris e alhures, as quais nunca foram cientistas e nem mesmo sabem sequer uma palavra dos idiomas falados nesses países.

A Fôrça Pública, como parte integrante das Fôrças Armadas, deveriam ser aplicadas as determinações do decreto presidencial; no entanto, não nos lembramos de qualquer recomendação em Boletim Geral ordenando a sua observância.

* * *

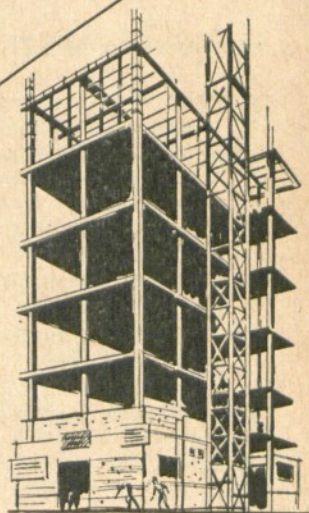
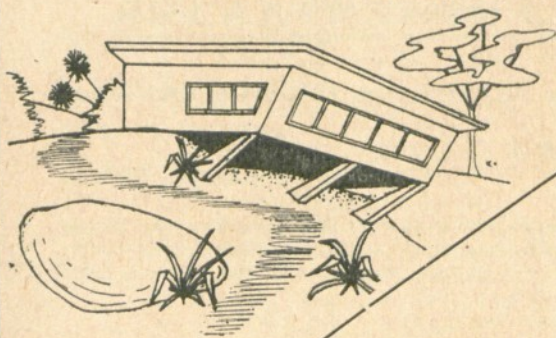
A.M.F. — Sorocaba — "Tenho um filho menor que vem ganhando 50% do salário mínimo em vigor. Soube, no entanto, que êle pode ganhar mais, já que conhece perfeitamente a profissão. E' verdade o que me disseram? Se fôr afirmativa a resposta, pretendo...".

E' perfeitamente procedente a informação que lhe foi dada, pois o menor não só pode ganhar o salário mínimo, como outro qualquer que lhe seja superior.

E' clara, alias, a lei 1.723, de 8 de novembro de 1952. Dando solução a apenas uma parte da matéria e regulamentando texto constitucional, motivou a seguinte nova redação do artigo 461 da Consolidação das Leis do Trabalho: "Sendo idêntica a função, a todo traba-

ESCRITÓRIO DE CONSTRUÇÕES CIVIS

AVENIDA 9 DE JULHO, 1289 - TELEFONE 36-4910



RESPONSÁVEL TÉCNICO

GUILHERME ERNESTO ORTH

ENGENHEIRO CIVIL - CREA 7397

lho de igual valor, prestado ao mesmo empregador, na mesma localidade, corresponderá igual salário, sem distinção de sexo, nacionalid.de ou idade.

§ 1.º Trabalho de igual valor, para os fins deste Capítulo, será o que fôr feito com igual produtividade e com a mesma perfeição técnica, entre pessoas cuja diferença de tempo de serviço não fôr superior a dois anos”.

Orth, não vemos como se possa titubear diante de texto tão preciso. O menor, desde que no exercício de função idêntica preste trabalho de igual valor ao mesmo empregador, na mesma localidade, faz jus ao salário que percebe o adulto. E' o caso do seu filho? Creio não seja tão difícil chegar a uma conclusão. Contudo, consulte um advogado em caso de dúvida.

Não se lembrou o legislador, porém, do menor aprendiz. Qual o salário que, hoje, lhe assegura a legislação trabalhista?

Todos sabemos que até 1946 o decreto-lei n.º 2.162 determinava que, em qualquer caso, o salário mínimo do menor seria igual a 50% do salário do adulto. Esclareça-se, aliás, que este diploma legal vigorou a partir de 1943 face ao que definia o decreto 5.977, de 10 de novembro daquele ano. No entanto, a Constituição Federal revogou-o ao determinar a obrigatoriedade de salário igual para função igual, sem distinção de sexo, idade ou nacionalidade. E agora? Como determinar o salário do menor aprendiz?

Parece-nos que a legislação existente não dirime de forma satisfatória a dúvida que persiste. Só nos cabe aguardar o pronunciamento do legislador que, em verdade, já tarda.

NOSSOS REPRESENTANTES

Representam MILITIA no Exterior, nos Estados e Territórios

BOLIVIA (Cuerpo de Carabineros)

— Dirección General de Policía (La Paz) — Cap. Saul Herbas Casanovas

CHILE (Cuerpo de Carabineros)

— Prefectura General (Valparaíso) — Capitán Franklin Troncoso Baclet.
— IV Zona de Carabineros (Concepción) — Capitán Moisés Suty Castro
— Av. Portales, 940 — Depto. 35 (San Bernardo) — Cap. Efraim de la Fuente Gonzalez.

ACRE (Guarda Territorial)

— Q.G. (Rio Branco) — Ten. Carlos Martinho Rodrigues Albuquerque

ALAGOAS (Policia Militar)

— Q.G. (Maceió) — Cap. Sebastião Ribeiro de Carvalho.
— Destacamento Policial (São Brás) — 3.º Sgt. José Pereira da Silva.

AMAPA (Guarda Territorial)

— Sede (Macapá) — Ten. Uadih Charone

AMAZONAS (Policia Militar e Corpo de Bombeiros)

— Cap. José Silva

BAHIA (Policia Militar)

— Palácio da Aclamação (Salvador) — Major Edson Franklin de Queiroz
— 2.º B.C. Ilhéus — cap. Horton Pereira de Olinda
— 3.º B.C. (Juazeiro) — Cap. Salatiel Pereira de Queiroz
— Corpo Municipal de Bombeiros (Salvador) — Praça Veteranos — Cap. Alvaro Albano de Oliveira.

CEARA (Policia Militar)

— B.I. (Fortaleza) — Major José Delídio Pereira

DISTRITO FEDERAL (Policia Militar)

— Q.G. (Rio de Janeiro, D.F.) — Ten. Luis Alberto de Sousa
— R.C. (Rio de Janeiro, D.F.) — Ten. Hernani Alves de Brito Melo
— EFO (Rio de Janeiro, DF) — Cadete Enio Nascimento dos Reis
— Corpo de Bombeiros (Rio de Janeiro, D.F.) — Ten. Fernando Carlos Machado.

ESPIRITO SANTO (Policia Militar)

— Q.G. (Vitória) — Ten. João Tavares da Silva

GOIAS (Policia Militar)

— Q.G. (Goiânia) — Cap. Antônio Bomfim dos Santos
— 2.º B.C. (Goiás) — Ten. Rui Barbosa de Moura

MARANHAO (Fôrça Policial)

— Q.G. (São Luis) — Cap. Eurípedes Bernardino Bezerra

MATO GROSSO (Policia Militar)

— Comando Geral e 1.º BC (Cuiabá) — Cap. Domingos Santana de Miranda
— 1.º B.C. — Cuiabá — asp. Ivan Rodrigues Arrais
— 2.º B.C. — Campo Grande — ten. cel. Bevilacqua de Souza Soares
— 2.º B.C. — Ponta Porã — sgt. Francisco Romeiro

MINAS GERAIS (Policia Militar)

— Q.G. (Belo Horizonte) Ten. Carlos Augusto da Costa
— 3.º B.I. (Diamantina) — Ten. Geraldo Francisco Marques
— 7.º B.I. (Bom Despacho) — Cap. José Guilherme Ferreira
— 8.º B.I. (Lavras) — Ten. Felisberto Cassimiro Ribeiro
— 9.º B.I. (Barbacena) — Ten. Manoel Tavares Corrêa.

- PARA (Polícia Militar)**
 — Q.G. (Belém) Major Dr. Walter da Silva
- PARAIBA (Polícia Militar)**
 — Q.G. (João Pessoa) — Ten. Luís Ferreira Barros
- PARANA (Polícia Militar)**
 — Curitiba — ten. Donatelo Ariel Damasceno
- PIAUI (Polícia Militar)**
 — Q.G. (Teresina) — Cap. Oswaldo Duarte Carvalho
- RIO DE JANEIRO (Polícia Militar)**
 — Q.G. — Cap. Ademar Guilherme
- RIO GRANDE DO NORTE (Polícia Militar)**
 — Q.G. (Natal) — Major Antônio Moraes Neto
- RIO GRANDE DO SUL (Brigada Militar)**
 — Q.G. (Porto Alegre) — Ten. Julio Soveral da Rosa
 — 4.º B.C. (Pelotas) — Cap. Renato Moro Ramos
 — 2.º R.C. (Livramento) — Ten. Carlos Cravo Rodrigues
- SANTA CATARINA (Polícia Militar)**
 — Q.G. (Florianópolis) — Ten. Edgar Campos Pereira
- SAO PAULO (Força Pública)**
 — Q.G. (Capital) — Cap. Nelson Agostinho Ferreira
 — C.F.A. — C.A.O. — ten. Valdomiro de Abreu
 — C.C.S. — cap. Salvador De Cico
 — C.C.C. — ten. Nelson Soares
 — F.M.I. — sgt. Osvaldo Varela
 — B.G. (Capital) — Ten. Salvador Scafoglio
 — Btl. Tobias de Aguiar (Capital) — Ten. Antônio Meneghetti
 — R.C. (Capital) — Asp. Jair Benedito Conte
 — C.B. — sgt. Pedro Marques
 — B.P. (Capital) Cap. Lourenço Roberto Valentim de Nucci
 — 2.º B.C. (Capital) — Ten. Benedito Augusto de Oliveira
 — 3.º B.C. — Ribeirão Preto — ten. Nelson Homem de Melo
 — 4.º B.C. (Bauru) — Ten. Aparecido do Amaral Gurgel
 — 5.º B.C. (Taubaté) — Ten. Mário Ferreira
 — 6.º B.C. (Santos) — Ten. Gilberto Tuiuti Vilanova
 — 7.º B.C. — Sorocaba — ten. Antônio Carlos Martins Fernandes
 — 8.º B.C. (Campinas) — Ten. Francisco de Oliveira Andrade
 — S.M.B. (Capital) — Ten. Norberto Nicolaci
 — S.E. (Capital) José de Campos Montes.
 — S.I. (Capital) — Ten. Alvaro Júlio Pielusch Altmann
 — S.F. (Capital) — Ten. Mário Costa e Silva
 — S. Trns. (Capital) — Ten. Antônio da Silva
 — S. Subs. (Capital) — Ten. Pedro Barros de Moura
 — E.E.F. (Capital) — Ten. Diomar de Melo Torquato
 — S.T.M. (Capital) — Ten. Domingos de Melo
 — S.S. - H.M. (Capital) Ten. José Augusto Rezende
 — 1.ª Cia. Ind. (Mogi das Cruzes) — Cap. Alfredo de Paula das Neves
 — 2.ª Cia. Ind. — São José do Rio Preto — cap. Sebastião Lopes
 — 3.ª Cia. Ind. (Presidente Prudente) — Ten. Walter Dias
 — 4.ª Cia. Ind. (Araraquara) — Ten. Adalberto José Gouvêa
 — 1.ª C.I.B. (Santos) — Cap. Paulo Marques Pereira
 — Rádio Patrulha (Capital) — sr Epaminondas Caldas Camargo.
 — Cia. de Policiamento Rodoviário (Capital) — Ten. Flávio Capeletti
 — Polícia Florestal (Capital) — Cap. Teodoro Nicolau Salgado.
- SERGIPE (Polícia Militar)**
 — Q.G. — Aracaju — cap. Renato de Freitas Brandão

Além dos supra mencionados, mantemos agentes em tôdas as cidades do interior do Estado de São Paulo e ainda em numerosas outras cidades do Brasil.



FESTA DE NATAL NO TRIBUNAL MILITAR

Com a presença de numerosas crianças e pessoas das famílias dos funcionários do T. J. M. do Est. do, realizou-se a festa de Natal organizada pelo tenente Augusto dos Santos Cordeiro e

pelos sargentos Benedito Onofre Jacinto, João Paulo Novais, Dirceu Domicildes, Vilastro Camilo, Felício Larucci, Carlos Pereira da Silva, Oscar Pereira Monteiro e outros. Constaram do programa recreativo as apresentações dos cantores do Clube Papai Noel, Trio Bandeirante, dupla Passoquinhã, e Carinana, "nhô Mané" e números musicais a cargo de músicos da Força Pública. Seguiu-se a distribuição de presentes para os filhos dos funcionários, bem como doces e salgados. Além dos milicianos, assistiram à festa, entre outros, os srs. Valdomiro Lobo da Costa, presidente do T.J.M.; Severo Maranhão, José Lopes da Silva, juízes; Naclerio Homem Neto, Alberto Pujol, advogados. Na gravura, um aspecto da festa.



NOSSA CAPA

A dupla "Cosme e Damião", da tradicional Polícia Militar do Estado de Alagoas.



MILITIA

Revista de assuntos técnicos policiais
militares e culturais em geral

ÓRGÃO DO CLUBE DOS OFICIAIS DA FORÇA
PÚBLICA DE SÃO PAULO

Redação e Administração:

RUA ALFREDO MAIA N.º 106

Fones } externo 34-6488
 } interno 138

SÃO PAULO, S. P. _____ Brasil

ANO X

Janeiro/Fevereiro de 1957

N.º 67

DIRETOR GERAL:— cel. José Anchieta Torres
DIRETOR RESPONSÁVEL E TESOUREIRO:— 1.º ten Hildebrando Chagas (E.J.C.L.)
SECRETÁRIO:— major Francisco Vieira da Fonseca
GERENTE:— Cap. Miguel M. Sendin

REDADORES :

— ten. cel. cap. P. A. Cavalheiro Freire — 1.º ten. Antonio Silva
— cap. Plínio D. Monteiro — cap. Felix de Barros Morgado
— cap. Jorge Mesquita de Oliveira — cap. Francisco Antonio Bianco Jr.
— major Olímpio de O. Pimentel

ILUSTRAÇÃO :

— cap. Felix de Barros Morgado
— Nelson Coletti

FOTOGRAFIA :

— Gab. Fot. da F.P.

ASSINATURAS

Por 6 números Cr\$ 50,00
Número avulso Cr\$ 10,00

AOS COLABORADORES E LEITORES

- * A colaboração nesta revista é franca a todos; porém, não será possível a publicação de trabalhos político-partidários ou religioso-sectários os quais não se enquadram em seu programa.
- * Toda a matéria deve ser datilografada com espaço duplo, num só lado do papel, não devendo ultrapassar seis páginas de papel almasso. Os desenhos e esquemas ilustrativos referentes aos trabalhos deverão ser feitos a nanquim, sobre cartolina ou papel branco forte.
- * Os originais não serão devolvidos, mesmo quando não publicados, nem mantemos correspondência sobre a sua publicação.
- * A Revista não assume responsabilidade por conceitos formulados pelos autores em trabalhos assinados.

- * Desejamos estabelecer permuta
- * Deseamos establecer el cambio
- * Desideriamo stabilire cambio
- * On désire établir échange
- * We wish to establish exchange
- * Austausch erwünscht



... NO BOCAL DO APARELHO



UM CONSELHO
DA

E não fale excessivamente alto. Qualquer incorreção no falar ao telefone prejudica e torna desagradável a audição. No telefone, é a sua voz que o representa.

COMPANHIA TELEFÔNICA BRASILEIRA